

Claudete Cechet

LEITURA: ENTRE A TEORIA E A EXPERIÊNCIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado, Área de Concentração em Leitura e Cognição, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Eunice Terezinha Piazza Gai

Santa Cruz do Sul, abril de 2010

COMISSÃO EXAMINADORA

Titulares

Prof. Dr. Eunice Terezinha Piazza Gai – Orientadora

Prof. Dr. Zila Letícia Goulart Pereira Rêgo

Prof. Dr. Fabiane Verardi Burlamaque

Aos meus alunos, em especial aos que fizeram parte deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe e às minhas irmãs Marilda e Marta, pelo incentivo, compreensão e apoio constantes, acreditando e confiando em mim.

À Prof. Dr. Eunice Terezinha Piazza Gai, responsável pela continuidade da minha caminhada, pelo carinho, atenção e paciência em cada palavra, em cada encontro. O olhar crítico, estimulante e desafiador fizeram-me seguir em frente. Fica a minha admiração e o meu reconhecimento sincero pela profissional competente, dedicada, inteligente e pelo ser humano digno de existir.

À Prof. Dr. Flávia Brocchetto Ramos, pelo olhar atento e compreensivo como qualificadora do meu projeto, acreditando nos primeiros passos incertos, valorizando uma possibilidade de acerto.

À direção do Instituto Estadual de Educação Gomercinda Dornelles Fontoura, que, ao saber da proposta deste trabalho, além de confiança, ofereceu-me condições para realizá-lo e colocou-se à minha inteira disposição.

Aos alunos participantes do “Projeto de Leitura”, pela disposição, comprometimento e interesse pelo trabalho em que se envolveram.

A Deus, pelas tantas experiências vividas durante o Mestrado, ocasião em que a vida tornou-se particularmente difícil, mas mesmo assim a força interior e o entusiasmo não se apagaram. Ao contrário, o sentimento de proteção divina me fez acreditar mais ainda na transcendência, percebendo a existência da vida como um sopro que precisa ser vivido conscientemente, e, acima de tudo, valer a pena.

A todos que de uma maneira ou de outra colaboraram para a execução deste trabalho de pesquisa, tornando-o não apenas uma experiência de trabalho, mas principalmente de vida.

A vivência estética cria uma atitude muito sensível para os atos posteriores e, evidentemente, nunca passa sem deixar vestígios para o nosso comportamento.

Vigotski

Livros constituem 'experiências de verdade', quando nos desvendam e configuram uma verdade ignorada, escondida, profunda, informe, que trazemos em nós, o que nos proporciona o duplo encantamento da descoberta de nossa verdade na descoberta de uma verdade exterior a nós, que se acopla a nossa verdade, incorpora-se a ela e torna-se a nossa verdade.

Edgar Morin

RESUMO

O presente estudo focaliza a leitura de textos literários como um acontecimento potencializador da produção escrita no Ensino Médio, enfatizando primordialmente o lugar do leitor no texto por meio da sua subjetividade. Considera-se a relação do leitor com o texto literário para se compreender o processo de construção de sentidos, do que se depreende que, além de o leitor possuir um modelo de mundo resultante de suas experiências, o texto desperta-lhe algo, provocando-lhe estímulos e atingindo-o na essência de si mesmo. Desse modo, o sentido está atrelado ao que não é dito no texto, ou seja, os vazios do texto, os quais são preenchidos pelo leitor ao ler. Isso se constitui em experiência de leitura e ameaça a estabilidade do mundo interior do leitor, encaminhando-o à desconstrução de suas referências para então articular o sentido revelado por esse processo para construir o novo. Para explicitar esses pressupostos, trabalha-se com cinco contos literários junto a alunos de Ensino Médio, buscando-se ler, anotar impressões sobre cada texto e discutir ideias a partir dessas impressões para incentivar a produção escrita dos estudantes. Os resultados indicam que a leitura literária encaminha o leitor à reflexão, proporcionando-lhe tornar-se mais crítico e reflexivo, além de entrar num espaço em que ele mesmo coloca em questão suas convicções, suas percepções para ir além do entorno e de si mesmo. A análise dessa prática pedagógica é predominantemente descritiva, visando à constatação do quão profícuo é o texto literário na construção do conhecimento e na formação do estudante.

Palavras-chave: leitura, literatura, leitor, subjetividade, produção textual

ABSTRACT

The present study focus on the reading of literary texts as a writing production intensifier during high school, emphasizing mainly the reader's place in the text, through his subjectivity. The relation between reader and literary text is essential for understanding the process of meaning construction – from which it is possible to infer that, besides the fact that the reader has a model of world resulting of his own experiences, the text evokes something, causing stimulus and touching him on his own essence. Thus, the meaning is linked to what is not said on the text, that is, the blanks in the text, which are filled by the reader during the reading process. This constitutes reading experience and threatens the stability in the reader's interior world, leading him to the deconstruction of his references, so that he can articulate the meaning revealed by this process to build a new one. To make these presuppositions clear, a group of high school students work with five short stories, reading and writing down their impressions on the texts, and discussing ideas to encourage students' writing production. The results show the literary reading leads the reader to reflection, providing him with a more critical and reflexive attitude, and also allowing him to enter a space where he puts his convictions and perceptions to the test, going beyond himself and his surroundings. The analysis of such pedagogical practice is mostly descriptive, aiming the validation of how fruitful is the literary text when it concerns knowledge construction and student's formation.

Key-Words: reading, literature, reader, subjectivity, writing production.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 O TEMA DA LEITURA E ALGUMAS IMPLICAÇÕES	17
1.1 A leitura nos séculos passados	18
1.2 Teoria da leitura e o lugar do leitor	23
1.3 Texto literário e leitor	32
1.3.1 A relação entre o dito e o não-dito no texto literário	36
2 EXPRESSÃO DA SUBJETIVIDADE E FORMAÇÃO DO LEITOR	40
2.1 Atualização do mundo interior do leitor	50
3 OS CONTOS LITERÁRIOS: SELEÇÃO E ANÁLISE TEMÁTICA	53
3.1 No retiro da figueira	54
3.2 A máquina extraviada	57
3.3 A moça tecelã	61
3.4 Clínica de repouso	65
3.5 O enfermeiro	68
4 O TRABALHO DE LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL	74
4.1 Experiência pedagógica com a leitura	74
4.1.1 Procedimento da experiência	80
4.2 Descrição e análise da atividade realizada com os alunos	84
4.2.1 As primeiras impressões sobre a leitura dos contos	85
4.2.2 As relações entre a leitura literária e a produção escrita	93
4.2.2.1 Coerência temática na produção textual	107
CONSIDERAÇÕES FINAIS	114

REFERÊNCIAS	121
ANEXOS	124
Anexo A - Termo de Consentimento	124
Anexo B - Controle de Participação no Projeto de Leitura	126
Anexo C - Os Textos Narrativos	127
Anexo D - Produção Textual dos Alunos	128
Anexo E - Cópia da Produção Textual dos Alunos	130

INTRODUÇÃO

Toda reflexão faz surgir um mundo.

Maturana e Varela

O texto literário constitui-se num instrumento desencadeador de múltiplas leituras, uma vez que possibilita ao leitor elucidar questões muitas vezes não discutidas, não pensadas, não analisadas no seu cotidiano, limitando-se ao superficialismo e conduzindo-se à alienação de si e das relações existentes no mundo. Ouvir e contar histórias é uma prática cultivada pela humanidade desde as épocas mais remotas. Ao longo dos tempos, o homem sempre contou histórias para dizer algo, para expressar o seu pensamento, as suas angústias, para questionar a si e ao entorno. Ao narrar, ele cria uma relação significativa com o real e, quando essa narrativa entra no plano da ficção, torna-se um elemento importante no âmbito da imaginação e da subjetividade.

O mundo ficcional procura refletir o porquê das realidades existentes no mundo real, bem como as exigências decorrentes deste a partir de uma visão crítica e sensível. Por meio do texto literário, o leitor tem, por exemplo, a possibilidade de descobrir o que está por detrás de relações conflituosas, aprender a compreender o que aparentemente não é compreendido, ou seja, torna-se possível ampliar “as possibilidades de compreensão e de reflexão” (MORIN, 2001, p. 14), o que significa que a leitura de uma obra literária é emancipatória, pois dilata conceitos e elimina preconceitos.

De acordo com D’Onofrio (1995), a narrativa ficcional dá vida às palavras e constitui-se numa forma de conhecimento da própria vida, colocando-se acima de convenções sociais, fazendo refletir a essência da condição humana, a verdade, a justiça, o amor, o tempo, a morte, etc., reforçando assim a função social do texto literário. Para o referido autor, a Literatura vai muito além disso, pois também provoca o prazer, forma conhecimento de uma realidade objetiva ou psicológica, purifica sentimentos e ainda prega ideologia.

A arte literária atualiza a própria vida, e isso significa trazer à tona a existência do homem em toda a sua amplitude, já que a narrativa se vale da exploração dessa existência para constituir, ampliar, refletir significados, num campo puramente hipotético, a partir da maneira como é contada. “A meditação romanesca é pois, por essência, interrogativa, hipotética” (KUNDERA, 1988, p. 72).

Ora, se a razão de ser do romance é manter o mundo da vida sob uma iluminação perpétua e nos proteger contra o esquecimento do ser, a existência do romance não é, hoje, mais necessária que nunca (KUNDERA, 1988, p. 21)?

Infelizmente, na sociedade atual, muitos jovens desconsideram ou até mesmo ignoram o ato de ler, e muitos são os fatores que os conduzem a essa postura. Reverter este quadro é tarefa da escola, do ensino, uma vez que ler, assim como escrever, constitui-se numa habilidade indispensável ao desenvolvimento de um indivíduo. Uma questão preocupante com relação à leitura escolar é o fato de o aluno expressar muitas vezes que não gosta de ler. Diante disso, além de o professor se questionar sobre o porquê de tal aversão, cabe ressaltar que o gosto pela leitura não se dá por pressão de professores e/ou família. A leitura precisa ser orientada de modo que o estudante sinta o papel de reflexão que ela propicia e entenda que é uma atividade que proporciona prazer, conhecimento, lazer, liberdade, autonomia, tornando a pessoa mais consciente de si e do seu entorno, aflorando sua sensibilidade, seu conhecimento, sua percepção sobre a existência humana.

A seleção de textos, para serem levados à sala de aula, seja qual for a modalidade e o nível de educação, não é um trabalho fácil para o professor, embora exista uma variedade de

obras à sua disposição. Selecionar textos requer adequação ao tipo de leitor, ao seu campo de conhecimentos, aos seus interesses, etc. Em consonância a isso, certamente o material escrito torna-se um pouco mais significativo ao aluno “não-leitor”.

O consenso de que a leitura tem o poder de transformar a aprendizagem escolar, qualificando-a e permitindo que o aprendiz desenvolva habilidades que lhe possibilitarão compreender a si mesmo como um ser individual e social, capaz de tornar-se um cidadão mais consciente em seu meio, e a existência de muitos estudos sobre leitura e sua importância não garantem a valorização do ato de ler em sala de aula. É preciso, antes de mais nada, que o texto escrito seja atrativo e compreendido, fazendo sentido à vida do aluno para que assim ele comece a ler, a gostar de ler e, então, torne-se um leitor proficiente. E isso é uma tarefa árdua na realidade educacional brasileira.

Partindo-se do princípio de que a leitura exerce um papel de transformação no indivíduo, este trabalho tem por objetivo fazer um estudo sobre o processo de leitura literária no Ensino Médio, aliando-se à concepção de que “a educação deve contribuir para a transformação da pessoa (ensinar a assumir a condição humana, ensinar a viver) e ensinar como se tornar cidadão” (MORIN, 2001, p. 65). O presente estudo é de caráter exploratório, envolvendo um grupo de estudantes para realizarem atividades de leitura, discussão oral de ideias e produção textual.

O primeiro passo foi encaminhar um projeto de leitura ao Comitê de Ética, a fim de que este avaliasse o mesmo, tendo em vista que estudantes fariam parte do trabalho, sendo, portanto, necessária a sua autorização para o procedimento do mesmo. Concretizada esta primeira etapa, foram convidados quinze alunos de uma escola da rede pública estadual do Ensino Médio, para participarem de um “Projeto de Leitura”, o qual seria realizado fora do horário de aulas normais. Aceitos os convites, iniciou-se o trabalho de leitura propriamente dito, em que, a partir da leitura de contos literários, os alunos discutiam ideias sobre o que os textos que lhes diziam e, posteriormente, escreviam sobre elas.

A escolha dos contos literários selecionados para este experimento partiu do pressuposto de que o público adolescente encontra-se numa faixa etária em que dois aspectos lhe dizem

respeito, mesmo que ainda não muito conscientemente: os jovens deparam-se com o mundo interior e buscam tomar posição sobre valores e concepções que antes não lhes interessavam, passando assim à elaboração de juízos de valor. Além disso, é um período da vida em que despertam também para questões sociais e interrogam-se sobre o lugar que ocupam na sociedade. É um emaranhado de questionamentos que lhes vêm à mente, misturando-se a uma busca de identidade própria. Neste contexto, o conto literário é extremamente fecundo à reflexão de fatores que conduzem o indivíduo à construção de si mesmo.

A proposta intencionada nesta dissertação consta de um estudo em que procura aproximar leitura de textos literários e produção de texto opinativo-argumentativo num espaço em que convergem subjetividade do leitor e busca de sentido como elementos essenciais à transformação do indivíduo. Para isso, esta pesquisa consta de quatro capítulos, subdivididos posteriormente em outros.

No primeiro capítulo busca-se entender como se dão os processos de leitura, bem como seus possíveis efeitos no leitor. Procura-se discutir a importância da leitura do texto literário e, para isso, faz-se um estudo sobre leitura e o lugar do leitor, enfatizando a busca de sentido. Inicialmente, contextualiza-se o aprendizado da leitura nos séculos passados, tendo-se como suporte teórico Manguel e Lajolo e Zilberman. Destaca-se o fortalecimento da família e o surgimento da sociedade capitalista como responsáveis pela valorização do gosto pela leitura, salientando-se, por exemplo, que, só por volta do século XV, o ensino da leitura passou a preocupar-se com a discussão de textos, conforme afirma Manguel (1997), e não mais em decorá-los ou recitá-los. Da leitura oral na Idade Média à leitura silenciosa nos dias atuais, o indivíduo se torna um consumidor de livros, e a leitura passa a ser responsabilidade de cada leitor. Já a partir desta abordagem histórica, percebe-se o quanto a leitura literária pode contribuir para a formação do indivíduo, de modo que o seu papel na vida do leitor foi e continua sendo um caminho essencial para o seu próprio desenvolvimento.

A partir daí, o foco da pesquisa intensifica-se sobre a busca por sentidos no texto, tendo Colomer e Camps e Smith como os norteadores do estudo, evidenciando que a significação de um texto está no que é desencadeado e despertado na mente de seu leitor, o qual se vale de seu

conhecimento de mundo para compreender. O novo conhecimento se dá a partir do que o leitor sabe, de modo que ele reconstrói o seu saber, amplia, transforma e cria novos saberes. Através da leitura, o leitor identifica-se com o texto, e, ao mesmo tempo, é surpreendido por ele, atualizando o que há em si para então construir sentidos.

O primeiro capítulo traz ainda um enfoque sobre o texto literário, ressaltando a sua importância quanto ao fato de permitir ao indivíduo explorar a realidade, mas não se limitar a ela, penetrando assim na sua própria existência. Este aspecto está alicerçado em Bachelard, Iser e Larrosa para discorrer sobre o que faz com que o leitor transforme significados, gerando encantamento pelo texto e permitindo-lhe que modifique a si mesmo.

Segundo Barthes (2006), a leitura desencadeia o prazer pelo texto, na medida em que o leitor seleciona passagens para ler, ou seja, faz cortes que lhe permitem interagir com o texto, instalar-se nele, o que significa dizer também que o indivíduo não lê tudo com a mesma intensidade de leitura. Esse movimento é de prazer, o que não exprime necessariamente harmonia, entrega ao texto. Ao contrário, é justamente prazeroso por encaminhar o leitor a questionamentos, a divagações, à desacomodação. É um momento perturbador, que o desinstala da passividade de ser, de pensar, de conhecer, para atingir uma nova posição, a qual reforça concepções e/ou as amplia. Portanto, o prazer do texto é estar diante dele, e esse encontro permite ao leitor remeter-se para além do texto.

Partindo-se desse viés teórico, considera-se o texto literário como um instrumento de poder de transformação do aluno. Afirma-se que o potencial do texto literário está na sua função transgressora, desestabilizando o indivíduo e encaminhando-o a um campo de experiência que o leva a um universo diferente de seu dia a dia.

O segundo capítulo faz um breve estudo sobre a expressão subjetiva do leitor diante do texto literário, pondo em evidência o modo como o texto afeta o leitor e como a experiência leitora poderá atingi-lo. A fundamentação deste capítulo percorre os posicionamentos de Bruner, Larrosa e Birman. O primeiro questiona como o texto afeta o leitor; o segundo ressalta o campo experiencial da leitura e seus efeitos sobre o leitor; o terceiro, finalmente, vale-se da concepção

de que o texto sinaliza algo no leitor sobre si mesmo, configurando-se a partir de então o sentido do texto.

No terceiro capítulo, apresenta-se apenas uma análise temática dos contos literários que foram trabalhados com o grupo de alunos. Nesta etapa do trabalho, procura-se simplesmente dissertar sobre cada um dos contos, buscando produzir o encantamento inicial de cada texto. O objetivo dessas análises foi trazer uma possibilidade de leitura para cada narrativa, para auxiliar na discussão sobre os respectivos contos – atividade descrita no capítulo seguinte –, através do eixo temático apresentado em cada conto analisado.

“O trabalho de leitura e produção textual” constitui-se no quarto capítulo, e a ênfase recai sobre a atividade da leitura com os alunos, analisando-se o grupo de estudantes que participaram desta pesquisa e os instrumentos que produziram. Discorre-se sobre os procedimentos da pesquisa na prática pedagógica, encaminhando todo o seu processo de execução como recursos potencializadores da formação do indivíduo. Cabe ressaltar que essa prática foi realizada como uma atividade extraclasse de aulas de Português, ou seja, fora do horário normal das respectivas aulas dos estudantes envolvidos nesta pesquisa, embora pudesse ter sido aplicada em aulas normais da referida disciplina, trazendo contribuições significativas à mesma.

Nesta etapa do trabalho, focaliza-se a interação entre texto e leitor e salienta-se que a Literatura auxilia o aluno a ampliar suas percepções, privilegiando a plurissignificação de sentidos. Dessa forma, o texto literário em aulas de Português oportuniza ao aluno ampliar horizontes de leitura e de discussão e pensar por si mesmo.

No conjunto deste trabalho de pesquisa, acredita-se que a prática da leitura em sala de aula tem o poder de interferir na formação do aluno, transformando-se em experiência para ele. Se através da narrativa literária é possível transformar a vivência de um estudante, então o seu poder de transformação é responsável pela construção de uma sociedade mais humana, mais solidária. Na verdade, embora o aluno se posicione dizendo-se não-leitor, talvez esteja querendo dizer não-leitor de Literatura, afastado-se da leitura literária em detrimento de seu interesse por leituras informativas, mais práticas, menos reflexivas, para as quais os meios eletrônicos se

revelam como ferramenta essencial. Por isso, umas das intenções desta pesquisa é exatamente discutir o que é lido, o que é pensado quando o texto literário está diante do aluno, ressaltando o encantamento pelo texto, ou seja, a que este texto lhe remete, a partir de impressões que o texto suscita.

1 O TEMA DA LEITURA E ALGUMAS IMPLICAÇÕES

O texto literário é imbuído de muitos saberes, o que o torna um instrumento fundamental na prática escolar. Embora seu teor seja sempre ficcional, o conhecimento que dele subjaz constitui-se num mediador para a formação do espírito crítico do aluno. A leitura literária exige esforço por parte do leitor para agregar o conhecimento, e o prazer advindo dela pressupõe pôr em destaque as expectativas do leitor diante do texto e a busca de horizontes novos. Na verdade, o ato de ler faz com que o leitor busque no texto elementos que lhe sejam familiares, que façam parte de seu entorno, de sua cultura. Ao mesmo tempo, implica perceber a necessidade de se apropriar de novos recursos para interagir com o texto, de modo que se ampliem suas expectativas sobre o que lê.

O presente estudo procura focalizar como a leitura de textos literários pode potencializar a criticidade do estudante de Ensino Médio, bem como a sua produção escrita, destacando basicamente o lugar do leitor no texto por meio da constituição de sua subjetividade. Para isso, inicialmente faz-se uma abordagem teórico-reflexiva sobre a relação entre leitura e leitor, a fim de se atingir esse foco. Justifica-se esta pesquisa pelo fato de se considerar a leitura literária como o caminho pelo qual a sala de aula deve nortear o trabalho com o aluno, o que contribui para que outras leituras sejam construídas e ampliadas, bem como considera-se que a leitura oportuniza ao leitor a construção de si mesmo e, a partir daí, novos sentidos para o texto se estabelecem, num movimento interpretativo que transforma o sujeito-leitor.

1.1 A leitura nos séculos passados

Pensar em Literatura e ensino faz com que se analise primeiramente, ainda que de forma concisa, o aprendizado da leitura nos séculos passados, a fim de que se perceba a evolução do lugar do leitor no texto. Para tratar deste aspecto, este estudo baseou-se principalmente em Manguel (1997) e Lajolo e Zilberman (2003) para abordar algumas questões relativas ao assunto, como se vê a seguir.

A figura do leitor surgiu por volta do quarto milênio a. C., quando, com o objetivo de organizar a sociedade, a qual cada vez mais se tornava complexa, e provavelmente por uma necessidade comercial, despontou a arte de escrever, exigindo a compreensão do material escrito, a fim de que o mesmo fizesse sentido. A partir daí, “a palavra escrita tornara-se um símbolo de sabedoria e poder” (MANGUEL, 1997, p. 215/216), o que é reforçado pelo poeta ático Menandro, no século IV a. C., ao dizer “Aqueles que podem ler, vêem duas vezes melhor” (MANGUEL, 1997, p. 216). A leitura constituiu-se num importante mecanismo de construção da humanidade, possibilitando ao ser humano experienciar algo e encontrar-se através das relações entre o conhecimento, a memória da experiência, as quais são feitas atravessando o tempo e o espaço.

Nos primeiros séculos da era cristã, a leitura era predominantemente oral, até porque poucos sabiam ler, o que resultava num grande número de ouvintes. Para santo Agostinho, por exemplo, a palavra lida oralmente representava uma parte ligada ao próprio texto. Era comum a leitura em público, a qual evidenciava uma representação, em que as palavras eram lidas e interpretadas com certos gestos, em que se dava ênfase ao tom de voz do leitor. Na Idade Média, era comum as pessoas se reunirem para ouvir histórias lidas. Manguel faz referência a santo Agostinho quanto à sugestão deste à maneira de ler:

Sempre que leres um livro e encontrares frases maravilhosas que te instiguem ou deleitem teu coração, não confies apenas no poder de tua inteligência, mas força-te a aprendê-las de cor e torná-las familiares meditando sobre elas, de tal forma que ao surgir um caso urgente de aflição terás sempre o remédio pronto, como se estivesse escrito em tua mente. Quando encontrares quaisquer trechos que te pareçam úteis, faz uma marca

forte neles, que poderá servir de visco em tua memória, pois de outra forma eles poderão voar para longe (SANTO AGOSTINHO, apud MANGUEL, 1997, p. 81/82).

Da história da leitura oral depreende-se que ela tanto enriqueceu como empobreceu o ato de ler. Isso porque a experiência advinda da oralidade é menos pessoal do que segurar o próprio livro e ler com os próprios olhos. O ritmo torna-se outro, é uma leitura sem pular, sem voltar a um trecho anterior, como se ler exigisse formalidade em sua prática, de modo que o ouvinte não tem total liberdade diante do ato de ler; mas, por outro lado, também dá ao texto um “sentido de unidade no tempo e uma existência no espaço que ele raramente tem nas mãos volúveis de um leitor solitário” (MANGUEL, 1997, p. 147).

Ler em voz alta estendeu-se por muitos séculos. Esse hábito, no século XVIII, por exemplo, constituiu-se numa atividade enriquecedora para a sociedade, tanto que, na Europa, era comum intelectuais se reunirem em salões organizados especificamente para a leitura, com o objetivo de discutir textos lidos. Mais recentemente, já na metade do século XIX, em Cuba, esta prática levou à criação da função de um leitor contratado para ler aos operários de fábricas de charuto durante o trabalho, o que se tornou proibido mais tarde, temendo-se o efeito desta prática sobre os operários. Já aqui se percebe o poder de transformação que a leitura literária exerce sobre o leitor, o que leva a inferir o quanto ela pode movimentar o conhecimento, de modo que a sua presença na vida de estudantes, conforme a proposta desta pesquisa, é de total importância.

Com o passar dos tempos, a leitura oral não mais ocupou o meio de acesso a muitos textos, o qual era coletivo. De um longo período, passou-se a destacar a leitura silenciosa, a qual trouxe consigo o poder de reflexão do indivíduo. Para Manguel (1997, p. 68), ler silenciosamente “permite a comunicação sem testemunhas entre o livro e o leitor e o singular ‘refrescamento da mente’, na feliz expressão de Agostinho”.

O silêncio para a leitura, já nos séculos seguintes, é visto como benéfico para a compreensão de sentidos, tornando-se a leitura silenciosa familiarizada aos novos tempos. Os textos foram se adaptando a um novo estilo de leitura – a silenciosa e individual, ajustando-se século a século, a fim de facilitar a tarefa do leitor silencioso, com marcadores como divisão em parágrafos, letra maiúscula para iniciá-lo, pontuação.

Manguel enfatiza que a leitura silenciosa evidenciava desde os primórdios que

o leitor podia ao menos estabelecer uma relação sem restrições com o livro e as palavras. As palavras não precisavam mais ocupar o tempo exigido para pronunciá-las. Podiam existir em um espaço interior, passando rapidamente ou apenas se insinuando plenamente decifradas ou ditas pela metade, enquanto os pensamentos do leitor as inspecionavam à vontade, retirando novas noções delas, permitindo comparações de memória com outros livros deixados abertos para consulta simultânea. (MANGUEL, 1997, p. 67/68).

Foi na Idade Média, com o surgimento do papel, que o mercado do livro se ampliou na Europa e os livros passaram a constituir-se num produto comercial, visando ao lucro. A ampliação desse mercado somente se concretizou a partir do domínio da habilidade de ler, o que proveio do fortalecimento da escola – como o lugar que instrumentaliza a pessoa a ler – e da obrigatoriedade do ensino. Isso oportunizou ao indivíduo tornar-se um consumidor do produto livro.

Esse consumo foi sem dúvida também fortalecido pela valorização da família em decorrência da dissolução tanto das elites feudais – as quais formavam grupos por laços de parentesco, criando alianças políticas poderosas e fechadas – quanto do Absolutismo – o qual anulou a força aristocrática e concentrou o poder na figura de um rei. Segundo Lajolo e Zilberman (2003), é em decorrência disso que a família passa a ser uma miniatura da sociedade idealizada pela burguesia ascendente, numa perspectiva mais democrática e liberal, desagregando-se dos grandes grupos a que pertencera. A partir disso, criam-se laços internos sólidos e neste modelo de família se intensifica o gosto pela leitura. No Brasil, por exemplo, no século XIX, era comum um familiar ler aos demais, principalmente para as mulheres, que, na maioria das vezes, mesmo se soubessem ler, se submetiam à leitura escolhida por alguém que representasse autoridade. Isso significava que havia o controle do conteúdo a ser lido, o qual designava-se à formação social e religiosa da família. O saber ler inicialmente “passou a ser considerado, portanto, habilidade necessária à formação moral das pessoas” (LAJOLO e ZILBERMAN, 2003, p. 16) e, mais adiante, uma forma de lazer, constituindo-se “em atividade adequada ao contexto de privacidade próprio à vida doméstica” (LAJOLO e ZILBERMAN, 2003, p. 15/16).

Neste aspecto, a leitura na atualidade também faz parte do lazer de muitas pessoas, embora não seja uma atividade tão comum assim, pois há o consenso de que ler é importante, mas a prática da leitura fica à margem do fazer cotidiano na vida de muitos indivíduos.

Se é certo que leitores sempre existiram em todas as sociedades nas quais a escrita se consolidou enquanto código [...], só existem o leitor [...] e a leitura [...] em sociedades de recorte burguês, onde se verifica no todo ou em parte uma economia capitalista. Esta se concretiza em empresas industriais, comerciais e financeiras, na vitalidade do mercado consumidor e na valorização da família, do trabalho e da educação (LAJOLO e ZILBERMAN, 2003, p. 16).

É nestas condições, por conseguinte, que os leitores se transformaram em público consumidor, pois passaram a ser dotados, conforme LAJOLO e ZILBERMAN (2003, p. 17), “de reações, desejos e vontades, a quem [consequentemente coube] seduzir e convencer. [...] O tratamento dispensado ao leitor [...] é o lugar privilegiado para o início do desenho de uma história social da leitura”.

Lajolo e Zilberman (2003) enfatizam ainda que na Europa, por volta do século XVIII, os livros publicados textualizavam o leitor; no Brasil, somente na ficção romântica é que isso fica mais visível, tanto que é no período monárquico brasileiro que o país esboça alguns vestígios para se construir e fortalecer uma sociedade que venha a ter o hábito de ler. Percebe-se que, nessa época, começa a surgir no Brasil uma adequação a esse novo hábito, de modo que as famílias mais ricas passam a ter um espaço em suas casas com móveis e utensílios adaptados aos livros e à leitura, o que vai ampliando o espaço para a leitura individual. Muitos autores tentavam atrair o público e assim conquistar um espaço para que as suas obras criassem forma, corpo e se multiplicassem. A forma como os escritores se apresentavam diante do público brasileiro neste período decorre da maneira como o leitor via a leitura.

O que se percebe em todo esse contexto é que o ensino da leitura sempre foi – e continua sendo nos dias atuais – uma preocupação em todos os tempos. Houve uma época em que a aprendizagem da leitura, voltada para a oralidade, tinha ênfase em recitar, pois o “mérito desse tipo de leitura não estava em descobrir uma significação particular no texto, mas em ser capaz de recitar e comparar as interpretações de autoridades reconhecidas” (MANGUEL, 1997, P. 97), tornando-se, um cidadão superior, de destaque em seu meio social. Por volta do século XV, na

Europa, essa concepção de ensino da leitura começa a sofrer transformações, dando espaço à discussão de textos que estavam sendo ensinados, ao estudo das regras gramaticais, em oposição a levar o aprendiz a simplesmente decorar textos. Embora a orientação sobre as discussões fossem direcionadas, pois os textos não eram totalmente abertos à interpretação dos estudantes, estes começavam a avançar para uma maior liberdade de leitura, o que até então, conforme Manguel, constituía-se em uma prática desconhecida pelos alunos. A partir daí, surge uma nova visão sobre o ensino da leitura. A noção de que a leitura deveria ser feita com o coração começava a criar relevo, estimulando o aluno a buscar a beleza e sabedoria nos textos antigos, ou seja, “algo que lhe falasse pessoalmente, em seu próprio lugar e tempo” (MANGUEL, 1997, p. 100).

Segundo Manguel, a partir da metade do século XV, a leitura passa a se tornar responsabilidade de cada leitor individual, o qual devia ler por si mesmo, determinando valor e sentido aos textos. Essa mudança, sem dúvida, não ocorreu de súbito, e “nem pode ser fixada em um único lugar e momento” (MANGUEL, 1997, p. 102). Mas de qualquer maneira, é a partir daí que os alunos começam a vivenciar uma perspectiva diferenciada do ato de ler, ressaltando suas experiências pessoais e o que faz parte de seu mundo, o que lhes confere uma afirmação sobre cada texto de sua autoridade de leitores individuais. Apesar disso, ainda na primeira metade do século XX, considerava-se o autor como o produtor maior de sentidos para o texto, cabendo ao leitor abstrair as intenções do mesmo, o que o colocava numa posição de subordinação ao texto. Hoje, sem dúvida, o leitor ocupa o seu espaço no texto como também responsável pela produção de sentidos.

E isso se constitui num aspecto importante para o presente estudo, em que se destaca que o leitor cria imagens, constrói relações com o que ele mesmo sabe, vale-se de sua memória da experiência, se apropria de ideias do texto, ligando-as a outras de outros textos, forma reflexões próprias e assim produz um novo texto, ou seja, um texto de sua própria autoria.

A leitura, enquanto prática escolar e ingresso do indivíduo na sociedade, trouxe consigo a distinção entre homem simples, ignorante e aquele culto, educado. O não ler implica o indivíduo colocar-se aquém da sociedade, e o lugar do leitor é ampliado quando a sociedade capitalista

valoriza a escola como o espaço institucional de aprendizagem e leitura, constituindo-se num expressivo mercado tanto de consumo quanto de trabalho.

1.2 Teoria da leitura e o lugar do leitor

Considerando-se que leitura é uma ação entre texto e leitor, a qual implica a produção de sentidos, o leitor vale-se de suas próprias palavras para dialogar com o texto. Ao ler, ele não se limita à mera decifração de códigos linguísticos ou à construção de sentidos idênticos aos produzidos pelo autor, reconstruindo simplesmente o já existente, até porque ler não significa atribuir ao texto o sentido pretendido pelo autor. Ao contrário, a leitura revela uma possibilidade de construir sentidos, o que só é possível através do encontro – ou do diálogo – do leitor com o texto. Ela constitui-se numa experiência para o indivíduo, cujo envolvimento com o texto lhe oportuniza ampliar horizontes, conceitos, atitudes, permitindo-lhe compreender fatos e a si mesmo, tanto quanto participar com maior consciência de sua própria transformação. Não se pode prever esse contato entre palavra escrita e palavra lida, já que o diálogo entre ambas remete a pensar que muitos são os sentidos que o leitor pode atribuir ao texto, do que se depreende que um mesmo texto oportuniza maneiras diferentes de ler. O ato de ler propicia ao indivíduo abrir caminhos que, sozinho, talvez não chegasse a eles.

Neste primeiro capítulo, ter-se-á como unidade principal de estudo o fato de que a busca por significação não se limita à simples reprodução de acepções pensadas pelo autor, mas refere-se a múltiplas construções, o que, no entanto, só é possível através da intervenção do leitor no texto, ocasião em que reanima forças próprias e reencontra “o poder de pensar por si mesmo e de criar” (PROUST, 1991, p. 34). Em decorrência disso, faz-se necessário analisar em que consiste a arte de ler por meio da relação entre texto e leitor, a fim de que se compreenda o processo de construção de sentidos e percepções que ele concebe ao que lê. Pensar em leitura sobre esse viés é o foco desta pesquisa, a qual põe em evidência o lugar do leitor no processo de leitura, a partir de questionamentos trazidos primordialmente por Colomer e Camps e Smith.

O texto por si só é impregnado de uma pluralidade de significações e desvendar essa plurissignificação inclui o leitor com o papel de observador da realidade discursiva e formador de sentidos apreendidos por esse processo de observação e construção. Ao reconhecer as diferentes perspectivas que subjazem ao discurso, e coerentemente atingem o seu sentido, o qual pode não ser explicitado diretamente pelo próprio texto, o leitor apreende representações, significados a partir de suas próprias percepções, previsões e inquietudes, o que constituirá expressivamente o texto. Assim, ele estará atualizando o texto e o seu respectivo sentido, mas, sem dúvida, levando em conta também o seu olhar sobre o texto, uma vez que se dispõe a “dizer” sobre o mesmo. Essa concepção de compreender o texto com o olhar do leitor caracteriza a leitura como um processo de construção de significados, no qual o leitor exerce um poder de inserção no texto, do que se deduz que quem lê também é responsável pela produção de sentidos.

Durante o processo de leitura, o leitor faz cortes no texto, isto é, para de lê-lo em diversos momentos para voltar-se a si mesmo. É como se, num lapso de atenção, ele se distanciasse da realidade exterior e emergisse num outro espaço, num mundo só seu, e muitas vezes até por si mesmo desconhecido até então, ocorrendo uma transposição de mundos, de realidades. Em outras palavras, é como se o leitor, diante do que leu, fosse anestesiado por si mesmo, por seus próprios devaneios, atingindo um sentido inédito, novo, exatamente como é mencionado por Barthes (1988, p. 40): “Nunca lhe aconteceu, ao ler um livro, interromper com frequência a leitura, não por desinteresse, mas, ao contrário, por afluxo de idéias, excitações, associações? Numa palavra, nunca lhe aconteceu *ler levantando a cabeça?*” Nesse processo, a leitura não ocorre sequencialmente, visto que o próprio leitor intervém no texto, ocorrendo uma ruptura no mesmo. Esse distanciamento permite ao leitor dar forma a um novo conhecimento, proporcionado pela leitura, e tornar-se construtor do próprio conhecimento. Isso envolve texto/leitor numa perspectiva intrínseca, pois, ao mesmo tempo em que o leitor levanta os olhos do texto, distanciando-se do mesmo, também volta a ele e dele novamente se apropria.

A leitura é um processo intelectual complexo, uma vez que o leitor precisa fazer uso de raciocínios que desencadeiem a construção de sentidos a partir do que lê, de modo que a significação dada ao texto é inerente ao ser, de onde provêm as atitudes do leitor diante do próprio texto, ou seja, “o leitor porta-se diante do texto, transformando-o e transformando-se”

(SILVA, 1984, p. 43/44). Por isso, é necessário haver clareza de como o indivíduo entende a realidade e de que forma se processa a informação na mente, a fim de que se compreenda o processo de leitura.

De acordo com Colomer e Camps (2002, p. 31), “durante a leitura de uma mensagem escrita, o leitor deve raciocinar e inferir de forma contínua. Isto é, deve captar uma grande quantidade de significados que não aparecem diretamente no texto, mas que são dedutíveis”.

Ao ler, o indivíduo considera que o texto possua um significado, o que o faz ir buscá-lo por meio de informações visuais expressas no próprio material escrito e através da ativação de uma série de mecanismos mentais, os quais impulsionarão o leitor a atribuir sentido ao texto e, conseqüentemente, entendê-lo. O texto só se completa com a leitura, e esta é sempre individual porque individuais são as experiências de cada um. O leitor tem a necessidade de dar sentido ao que lê, enquanto o texto, por sua vez, oportuniza ao indivíduo que este se transforme, por possibilitar a desconstrução e a reconstrução da sua posição de leitor. Construir sentidos requer que o leitor se aproprie do texto, imprimindo a ele uma singularidade que se dá no ato de ler.

Cabe ressaltar que o sentido não é inerente à estrutura de superfície do texto, pois, como bem diz Smith (1999), a significação se encontra além das palavras, o que quer dizer então que é o próprio leitor quem o desencadeia. Por outro lado, há de se considerar que aquele que escreve tem clareza sobre o que produz em sua estrutura de superfície, o que está para ele compatível com suas intenções, e o leva a não aceitar que suas palavras poderão ser diferentemente interpretadas, afinal, quem produz tem o significado pretendido sempre em primeiro lugar. Por essa lógica, deduz-se que a significação tem prioridade para ambos – escritor e leitor – e vem antes da informação visual. Isso significa que ao ler o indivíduo presta mais atenção no sentido do que propriamente às palavras em si. Um exemplo disso é quando alguém lê uma história qualquer e é capaz de contá-la, porém não se atendo às mesmas palavras lidas. O que é relevante aqui é o sentido, o qual não é representado, portanto, diretamente na estrutura de superfície da escrita. O sentido equivale à estrutura profunda do texto, a qual é inferida pelo leitor, que, para chegar até ela, emprega o seu conhecimento prévio do assunto e da linguagem do texto.

Para Dell'isola (2001, p. 28), “a leitura é produzida à medida que o leitor interage com o texto”, uma vez que o ato de ler está ligado à capacidade de o leitor interpretar, inferir, deduzir, pois o sentido propriamente dito não reside no texto em si, mas na experiência do leitor ao processá-lo e na série de acontecimentos que o texto desencadeia em sua mente, valendo-se para isso do conhecimento interiorizado, representado por tudo o que gira em torno da sua vida, como vivências pessoais, culturais, sociais, ideológicas, filosóficas, estéticas, históricas, ou seja, são pressupostos de que se utiliza como seus referenciais para buscar significados no que lê. A construção de sentido para o texto acontece quando o leitor se utiliza então de conhecimentos alcançados ao longo da vida, os quais são ativados através da memória e, portanto, não-explicitados no texto, mas deduzidos pelo leitor. Disso se depreende que acionar o conhecimento prévio para que haja compreensão justifica o ato de ler como um processo interativo por se utilizar de diversos níveis de conhecimento, exatamente como diz Kleiman (2004):

A compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização de conhecimento prévio: o leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida. É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento lingüístico, o textual, o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto. [...] Pode-se dizer com segurança que sem o engajamento do conhecimento prévio do leitor não haverá compreensão (KLEIMAN, 2004, p. 13).

Pode-se afirmar por conseguinte que compreender um texto é conceber sentidos a ele, e os que o leitor produz são decorrentes da sua própria posição como sujeito-leitor, posição esta que pode ser modificada por meio de novas leituras. A apreensão de sentidos mantém uma estrita relação com o que a leitura desperta no leitor, tanto que a constituição de significação que acontece no processo de leitura possibilita ao sujeito-leitor se descobrir, o que até o presente momento de ler lhe parecia ausente da consciência. É como se o leitor pudesse formular a si mesmo o não-dito, defrontando-se, então, com a condição de trazer à tona outras interpretações possíveis. É a partir da significação atribuída ao texto que o leitor será capaz de compreendê-lo de fato, e esse processo ocorre individualmente, oriundo das experiências de cada um, e construído por meio de interações com o mundo. A compreensão leitora, portanto, só é possível quando o indivíduo se utiliza do seu conhecimento de mundo, infere o novo a partir do conhecido e constrói uma nova informação. Dessa forma, o texto passa a existir enquanto um produto com significação real para o leitor.

Esse tipo de conhecimento constitui-se numa teoria de como o mundo está organizado, e os sentidos que cada leitor extrai dele estão relacionados às interações do próprio indivíduo num determinado contexto, influenciados diretamente por sua teoria de mundo. Segundo Smith (1991), o conhecimento de mundo é uma representação mental do conhecimento e é organizado de forma estrutural, composto por três componentes básicos: um conjunto de categorias, regras de especificação de relações das categorias e uma rede de inter-relações entre as categorias.

O primeiro componente constitui a base perceptual do mundo, uma vez que as categorias são convenções compartilhadas e essenciais para a extração de um sentido do mundo, afinal, não é possível tratar a tudo e a todos como iguais, ou tratar vários elementos como iguais ou tratá-los sempre como diferentes. A experiência de conviver e interagir num dado contexto significa compartilhar a mesma base categórica para organizar a experiência. O sistema de categorias parte da teoria de mundo de cada um e é essencial para a extração de um sentido do mundo. Mas isso não é o suficiente, pois, diante da amplitude de categorias, faz-se necessário que cada uma delas seja organizada por um conjunto de regras, que determina a que categoria o objeto pertence – são as especificações necessárias para localizar objetos dentro de uma determinada categoria, embora isso não assegure que o sistema faça sentido. Em decorrência disso, surge o terceiro elemento estruturador do conhecimento, o qual determina que qualquer conhecimento armazenado relaciona-se a um outro elemento, embora, ainda assim, não seja possível sistematizar toda essa gama de inter-relações, porque, conforme Smith (1991),

Não é possível listarem-se todas as diferentes inter-relações entre as categorias na teoria do mundo em nossas cabeças. Fazer isso seria documentar a complexidade do mundo como o percebemos. Tudo o que conhecemos está direta ou indiretamente relacionado a tudo o mais, e qualquer tentativa para ilustrar estas relações arrisca-se a tornar-se interminável (SMITH, 1991, p. 28).

Cada indivíduo dispõe de muitas representações mentais que se desenvolvem ao longo da vida através do contexto em que ele está inserido, o que constitui sua própria teoria de mundo, da qual se vale para compreender e dar significação ao que lê. Além das relações categóricas, há também representações do conhecimento sobre assuntos, situações e eventos típicos da cultura do indivíduo, através das quais se reconhece e extrai sentido, são os chamados esquemas. Para entender como se dá a compreensão do que alguém lê, como se integra a nova informação na representação mental do indivíduo, faz-se necessário entender como se processa essa informação

através dos esquemas mentais construídos pelo leitor. Esquemas são “as estruturas mentais que o sujeito constrói na interação com o ambiente, e que organizam seu conhecimento e o modo de usá-lo” (COLOMER e CAMPS, 2002, p. 35).

Os esquemas são responsáveis pelas expectativas que o leitor tem sobre a ordem natural das coisas, e isso permite uma economia na comunicação, ou seja, eles implicam para o leitor tudo aquilo que é típico em uma determinada situação. Para Kleiman (2004), são os esquemas que permitem ao leitor a seleção de elementos no texto para facilitar o processamento de informações de suas próprias experiências.

Conforme Colomer e Camps (2002), os esquemas de conhecimento, formados ao longo da vida de cada um, servem para que o indivíduo seja capaz de “prever, contrastar e interpretar qualquer informação” (COLOMER e CAMPS, 2002, p. 35). Para as autoras, a junção simultânea de esquemas que cada indivíduo possui configura a sua visão particular sobre o mundo. O conhecimento construído pelo indivíduo referente a si e ao seu ambiente torna acessível a compreensão, já que ele mesmo busca novos elementos em si para facilitá-la.

Tudo o que se sabe vai se organizando e reorganizando cada vez que se incorporam novas informações em uma espécie de sistemas de redes inter-relacionadas. Para ser realmente compreendida, uma informação deve integrar-se nesses esquemas, estabelecendo as conexões pertinentes com o que já se conhecia sobre esse campo da experiência. Ao fazer isso, possibilita-se também a produção de novas relações entre informações já existentes, mas que até esse momento permaneciam desconexas ou relacionadas de outra maneira. (COLOMER e CAMPS, 2002, p. 35/36).

Em virtude disso, o conhecimento não progride como uma soma de fatos ou dados assimilados, mas, segundo Colomer e Camps, cada nova informação dá uma nova estrutura ao sistema de conexões anterior. A ativação dos esquemas efetua-se de acordo com o contexto do indivíduo, a fim de que ele possa consentir ou não uma informação que lhe pareça verdadeira ao que está diante de si, sempre em conformidade aos seus saberes e intenções de compreender.

A bagagem que cada indivíduo traz de suas experiências anteriores e de seu convívio num dado contexto é, na verdade, a forma de perceber como o mundo está organizado e os sentidos que cada um extrai disso estão intimamente relacionados às suas interações num determinado contexto, sendo influenciados diretamente por seus registros mentais. Para Smith (1999), somente

é possível extrair sentido do mundo a partir do que já se sabe dele, ou seja, toda a ordem e complexidade que o indivíduo percebe no mundo à sua volta devem refletir uma ordem e complexidade na sua própria mente. Assim, qualquer coisa que ele não possa relacionar à teoria do mundo em sua mente, deixará de lhe fazer sentido. Segundo Smith (1999), o indivíduo procura sentido em tudo o que lê, de modo que através da linguagem passa a considerar sentidos possíveis ou não diante de um texto. Quando, no entanto, ele não compreende o que está sendo dito, quando não pode fazer previsões sobre o que o texto diz, então, a compreensão será obviamente improvável.

De acordo com Colomer e Camps (2002, p. 31), “o que o leitor vê no texto e o que ele mesmo traz são dois pressupostos simultâneos e em estreita interdependência”. A inter-relação de conhecimentos é necessária para que se efetue adequadamente o processo de leitura, uma vez que a formação de novos significados é influenciada pelo registro mental já construído e, por conseguinte, armazenados na memória, pois “o leitor baseia-se em seus conhecimentos para interpretar o texto, para extrair um significado, e esse novo significado, por sua vez, permite-lhe criar, modificar, elaborar e incorporar novos conhecimentos em seus esquemas mentais” (COLOMER e CAMPS, 2002, p. 31). O leitor reconstrói os seus esquemas mentais, segundo Colomer e Camps (2002), se o significado do texto lhe der oportunidade de estabelecer novas relações quando o mesmo é interpretado de acordo com seus próprios esquemas conceituais e a partir de seu conhecimento de mundo. Pode-se dizer, então, que ler:

é antes de tudo um ato de raciocínio, já que se trata de saber orientar uma série de raciocínios no sentido da construção de uma interpretação da mensagem escrita a partir da informação proporcionada pelo texto e pelos conhecimentos do leitor e, ao mesmo tempo, iniciar outra série de raciocínios para controlar o progresso dessa interpretação de tal forma que se possam detectar as possíveis incompreensões produzidas durante a leitura (COLOMER e CAMPS, 2002, p. 31/32).

Esse processo cognitivo, que cria uma nova informação a partir de uma informação já existente, ocorre através de estruturas de expectativas que levam o indivíduo a organizar seus conhecimentos, segundo a experiência particular de cada um. É novamente Smith (1999) quem salienta que cada indivíduo possui, de forma organizada e internamente consistente, um modelo de mundo construído, resultante da sua experiência, e não somente da instrução, pois o indivíduo sabe muito além do que lhe é ensinado. O referido autor enfatiza que o indivíduo tem em sua

mente uma teoria que lhe esclarece o modo de ser do mundo, a qual representa a fundamentação de sua percepção e compreensão do mesmo. Essa teoria constitui-se na “raiz da aprendizagem, a fonte de todas as esperanças e temores, motivos e expectativas, raciocínio e criatividade” (SMITH, 1999, p. 74). Ela representa a totalidade do que o indivíduo tem, não havendo nada mais do que isso. Por conseguinte, se algum sentido o indivíduo consegue abstrair do que está diante de si, é por intermédio de interpretação das relações provocadas por sua teoria. Em suma, a aprendizagem de algo novo se dá através da modificação e da elaboração dessa teoria que o indivíduo detém. É somente ela que preenche a sua mente.

Se conseguimos encontrar algum sentido no mundo, é através da interpretação dos eventos do mundo com relação a nossa teoria. Se podemos aprender algo, é modificando e elaborando a nossa teoria. A teoria preenche as nossas mentes; não contamos com nenhum outro recurso (SMITH, 1999, p. 74).

A teoria pessoal de mundo possibilita ao indivíduo fazer previsões, não como adivinhações, mas como um mecanismo em que se desconsidera alternativas improváveis. As previsões são precisas, e assim são porque a teoria de mundo é eficiente. Quando ela falha, o indivíduo fica perplexo, surpreende-se diante do que lê pela falta de sentido com que se depara. A previsão consiste na capacidade de o leitor fazer relações dentro de uma gama de alternativas prováveis, de forma que o resultado dessas relações geralmente vai ocorrer se o indivíduo estiver compreendendo o que estiver lendo. Ainda de acordo com Smith (1999, p. 78), “previsão é fazer perguntas – e compreensão é responder a essas perguntas”, [pois,] “enquanto lemos [...], estamos constantemente fazendo perguntas, e se essas questões forem respondidas, se não ficarmos com incertezas, estaremos compreendendo”.

Compreender o texto significa, nesse sentido, encontrar respostas para as próprias perguntas que o leitor deve fazer a si mesmo durante a leitura, mas para que isso ocorra é essencial ativar o conhecimento prévio, pois o que o leitor conhece sobre o assunto que lê é o que lhe permite inferir sobre o assunto. A compreensão em leitura depende da capacidade ou das condições que o indivíduo tem para realizar associações facilitadoras de seu esforço de compreensão, a qual se constitui num processo de produção de sentidos. Desse modo, o leitor proficiente é aquele que reconstrói o texto para atingir a compreensão. Segundo Smith (1991), as

previsões representam o ponto principal do processo da leitura, cuja compreensão está associada à capacidade de o indivíduo prever.

A base para a compreensão é a previsão e a previsão é alcançada encontrando sentido naquilo que já [se sabe] sobre o mundo, fazendo uso da [...] teoria de mundo. [...] Desde os primeiros dias de vida as crianças sintetizam o seu passado com a finalidade de encontrar sentido no presente e de prever o futuro. Sem uma teoria como essa, elas se sentiriam constantemente perplexas e surpresas. E nem a perplexidade nem a surpresa são condições que qualquer um consiga suportar por muito tempo. É uma propensão natural das crianças fazerem as suas teorias tão extensas e eficientes quanto possível (SMITH, 1999, p. 79/80).

O conhecimento do leitor permite que ele progrida ou não durante a leitura do texto através das previsões que vai fazendo. O significado que ele vai construindo ocorre por meio de suas inferências, o que comprova se realmente compreendeu o texto, já que busca significação durante a sua leitura e passa a inferir a seu modo. Segundo Dell'isola (2001), a inferência ocorre enquanto se lê ou após a leitura, e o texto serve como um estímulo para criar novas informações a partir daquilo que o leitor já conhece. Caso não relacione o que lê com a sua teoria de mundo, o leitor certamente não encontrará sentido na leitura e, conseqüentemente, não haverá compreensão leitora, pois não haverá condições para produzir inferências, ou seja:

uma operação mental em que o leitor constrói novas proposições a partir de outras já dadas. Não ocorre apenas quando o leitor estabelece elos lexicais, organiza redes conceituais no interior do texto, mas também quando o leitor busca, extratexto, informações e conhecimentos adquiridos pela experiência de vida, com os quais preenche vazios textuais. O leitor traz para o texto um universo individual que interfere na sua leitura, uma vez que extrai inferências determinadas por contextos psicológico, social, cultural, situacional, dentre outros (DELL'ISOLA, 2001. p. 44).

Além das questões apresentadas até aqui sobre a busca de sentido e o lugar do leitor no processo de leitura, cabe ainda abordar mais especificamente a relação do leitor com o texto literário, pois este é o ponto primordial desta pesquisa e o que justifica a abordagem sobre leitura literária neste estudo.

1.3 Texto literário e leitor

Entende-se que a leitura literária estimula o imaginário e está implicada num processo de interação entre o texto e o leitor, sobrepondo-se a ideia de que um texto existe na medida em que é despertado, retomado, recriado pela imaginação do leitor. O texto literário traz imagens que provocam no leitor um debruçar-se sobre si mesmo a partir de suas percepções, as quais são estimuladas pela leitura. Desse modo, o leitor é atingido por valer-se da pureza, da simplicidade, da fidelidade e da originalidade intrínsecas em seu ser. E para isso, o indivíduo se vale de histórias para, talvez secretamente, contar a si mesmo quem ele é. As leituras lhe permitem que divague na sua própria história, na leitura de si mesmo, transformando suas inquietações quando as transpõe para o interior de uma obra com a qual se entrelaça. É, na verdade, dar sentido a si mesmo, construindo-se como ser de palavras a partir daquelas recebidas pelo outro, a obra.

As reflexões de Iser e Bachelard sobre a relação entre realidade e ficção, neste estudo, facilitarão a compreensão de que a leitura de um texto literário é uma possibilidade aberta ao leitor para recriar o texto e trabalhar com ideias e imagens, as quais crescem e ocorrem no leitor, bem antes que surja a voz da razão. A imagem provocada pela leitura consiste no que o leitor desperta sobre a realidade específica de um objeto. Essa imagem é anterior aos próprios pensamentos do leitor. É o que Bachelard (1993), quando se refere ao texto poético, chama de uma atitude fenomenológica, a qual faz com que o leitor participe do trabalho do escritor por ser atingido por uma questão abordada como sendo sua e acreditando, inclusive, que ele mesmo poderia ter escrito o que leu. Segundo Bachelard (1993), essa imagem é inovadora, tem um dinamismo próprio, e o estudo da fenomenologia da imaginação parte exatamente do princípio de que ela “emerge na consciência como um produto direto do coração, da alma, do ser do homem tomado em sua atualidade” (BACHELARD, 1993, p. 2). Isso significa dizer que a leitura não é o que se percebe de imediato fora da essência do indivíduo, mas consiste no momento em que o leitor é tocado pelo texto, transcendendo a linguagem e imergindo no que há de mais puro em si mesmo, o que lhe convida a penetrar na sua própria existência.

Com relação à poesia, por exemplo, Bachelard (1993) vale-se dos termos repercussão e ressonância para clarificar a maneira como o poema age sobre o leitor através de imagens poéticas. Ele explica que primeiro se dá a repercussão, ou seja, a imagem poética atinge profundamente o leitor, como se, segundo o autor, a essência do poeta fosse o próprio ser do leitor. Portanto, quando o leitor é atingido pela poesia, ele “fala” o poema como se este fosse absolutamente seu, reanimando profundezas do ser, provocando a repercussão de uma imagem poética, a qual determina o despertar da criação poética na alma do leitor. É através daí que o indivíduo sente o poder poético erguendo-se em si mesmo.

Num segundo momento, surge a ressonância, o que vem a ser o efeito produzido pela repercussão no indivíduo, ressaltando-se que “a imagem atingiu as profundezas antes de emocionar a superfície” (BACHELARD, 1993, p. 7).

As ressonâncias dispersam-se nos diferentes planos da vida [do leitor] no mundo; a repercussão convida-[o] a um aprofundamento da [sua] própria existência. Na ressonância [ouve] o poema; na repercussão o [fala], ele é [seu]. [...] A multiplicidade das ressonâncias sai então da unidade de ser da repercussão. Dito de maneira mais simples, trata-se aqui de uma impressão bastante conhecida de todo leitor apaixonado por poemas: o poema [o] toma por inteiro (BACHELARD, 1993, p. 7).

Portanto, diante de um texto, o leitor o recria, transforma significações que traz consigo e as aprofunda, compreendendo-as com maior sutileza e envolvendo-se com o texto numa perspectiva mais livre, ou melhor, menos técnica e sem a preocupação de teorização. Assim, deixa-se impregnar por imagens que irão inspirar-lhe e projeta sentidos oriundos de suas experiências pessoais. Dessa forma, considera-se que o leitor se entrega ao texto e simultaneamente constrói novos sentidos associados à sua vida. Em outras palavras, há um encanto pelo texto, uma identificação com ele, tanto quanto o desejo de manifestar-se, de expressar-se sobre esse encantamento. Sem dúvida, a leitura literária constitui-se numa atividade essencial a qualquer área do conhecimento, mas principalmente à própria vida do ser humano, pois sustenta o seu estado de consciência sobre a sua existência, interagindo com o mundo de forma a dinamizá-lo, revelando-se num instrumento que permite ao indivíduo se situar com os outros, discutir e tornar-se crítico. Assim o homem participa da transformação de si através da leitura, até porque o texto traz possibilidades de existência ao ser humano e enriquece-lhe a compreensão do mundo e de si. E esse processo é intensificado ainda mais quando a prática de

leitura está associada a obras literárias, pois auxilia no desenvolvimento do gosto literário do leitor e estimula a consciência de si e de seu papel na sociedade. A arte literária destaca-se pela distinção entre texto literário e texto não-literário, sendo marcada, respectivamente, por ficção e realidade, mas o que representa exatamente esta oposição e o que a natureza ficcional verbaliza para o ser humano revelam a necessidade da Literatura para o homem, contemplando a superação de seus limites e oferecendo-lhe uma autointerpretação. Isso porque a obra literária faz uso da realidade para se constituir, mas não se limita a ela, além de que esta realidade também não se torna ficção simplesmente por estar num texto ficcional.

Este aspecto da leitura é abordado por Iser (1996), que caracteriza a obra literária como uma repetição do real e este não mais é o real, mas sim um fingimento do mesmo, com finalidades distintas à realidade repetida. Para o referido autor, a Literatura se manifesta na reformulação do já formulado como um meio que atualiza o que permanece inacessível; assim, o mundo do texto se abre para o leitor, mas em nenhum momento ele (o mundo) passa para o mundo real. O que se torna possível é, no entanto, vislumbrar esse mundo. Consequentemente, a Literatura utiliza-se do real – uma vez que busca fatos na realidade – com a intenção de fingi-lo, e deste ponto – o fingimento – possibilita a realização do imaginário.

A experiência que provém da relação entre realidade e ficção está vinculada à manifestação do fictício e do imaginário, os quais não se limitam à Literatura, mas a ela se relacionam e a caracterizam a partir do momento em que se dá a organização articulada dos mesmos, uma vez que “cada um se torna contexto para o outro” (ISER, 1996, p. 11). Iser afirma que a distinção entre ficção e realidade é mais do que simplesmente oposição, uma vez que faz parte de um saber tácito, já que o texto ficcional contém elementos do real, mas não se esgota na sua descrição [do real].

A ficção, portanto, usa o real com outra finalidade, e isso constitui-se num ato de fingir, surgindo daí o imaginário, o qual retoma não a realidade, mas a realidade ficcional. O imaginário se realiza, então, a partir da ficção, do que se depreende que o fictício se move entre o real e o imaginário, é uma espécie de transição entre ambos. Desse modo, o mundo do texto é constituído

por atos de fingir, e “cada texto literário é uma forma determinada de acesso ao mundo” (ISER, 1996, p. 16).

Assim, o ato de fingir ganha sua marca própria, que é de provocar a repetição no texto da realidade, atribuindo, por meio desta repetição, uma configuração ao imaginário, pela qual a realidade repetida se transforma em signo e o imaginário em efeito do que é assim referido (ISER, 1996, p. 14).

Considerando-se que a finalidade da ficção não se esgota nela mesma, mas é a preparação de um imaginário, a retirada de elementos do real desvincula-os do lugar de onde saíram, dando “a conhecer os campos de referência do texto, como sistemas existentes em seu contexto, campos que se dão a saber no momento em que são transgredidos” (ISER, 1996, 17). Disso se depreende que “os elementos escolhidos ganham um valor diferente daquele que tinham no campo de referência existente” (ISER, 1996, p. 18), expressando a intencionalidade do texto. Há, assim, uma realidade reconhecível através do fingimento, a qual deve ser entendida como se fosse o mundo representado. Portanto, o mundo ficcional é como se fosse o mundo real. A ficção finge a realidade e se torna o mundo representado, e “a realidade representada no texto não deve ser tomada como tal; ela é a referência de algo que, de fato, não é, mesmo se este algo se torna representável por ela” (ISER, 1996, p. 25). Pode-se dizer que o mundo representado no texto não designa um mundo existente, mas funciona como a condição de uma referência, o que significa que o mundo da realidade é posto entre parênteses, para que se perceba que o mundo representado (o fictício) não é o mundo dado, mas que deve ser entendido como se o fosse. Através do reconhecimento do fingir, todo o mundo organizado no texto literário se transforma em um como se fosse o mundo real. “A realidade se repete no texto ficcional, mas esta é superada, uma vez que fica entre parênteses” (ISER, 1996, p. 25). O mundo representado é tomado como se fosse um mundo real, o que significa que a capacidade de leitura do indivíduo se põe

a serviço desta irrealidade, para, neste processo de irrealização, transformá-la em realidade. [...] Se o fictício [...] possibilita ao leitor se irrealizar para garantir à irrealidade do mundo do texto a possibilidade de sua manifestação, então, pelo menos estruturalmente, [a] relação com o mundo do texto terá o caráter de acontecimento. [...] Através deste caráter de acontecimento, o imaginário se converte em experiência, possibilitada pelo grau de determinação que o imaginário alcança por meio da ficção do como se. [...] Se o fictício traça limites no texto ficcional para em seguida rompê-los, a fim de assegurar a necessária concretude ao imaginário, com a qual ele se torna eficaz, é

assim que se produz nos receptores a necessidade de controlar a experiência de acontecimento do imaginário. (ISER, 1996, p. 29/30).

Essa experiência mencionada por Iser (1996) suscita a produção de sentidos “para que o acontecimento seja reconduzido ao familiar” (ISER, 1996, p. 30), porém ultrapassando os sistemas de referência. A ideia de acontecimento do imaginário provoca a fixação de sentido, do que se deduz que o “sentido do texto é apenas a pragmatização do imaginário e não algo inscrito no próprio texto ou que lhe pertencesse como sua razão final” (ISER, 1996, p. 30). A partir dessas considerações, o sentido do texto constitui-se numa “operação inevitável de tradução, provocada e tornada necessária pela força de acontecimento da experiência do imaginário” (ISER, 1996, p. 30).

O leitor torna-se presente ao texto e a imagem que dele provém passa a ser fruto da essência do próprio leitor. É um momento em que ele participa do texto e reelabora-o a partir de suas vivências, deixando aflorar sua sensibilidade. O que lhe é reanimado pela leitura do texto, o que lhe é tocado por essa leitura repercute em si mesmo, ou seja, é o encantamento que se dá e provoca uma transformação na vida do leitor. Afinal, o leitor oferece a sua voz, o seu olhar ao texto, e nessa experiência de leitura multiplicam-se as possibilidades de apropriação do texto, num processo contínuo de construção singular do sujeito leitor, assim como de produtor de sentidos do texto.

1.3.1 A relação entre o dito e o não-dito no texto literário

Entendendo-se que a possibilidade de interlocução entre texto e leitor é intrínseca à mobilização de percepções do indivíduo despertadas pelo ato de leitura, compreende-se que a significação de uma obra literária não se limita ao primeiro contato do leitor com o texto, ou seja, tão somente restringindo-se às emoções, aos sentimentos do leitor suscitados pela obra. No entanto, é através desse primeiro encontro com o texto que o leitor pode tornar-se atraído pelo mesmo, até porque este o conduz a uma inquietude interior, dando origem a um sentimento de desconforto, o que possibilita então a criação de um estado de silêncio interior. Para atingir esse

silêncio, o leitor precisa voltar-se a si mesmo, num estado de escuta e recolhimento, distanciando-se da experiência da realidade, até porque o seu envolvimento com o entorno leva-o a anular o silêncio, fazendo com que ele não consiga ver as coisas de maneira diversa da do mundo previamente interpretado, onde “a percepção das coisas já está predeterminada por sua utilidade ou predefinida pelas estruturas que as configuram como parte do campo de experiência possível” (LARROSA, 2006, p. 106).

Iser (1979, p. 88) se vale da expressão ‘vazios do texto’ para explicar a interação entre obra e construção de sentidos por parte do leitor, dizendo que “são os vazios, a assimetria fundamental entre texto e leitor, que originam a comunicação no processo de leitura” (ISER, 1979, p. 88). Se a interação entre texto e leitor provém dos vazios deixados pelo texto, pois, segundo Iser, eles atraem o leitor quando este se depara com a indeterminação de determinados signos literários, então, para compreender, o indivíduo é impulsionado a entrar no processo de construção de sentidos, o que o faz reescrever o texto. Desse modo, o preenchimento dos vazios – os quais provocam o leitor a tomar como pensado o que não foi dito – se dá por meio de projeções do leitor sobre o texto, num processo dinâmico, no qual o que está latente passa a ser significativo através da representação do leitor, constituindo-se num processo derivado da interação entre ele e o texto. Entretanto, há de se considerar que, se as projeções não sofrem mudança alguma ou se impõem independentemente do texto, a interação fracassa, já que a “relação entre texto e leitor só pode ter êxito mediante a mudança do leitor” (ISER, 1979, p. 88). Portanto, o que leva o indivíduo a construir sentidos durante o processo de leitura é exatamente o fato de a significação existente nos vazios do texto ser preenchida pelo leitor, ou seja, estes vazios provocam-lhe estímulos, impulsionam-no a preenchê-los e assim projetar-se no texto, tomando o que está oculto como parte das considerações sobre o texto.

Segundo Iser (1979), a ficção mantém uma igualdade com o mundo real enquanto projeta um mundo coexistente, mas há uma diferença que se dá pelo fato de as ideias existentes no âmbito ficcional não serem deduzidas dos conceitos que vigoram na realidade. O que não é dito no texto também constitui o texto, e isso provoca uma reação no leitor, transformando esse ponto de indeterminação em realidade simulada. Isso remete à ideia de que o texto ficcional “sempre transcende o mundo a que se refere” (ISER, 1979, p. 105).

O texto ficcional adquire sua função, não pela comparação ruínosa com a realidade, mas sim pela mediação de uma realidade que se organiza por ela. [...] A não identidade da ficção com o mundo, assim como da ficção com o receptor é a condição constitutiva de seu caráter de comunicação. Esta falta de correspondência se manifesta nos graus de indeterminação, que estão menos no texto como tal, do que na relação estabelecida entre o texto e o leitor. Pois a formulação é um componente essencial de um sistema, do qual se tem um conhecimento apenas incompleto. Desta incompletude resulta que, embora os valores do repertório textual sejam recodificados, a razão desta recodificação permanece oculta (ISER, 1979, p. 105).

Os vazios do texto ficcional contribuem para a construção de sentidos, rompendo com as conexões existentes entre os segmentos do texto, as quais formam uma estrutura de comunicação. Nesse processo, Iser diz que as expectativas do leitor tornam-se abertas, desprovidas de automatismos, o que o conduz à reformulação do texto. Quando as conexões se rompem, as representações construídas pelo leitor valem-se de um conhecimento advindo do próprio leitor tanto quanto de elementos que não são dados pelo texto mas que por isso mesmo tornam-se responsáveis pela formação dessas representações. Assim, o leitor constrói imagens enquanto lê e estas também passam a produzir um texto oculto, mas que é considerado e observado pelo leitor. E essa posição de leitor e produtor de sentidos provocada pela leitura do texto traz a possibilidade de ele se colocar distante do texto escrito e conseqüentemente compreendê-lo através da experiência a que foi submetido pelo texto.

Se a ficção impulsiona o leitor a projetar-se no texto, oportunizando-lhe experiências, é porque os vazios do texto caracterizam-se como a indeterminação que possibilita uma polifonia comunicacional. Para isso, Iser considera que o texto ficcional contém ‘complexos de controle’, ou seja, elementos que sinalizam a significação no processo de leitura. Estes complexos, segundo Iser, exigem do leitor a verificação de seu horizonte de expectativas e o preenchimento da indeterminação com um sentido constituído a partir de seus ‘esquemas de ação’ no texto. A indeterminação é própria, portanto, do texto ficcional e se dá através de “determinações formuladas no texto, [...] (de modo que) esta indeterminação, à medida que textualmente ‘localizável’ não pode deixar de ter uma estrutura” (ISER, 1979, p. 106 – grifos do autor), que são os vazios e as negações. “O que cala, impulsiona o ato de constituição, ao mesmo tempo que este estímulo para a produtividade é controlado pelo que foi dito, que muda, de sua parte, quando se revela o que fora calado” (ISER, 1979, p. 90). Na verdade, os vazios atraem o leitor para que

suas projeções habituais sejam modificadas e constituem-se na estrutura textual que faz com que o leitor tenha a necessidade de formar um ponto de relevância, de um tema e seu contorno de horizonte.

2. EXPRESSÃO DA SUBJETIVIDADE E FORMAÇÃO DO LEITOR

Até aqui, procurou-se entender a relação entre leitura literária e construção de sentidos por parte do leitor, enfatizando-se o papel transformador da Literatura sobre o indivíduo. Porém, além disso, outra questão se interpõe à maneira como se dá o processo de leitura: a subjetividade do leitor, afinal, como já fora dito no capítulo anterior, o que se pretende neste trabalho de pesquisa é pôr em evidência o lugar do leitor no texto literário, o que agora será conduzido inicialmente por Bruner, com seus estudos sobre como o texto literário afeta o leitor, e por Larrosa, enfatizando a leitura literária como experiência que ‘trans-forma’ o leitor.

Para iniciar este ponto, cabe primeiramente pensar que, se a arte narrativa permite ao leitor compreender mundos simbólicos criados pelo autor, é intrigante, quando se pensa em valer-se do texto literário como instrumento de trabalho com alunos em sala de aula, a forma como “o texto afeta o leitor e, de fato, o que produz tais efeitos no leitor” (BRUNER, 1998, p. 4), pois, considerando-se que a ficção tem um grande poder sobre o leitor, o que faz com que uma história o leve a refletir sobre o que lê? O que há no texto, bem como o que se passa com o leitor para conduzir essa reflexão? De acordo com Bruner, é possível atribuir a relação texto/leitor “a processos ou mecanismos psicológicos que operam na ‘vida real’” (BRUNER, 1998, p. 4), assim como a aspectos linguísticos que desencadeiam o funcionamento imaginativo do leitor por meio de sentido figurado das palavras. A primeira identificação é do ponto de vista psicológico, em que os personagens tornam-se interessantes porque o leitor se identifica com eles, ou porque eles representam o que o leitor carrega dentro de si; a segunda abordagem infere que aspectos

linguísticos instigam a imaginação do leitor. A Literatura dessa forma o atingiria. Mas como explicar o fato de que “algumas histórias têm tanto sucesso e outras não conseguem prender o leitor”(BRUNER, 1998, p. 4)? Nem uma nem outra posição explica isso, o que leva a questionar então como os sentidos atribuídos a um texto são desencadeados pelo indivíduo, além de que, num grupo de leitores de um mesmo texto, será que todos “atribuem múltiplos sentidos” (BRUNER, 1998, p. 5) ao que leem? Bruner refere-se a Iser para mencionar a interpretação do leitor sobre o texto que lê, o que Iser chama de ‘texto virtual’. Ocorre que ao ler o indivíduo “muda à medida que avança. O texto real permanece inalterado; o texto virtual muda quase de momento a momento no ato da leitura” (BRUNER, 1998, p. 7). Por isso, é importante pensar que há “processos interpretativos que são desencadeados pelo texto na mente dos leitores” (BRUNER, 1998, p. 8). E quais são, portanto, esses processos?

Ao analisar uma narrativa a partir de um olhar que busque uma explicação para algo que o leitor considera coerente, corre-se “o risco de se produzir resultados que sejam insensíveis aos contextos em que foram revelados” (BRUNER, 1998, p. 10); por outro lado, fazer uma análise em que “o esforço é ler um texto em busca de seus significados” (BRUNER, 1998, p. 10), procurando “elucidar a arte do seu autor” (BRUNER, 1998, p. 10), a fim de “explorar o mundo de um determinado trabalho literário” (BRUNER, 1998, p. 10), também não é o suficiente para trabalhar o texto narrativo e perceber por quais processos o leitor passou para atribuir sentido(s) ao texto.

A leitura literária subjaz a ideia de atingir o indivíduo na essência de si mesmo, e isso se constitui em experiência de leitura – ou seja, é o que se dá com o leitor enquanto lê –, num processo individual e solitário, o qual está intimamente ligado à relação que existe entre texto e subjetividade. Assim, a leitura tem a ver com aquilo que faz o indivíduo ser o que ele é. Para Larrosa, pensar a leitura dessa forma é pensá-la como formação, que por sua vez é produzir sentido, é

pensá-la como uma atividade que tem a ver com a subjetividade do leitor: não somente com o que o leitor sabe mas também com o que é. Trata-se de pensar a leitura como algo que nos forma (ou nos de-forma ou nos trans-forma), como algo que nos constitui [...]. A leitura, portanto, não é somente um passatempo, um mecanismo de fuga do mundo real e

do eu real. E não se reduz tampouco a um meio para adquirir conhecimentos (LARROSA, 1998, p. 16).¹

Estar em contato com livros, obras de arte, a própria informação diária provinda da tecnologia constitui-se numa relação com o conhecimento, mas não caracteriza experiência, uma vez que não se traduz necessariamente na formação do indivíduo. É como se diante do que vê se mantivesse alheio, ausente, distante. O homem está numa época em que tem a sua disposição inúmeros meios de acesso à reflexão, mas, no entanto, não faz uso desses mecanismos.

Temos o conhecimento, mas como algo exterior a nós [...]. Consumimos arte, mas a arte que consumimos nos atravessa sem deixar nenhum vestígio em nós. Estamos informados, mas nada nos comove no íntimo. Pensar a leitura como formação supõe cancelar essa fronteira entre o que sabemos e o que somos, entre o que se passa e o que nos passa (LARROSA, 1998, p. 19).²

Para Bruner, o ato de contar histórias contém elementos desencadeadores por se buscar algo no texto, o depois, os quais “liberam respostas nas mentes dos leitores” (BRUNER, 1998, p. 20). Assim, há de se pensar também que a linguagem trazida pelo texto literário é crítica e isso desencadeia pensamentos, mas há de se considerar que existe também o enredo e sua estrutura. Então, seria o tipo de estrutura da história o responsável pelas diferentes ordens de apresentação, seguindo Todorov, Propp, até porque “o enredo traduz como e em que ordem o leitor torna-se ciente do que aconteceu” (BRUNER, 1998, p. 20). Afinal, qual é a matéria da história, ou seja, através de que elementos se reconhece o significado na narrativa? E essa estrutura também existe na mente do leitor? Além disso tudo, a estrutura profunda das histórias envolve ainda personagens em ação.

Os textos de ficção constituem seus próprios objetos e não copiam coisas que já existem. Por este motivo, eles não podem ter a completa determinação dos objetos reais e, de fato, é o elemento de indeterminação que evoca o texto a se ‘comunicar’ com o leitor, no sentido que eles o induzem a participar, ao mesmo tempo, da produção e da

¹ Tradução livre da autora: pensarla como una actividad que tiene que ver con la subjetividad del lector: no sólo con lo que el lector sabe sino con lo que es. Se trata de pensar la lectura como algo que nos forma (o nos de-forma o nos trans-forma), como algo que nos constituye [...]. La lectura, por tanto, no es sólo un passatiempo, un mecanismo de evasión del mundo real y del yo real. Y no se reduce tampoco a un medio para adquirir conocimientos.

² Tradução livre da autora: Tenemos el conocimiento, pero como algo exterior a nosotros, [...]. Consumimos arte, pero el arte que consumimos nos atraviesa sin dejar ninguna huella en nosotros. Estamos informados, pero nada nos con-mueve en lo íntimo. Pensar a lectura como formación supone cancelar esa frontera entre lo que sabemos y lo que somos, entre lo que pasa y lo que nos pasa.

compreensão da intenção desta obra. [...] ‘os textos literários iniciam ‘representações’ de significado e não formulam, na verdade, os significados por si mesmos’. E é isto que está no âmago da narrativa literária como um ato de fala: um enunciado ou um texto cuja intenção é iniciar e orientar uma busca por significados entre um espectro de significados possíveis. (BRUNER, 1998, p. 26/27)

Dessa forma é possível ao leitor ‘escrever’ seu próprio texto virtual. E para que isso aconteça, o texto atrai a imaginação do leitor, a partir do que orienta, assim chamando o leitor para atribuir sentido. Para explicar como esse processo ocorre de fato, Bruner destaca três elementos importantes nesse processo: a pressuposição, a sujeitificação e a perspectiva múltipla. O primeiro diz respeito ao que se espera que seja verdadeiro, ou seja, refere-se à “criação de significados implícitos e não explícitos” (BRUNER, 1998, p. 27) no texto, até porque o contrário, a explicitação, anularia a liberdade interpretativa do leitor; o segundo refere-se à “transformação do mundo da história na consciência de seus protagonistas” (BRUNER, 1998, p. 30), ou seja, é a capacidade de o leitor perceber no texto o que não poderá conhecer diretamente. O terceiro elemento refere-se ao fato de o leitor, diante de uma versão apresentada pelo texto, poder construir diferentes versões sobre a mesma por captar aquilo que ele percebe através do que o texto lhe chama, e essa maneira de ver não é, portanto, única, mas sim aberta a possibilidades de leituras construídas por diferentes leitores em diferentes momentos.

No processo discursivo do texto, estas características estão atreladas ao sentido atribuído a ele pelo leitor, o que significa dizer que elas são responsáveis pela percepção de “possibilidades humanas e não certezas estabelecidas” (BRUNER, 1998, p. 28) pelo texto, possibilitando ao leitor ir além das informações dadas pelo texto. Bruner faz referência a Iser para dizer “que os leitores têm uma ‘estratégia’ e um ‘repertório’ que eles transportam para o texto” (BRUNER, 1998, p. 37 – grifos do autor). A criação literária não induz a uma reação padronizada, mas sim visa “recrutar o que for mais apropriado e emocionalmente vívido no repertório do leitor” (BRUNER, 1998, p. 37/38). A reescrita de um texto pelo leitor se dá quando ele (o leitor) se vale da sua imaginação sobre o texto, e isso implica considerar que “não se pode esperar ‘explicar’ os processos envolvidos em tal reescrita em qualquer modo que não o interpretativo. [...] Tudo o que se pode esperar é interpretar a interpretação de um leitor de um modo tão detalhado e rico quanto possível psicologicamente” (BRUNER, 1998, p. 38). Sempre será uma questão discutível se a interpretação do leitor corresponde a uma história real ou à intenção do autor ao contar a

história, ou se conforme ao repertório de uma cultura. De qualquer jeito, o ato de criar do autor não leva a uma reação padronizada do leitor.

As pessoas, as situações, as vivências, os lugares, os livros, a natureza, o conhecimento, tudo o que faz parte do indivíduo compromete a sua capacidade de percepção. A formação do leitor está exatamente na sua capacidade de refletir sobre o entorno, de forma que, quando não analisa o que se põe diante de si, não se permite refletir a respeito do que lê. Sem ativar este potencial reflexivo, não se desenvolve e não se dá então a transformação de si mesmo, o que resulta na alienação do indivíduo diante de si e do próprio entorno. Cabe salientar que, no processo de leitura enquanto formação, o importante não é o texto propriamente, mas a relação com o mesmo, a qual não pode ser de apropriação do texto, mas de escuta. Assim, quando o leitor se coloca diante do texto somente como produtor de sentidos, não se estabelece a relação de escuta do texto, pois a sua postura frente ao mesmo não lhe permite ser capaz de perceber além de si mesmo, deixando de interagir com o texto.

A relação do leitor com o texto não se dá simplesmente pelo fato de o leitor assimilar o texto às suas próprias vivências, nem por transformá-las através do processo de leitura; há algo que se sobrepõe à história e que faz com que haja a apreensão do sentido, algo que encaminha a uma realidade ampliada. Ao ler, o leitor constrói seu próprio texto virtual. Isso equivale à percepção que ele tem do texto real por meio de suas impressões sobre a leitura que faz do mesmo, assim como através do que o texto lhe sugere e lhe encaminha; portanto, leva em conta o que traz consigo para encaminhar tais possibilidades de leitura em decorrência de outras já realizadas. Bruner faz uma comparação desse processo com uma viagem sem mapas, em que a descoberta de sentidos para o que lê permite-lhe criar o seu mundo através do texto virtual, como se observa a seguir:

As primeiras impressões do novo terreno são, naturalmente, baseadas em viagens anteriores já empreendidas. A nova viagem acaba se tornando algo em si mesma, embora muito de sua forma inicial tenha sido tomada emprestada do passado. O texto virtual torna-se uma história em si mesma e sua própria peculiaridade apenas um contraste com o sentido que o autor tem de comum. A paisagem ficcional, finalmente, deve receber uma 'realidade' própria – o passo ontológico. É então que o leitor faz aquela pergunta interpretativa crucial: "Do que se trata tudo isto?". Mas o que 'isto' é, naturalmente, não é o texto real – não importando a grandeza de seu poder literário – mas o texto que o leitor construiu sob sua influência. (BRUNER, 1998, p. 39).

A criação literária possibilita conclusões sobre diferentes perspectivas, as quais passam por um processo construtivo que torna a experiência provocada pela leitura passível de ser compreendida. A exploração do que é criado pela mente humana constitui-se numa atividade que tem uma relação com o real, em que se pode apreciar a condição humana. Desse modo, analisar o mundo ficcional implica considerar que a “inseparabilidade do personagem, ambiente e ação deve estar profundamente arraigada na natureza do pensamento narrativo, [sendo difícil] “conceber cada um deles isoladamente” (BRUNER, 1998, p. 41). Isso corresponde a “entender os modos como os seres humanos constroem seus mundos” (BRUNER, 1998, p. 49). O olhar do leitor sobre o personagem talvez seja, conforme Bruner, o primeiro e mais importante passo do leitor no relacionamento com o outro. À medida que o leitor vai organizando o seu próprio conhecimento, a expectativa que ele tem diante do que lhe é apresentado, a surpresa, torna-se uma fonte de alerta para buscar o novo, o sentido. A conformidade diante dos acontecimentos, do que se passa consigo mesmo ou ao seu redor faz com que o indivíduo se adapte às circunstâncias, a ponto de não pressupor sobre o que lhe circunda. A percepção humana mantém, portanto, uma ligação com a perspectiva que o indivíduo tem diante dos acontecimentos, objetos, eventos, de forma que, se

mais esperado for o acontecimento, mais facilmente ele é visto ou ouvido”, [assim como, se] mais inesperada for a informação, mais espaço de processamento ela ocupa. [Tudo isso] significa que a percepção é, em um grau não especificável, um instrumento do mundo”, [o qual é estruturado pelas expectativas do indivíduo.] Além disso, é característico de processos perceptivos complexos que eles tendam, onde for possível, a assimilar o que quer que seja visto ou ouvido ao que é esperado (BRUNER, 1998, p. 50).

Para que o mundo ficcional seja compreendido e apreciado, o leitor percebe o que lê como supostamente real, de modo que a narrativa constitua-se numa reflexão que permita relacionar a perspectiva do texto com o que possa sentir, ou imaginar como algo possível, aceitável. E mesmo que as pessoas passem por um mesmo acontecimento, a experiência de cada uma delas será sempre ímpar, singular, por constituir-se num saber intrínseco ao leitor.

Larrosa faz uma diferença entre leitura como experiência e leitura como experimento. No primeiro caso, ele diz que a leitura “é um acontecimento que tem lugar em raras ocasiões”

(LARROSA, 1998, p. 28)³, sendo diferente do que muitas vezes se faz com o texto em sala de aula, por exemplo.

A experiência da leitura, se é um acontecimento, não pode ser causada, não pode ser antecipada como um efeito a partir de suas causas, o que se pode fazer é cuidar para que se deem determinadas condições de possibilidade: somente quando converge o texto adequado, o momento adequado, a sensibilidade adequada, a leitura é experiência. (LARROSA, 1998, p. 28/29).⁴

A experiência da leitura, portanto, pode acontecer para uns leitores enquanto para outros não, já que, sendo sempre pautada pelo imprevisível, o processo de leitura não se submete a reproduzir um acontecimento ou um conceito. Se assim fosse, seria impossível produzir a pluralidade que possibilita ao leitor diferenças e semelhanças advindas do ato de ler, sem que houvesse qualquer intenção de reduzi-lo ou finalizá-lo. Em relação ao segundo caso – a leitura como um experimento –, a leitura é vista a partir de um fim preestabelecido, cuja pluralidade a torna limitada para seguramente garantir um objetivo de formação. E este, sem dúvida, não é o papel do professor em sala de aula, pois a este, cabe-lhe a função de tornar possível a pluralidade.

Desse modo, o trabalho de leitura em sala de aula não está em conduzir o aluno-leitor em sua leitura, direcionando-o a um sentido previamente desejado, estabelecido, mas em oportunizar-lhe perceber a que o texto o leva a pensar sobre si mesmo, sobre seus pensamentos, seus conceitos, certezas e evidências, quer dizer, em que o texto interfere, tanto positiva quanto negativamente, na sua imaginação, na sua intimidade, nos seus desejos, nas suas ambições, no que ele reconhece como o que há de mais profundo sobre si mesmo.

Relacionar essas questões à área educacional no que se refere à forma de conduzir um trabalho de leitura requer que o mesmo seja tratado com o intuito de construir o conhecimento a partir do envolvimento ativo do aluno-leitor no espaço em que ele se insere. Ora, se neste espaço há, além do texto, o outro, o colega, faz-se necessária a partilha, a troca, para que se efetue uma

³ Tradução da autora: es un acontecimiento que tiene lugar en raras ocasiones.

⁴ Tradução da autora: La experiencia de la lectura, si es un acontecimiento, no puede ser causada, no puede ser anticipada como un efecto a partir de sus causas, lo único que puede hacerse es cuidar de que se den determinadas condiciones de posibilidad: sólo cuando confluye el texto adecuado, el momento adecuado, la sensibilidad adecuada, la lectura es experiencia.

construção desse conhecimento, cujo resultado não será puramente individual – porque há a interferência do outro –, embora apenas individualmente ocorra a transformação do ser, mas decorrente da ação coletiva, ou seja, diante do texto, o aluno situa-se por si mesmo, mas também em relação aos colegas e ao ambiente em que se encontra. Esse contexto torna-se profícuo a uma reflexão, cujo processo serve a uma dupla função, pois leva o aluno a partilhar sobre o que pensa a respeito de um determinado assunto, comunicando-o, mostrando a representação desse seu mundo que está sendo comunicado, ao mesmo tempo que, ao questionar aquilo que ele tem como certo, o que ele espera ser verdadeiro, viola essa sua convicção.

Em decorrência disso, pode-se dizer que a experiência da leitura sempre ameaçará de forma fascinante a estabilidade do mundo e do que é o leitor. E isso é o que verdadeiramente caracteriza a leitura literária, pondo em questão, como diz Larrosa (1999), o quanto é frágil a solidez da identidade do ser humano. O processo de aprendizagem do indivíduo, mais especificamente o aprender a ler a si e ao mundo, é inerente aos livros, ou seja, estes constituem um meio que permite ao indivíduo “ler a si mesmo e a decifrar o sentido do mundo em que vive. E também o modo como a relação assídua com os livros é inseparável dessa aprendizagem” (LARROSA, 1999, p. 93).⁵ A obra literária constitui-se, sem dúvida, num instrumento que permite ao leitor discernir sobre si e o mundo, o que sem ela, provavelmente, não chegaria a uma transformação. Portanto, os livros têm a função de ajudar o leitor a configurar a sua própria identidade e a compreender o mundo, já que a ficção é um jogo sempre aberto, para além da verdade absoluta.

Se o leitor intervier reflexivamente no conhecimento inferido pelo texto, ele então estará de fato construindo o seu próprio conhecimento; caso contrário, ou seja, quando o conhecimento advindo daí apenas é assimilado, este o controlará. O processo de troca e negociação sobre as significações levantadas pela leitura de um texto deve caracterizar o procedimento de sala de aula. “Isto não significa simplesmente que o aprendiz individual deva abrir sozinho seu caminho através da lição, mas que a lição, em si, seja um exercício na coletividade, dependente da sintonia do professor com as expressões e intenções dos membros da classe” (BRUNER, 1998, p. 139).

⁵ Tradução da autora: leerse a sí mismo y a descifrar el sentido del mundo en el que vive. Y también el modo como la relación asidua com los libros es inseparable de esse aprendizaje.

A linguagem não apenas transmite, ela cria ou constitui conhecimento ou 'realidade'. Parte dessa realidade é a atitude que a linguagem implica em relação ao conhecimento e à reflexão, e o conjunto generalizado de atitudes que se negociam cria, com o tempo, um sentido de *self*. Reflexão e 'distanciamento' são aspectos cruciais na realização de um sentido do alcance das atitudes possíveis – um passo metacognitivo de grande importância. A linguagem da educação é a linguagem da criação de cultura, não apenas de consumo ou da aquisição de conhecimento. Em uma época em que nossa instituição educacional produz a alienação do processo de educação, nada podia ser mais prático do que olhar novamente, à luz de idéias modernas da lingüística e da filosofia da linguagem, para as conseqüências de nosso atual discurso escolar e para suas possíveis transformações (BRUNER, 1998, p. 139).

A leitura muitas vezes é apresentada ao aluno a partir do pressuposto de que este seja um portador de conhecimentos em processo de maturação e, por isso, deve apropriar-se do conhecimento para então dominar o mundo e a si mesmo. Essa visão, no entanto, desvia a possibilidade de a leitura acontecer a partir do desnudamento do indivíduo frente ao texto, o que significa que os riscos provocados pela leitura são conduzidos e, conseqüentemente, eliminados. Ou seja, ao leitor, não lhe é permitido perder-se em sua própria leitura, e a experiência, que poderia advir daí, torna-se previsível, o que não se caracterizará como aprendizagem. Desse modo, quando o trabalho de leitura é controlado, passa a ser para o aprendiz um mero acúmulo de conhecimentos externos a ele.

Em sua busca da certeza, a ciência moderna faz da experiência o método do conhecimento, a via segura que conduz ao saber. Em sua busca do modelo de aprendizagem natural, a pedagogia moderna faz da experiência algo permanentemente controlado e tutelado, algo que está já previsto na sequência previsível do desenvolvimento (LARROSA, 1998, p. 214).⁶

A experiência da leitura se dá de fato a partir da relação do leitor com o texto, não do entendimento de um significado superficial do texto, mas de uma vivência com o texto, exigindo cumplicidade entre texto e leitor para que este possa então se formar a partir de um trabalho próprio de compreensão, em que o leitor se apropria e produz significados. Quando o leitor trabalha efetivamente um texto, ele está, na verdade, trabalhando sobre si mesmo, buscando e aperfeiçoando a sua própria identidade.

⁶ Tradução da autora: En su búsqueda de la certeza, la ciencia moderna hace de la experiencia el método del conocimiento, la vía segura que conduce al saber. En su búsqueda del modelo del **aprendizaje natural**, la pedagogía moderna hace de la experiencia algo permanente controlado y tutelado, algo que está ya previsto en la secuencia previsible del desarrollo.

A cada nova leitura, o leitor amplia seus horizontes e não esgota o sentido de um livro, pois este é sempre passível de ser diferentemente decifrado e ampliado. É sempre possível ler de outra maneira, com um novo olhar, sob novo prisma até então não percebido, afinal,

o que vemos no texto depende dos olhos com que o vemos. [...] Sempre há um texto já escrito e já lido que há de se aprender a ler de outro modo. Uma e outra vez, infinitamente, porque não há uma leitura última e definitiva que dê o sentido verdadeiro. [...] Sempre há outras leituras possíveis, perspectivas novas. E a arte da leitura não consiste em reconstituir o sentido verdadeiro da moral, da antiguidade, do homem ou do mundo, posto que tudo isso já são interpretações. Não há mais que textos suscetíveis de leituras infinitas. O mundo é uma fábula, seus sentidos infinitos, a leitura é uma arte (LARROSA, 1998, p. 239/240).⁷

O papel da educação leitora está em oportunizar ao aluno que ele mesmo descubra quem ele é. Não há técnica que mostre como fazer isso, apenas a consciência de que o que está em jogo é o despertar de uma compreensão sobre si mesmo, em que cada leitor define o que é para si mesmo. Esse caminho é singular, e a sua dimensão somente pode ser dada pelo próprio leitor. Para finalizar, a leitura tem o papel de encaminhar o leitor a uma identidade aberta, em que ele questiona e é questionado pelo texto e por si próprio. E é exatamente isso que o desestabiliza, pondo-o em movimento, ou seja, ela faz com que o indivíduo seja surpreendido pelo texto, do que decorre uma ruptura na sequência e na continuidade da própria leitura, ocasião em que o texto revela algo ao leitor sobre si mesmo, havendo uma atualização do que existe, na verdade, no seu mundo interior. Essa experiência não é planejada e nela “não se sabe onde se vai chegar, nem mesmo se vai se chegar a algum lugar” (LARROSA, 2006, p. 52/53). Portanto, ler é uma atividade complexa que se dá de fato no momento em que o leitor é tocado pelo texto, transcendendo a linguagem e imergindo no que há de mais puro em si mesmo, o que o convida a penetrar na sua própria existência.

⁷ Tradução da autora: lo que vemos en el texto depende de los ojos con que lo vemos. [...] Siempre hay un texto ya escrito y ya leído que hay que aprender a leer de otro modo. Una y otra vez, infinitamente, porque no hay una lectura última y definitiva que dé el sentido verdadero. [...] Siempre hay otras lecturas posibles, perspectivas nuevas. Y el arte de la lectura no consiste en reconstituir el sentido verdadero de la moral, de la antigüedad, del hombre o del mundo puesto que todo eso son ya interpretaciones. No hay más que textos susceptibles de lecturas infinitas. El mundo es una fábula, sus sentidos infinitos, la lectura un arte.

2.1 Atualização do mundo interior do leitor

Levando-se em consideração o que fora tratado até o presente momento, já é consenso para esta pesquisa que atribuir sentidos a um texto literário não significa uma mera transposição de linguagem do texto ao leitor, até porque há uma pluralidade de sentidos quando o indivíduo se depara com o texto e o lê. Para fortalecer o aspecto da subjetividade do leitor na sua experiência leitora, é a contribuição de Birman (1996), através de uma abordagem psicológica, que vai mostrar que existe algo no campo das significações que está profundamente ligado ao leitor em particular, uma vez que a leitura o desconcerta, como se lhe provocasse algo. Segundo o referido autor,

o desejo do leitor é colocado em movimento mediante um fragmento do texto. Com isso, o leitor se descobre como um sujeito desejanste pela experiência da leitura, de forma que essa possibilita ao leitor uma intuição e até mesmo um conhecimento de si mesmo que eram inexistentes antes da leitura (BIRMAN, 1996, p. 55).

Embora a leitura literária seja um processo de conhecimento, ela é muito mais uma forma de aprimorar a sensibilidade do sujeito-leitor, pois não só o entendimento do texto se dá através da leitura, mas principalmente o que está em jogo é a subjetividade do leitor. Com a leitura, há a transformação do leitor, uma vez que “algo de fundamental a respeito do seu ser e do seu desejo foi revelado e provocado pela leitura” (BIRMAN, 1996, p. 55).

Ao ler, o indivíduo é surpreendido pelo texto, e por isso se estabelece uma ruptura na sequência e na continuidade da leitura, ocasião em que o leitor se descobre através do texto. Assim, o lugar do sujeito na leitura inicialmente se dá por meio deste impacto causado pelo ato de ler, pois a interrupção da leitura o desconstrói e ele passa a ser “conduzido para uma posição de fantasma e de refletir sobre o que aconteceu” (BIRMAN, 1996, p. 57). Isso significa dizer que a leitura literária faz com que o indivíduo traga à tona o que há de mais secreto em si, o que “se atualiza pela fantasmática provocada pela leitura” (BIRMAN, 1996, p. 55/56). O texto literário revela algo ao leitor sobre si mesmo, havendo uma atualização do que existe no seu mundo interior.

Quando volta ao texto, o eu do leitor se restabelece. Percebe-se que o efeito desta ruptura

se produz de maneira fragmentar e oscilante, pois nem tudo o que está escrito é capaz de tomar literalmente o leitor, mas apenas algumas passagens que incidem na sua circulação desejante. Assim, pode-se dizer que a experiência de leitura é um conjunto disperso de fragmentos impactantes, que funcionam pela produção de rupturas no leitor (BIRMAN, 1996, p. 57/58).

Por isso, é por meio do texto como fragmento para o leitor que este se torna desconstruído momentaneamente em suas referências, abrindo-se desse modo caminhos de seu desejo. A partir desta posição de suspensão por que passa o leitor, ele “procura articular o sentido revelado pela desconstrução, num discurso totalizado, em que se consideram o sujeito e o texto como pólos referenciais” (BIRMAN, 1996, p. 58). É a compreensão que se dá. O indivíduo se reconhece através da leitura e isso lhe permite compreender o que lê. É através desses dois processos de subjetivação – reconhecimento e compreensão – que ocorre a “singularização do leitor, enriquecendo o seu capital simbólico pela articulação dos fragmentos, produzida pelo reconhecimento interpretante. Portanto, o sentido não é dado imediatamente pelo texto, mas produzido ativamente pelo leitor” (BIRMAN, 1996, p. 58).

O ato de ler conduz o leitor a produzir sentidos novos para ele, o que lhe permite ir além do estabelecido em seu meio – seja por aspectos sociais, culturais, religiosos, filosóficos, ou de qualquer outra natureza, transgredindo o que traz como instituído. É a partir disso que se abrem novas possibilidades para o estabelecimento de sentidos diversos aos que ele já traz consigo. Na relação do leitor com o texto literário, o lugar do sujeito no campo da leitura perpassa pela desconstrução e construção do sentido e nisso está presente a posição de desejo do sujeito.

Seria pela mobilidade desejante do sujeito do inconsciente que o leitor poderia assumir uma função propriamente crítica, sendo afetado pelos textos e remodelando o real pelo exercício da interpretação. Desta maneira, a função simbólica que dirige o leitor se funda na possibilidade desejante do sujeito do inconsciente, que reabre então novos horizontes de significação.

A associação entre a leitura e as possibilidades de transformação subjetiva aproximam-nos da temática do conhecimento. No processo de desconstrução e reconstrução surgem, certamente, novos conhecimentos. Conhecimento não tomado somente na sua perspectiva consciente, mas sim de um saber inconsciente. O ato de ler [...] remete-nos a

uma leitura desejante na qual sentidos foram produzidos e reproduzidos num constante processo de construção e desconstrução. E é nesse movimento de sentido que o saber inconsciente se produz e se transforma (TOROSSIAN, 2005, p. 75/76).

Infere-se, diante de tais considerações, que o leitor não é passivo frente ao que lê. Ele se apropria do texto para imprimir as suas inferências, num processo de interação que ocorre entre texto e leitor. Assim, o indivíduo recria as suas concepções a partir do outro – o texto. Por isso não há neutralidade no processo de leitura, até porque o leitor, enquanto constrói sentidos, percorre um caminho em que se vale da desconstrução do que tem como já estabelecido, para transformar a si e ao que lhe foi dado como convencionalizado.

Torna-se evidente que, além de se utilizar do seu conhecimento de mundo, o leitor também é envolvido por sua afetividade, tendo em vista que diante da palavra ele faz uso da reflexão da mesma, mas traz consigo uma carga de emoção. Isso porque o texto desperta-lhe algum interesse e reflete o que ele busca ao realizar a leitura, num processo de identificação com o texto, cuja afetividade torna-se um componente essencial para o ato de ler, além de o impacto disso ser real em sua própria existência.

3 OS CONTOS LITERÁRIOS: SELEÇÃO E ANÁLISE TEMÁTICA

Para a realização da prática pedagógica, foram utilizados cinco contos literários, cuja escolha se deu pela professora-pesquisadora, com o intuito de fazer com que o aluno se deparasse com situações relacionadas à condição humana, oportunizando um campo de leituras para que ele pensasse sobre essa questão a partir do modo como esses textos conduzem o assunto, considerando sua linguagem e arte, a forma como os personagens agem, enfim, conduzir à reflexão. A seleção dos textos teve a intenção de despertar a atenção do leitor sobre questões ligadas a sua própria essência humana.

Os contos utilizados para o referido estudo são os seguintes: *No retiro da figueira*, de Moacyr Scliar, *A máquina extraviada*, de José J. Veiga, *A moça tecelã*, de Marina Colasanti, *Clínica de repouso*, de Dalton Trevisan e *O enfermeiro*, de Machado de Assis. A seguir, faz-se uma análise temática sobre cada um desses contos, equivalendo a uma possibilidade de leitura a respeito de cada um, o que – posteriormente junto aos alunos – servirá como ponto inicial de reflexão para discutir os respectivos textos em sala de aula.

3.1 No Retiro da Figueira

Em *No Retiro da Figueira*, Scliar vale-se de uma família em ascensão financeira para abordar a violência cotidiana, ressaltando, através desse problema tão presente na sociedade, uma das características da ironia: o contraste entre o real e a aparência. A ânsia de encontrar um lugar tranquilo faz com que o casal se depare com uma situação que sinaliza a degradação em que se encontra o ser humano, ou seja, ao sujeitar-se ao isolamento em busca de um espaço seguro, o homem distancia-se da realidade.

Ao se deparar com um prospecto colocado sob a porta de sua residência, anunciando um conjunto residencial fechado, o casal se encanta com a área e, embora o marido achasse que a oferta fosse boa demais, decide comprar uma casa e mudar para o anunciado Retiro da Figueira, um local arborizado, bonito e com uma segurança impecável, ideal para a sua família. A idealização de uma localidade para morar, destacada já no primeiro parágrafo do texto, realça a ideia de sonho, de perfeição, em que subjaz, no entanto, a ilusão ao referir-se ao condomínio como “*um dos últimos locais*” para viver essa perfeição. O fator segurança para residir é o que induz o casal a mudar-se para o condomínio, revelando a falta de segurança que vive o homem urbano, tanto que, após conhecerem o lugar, a mulher ficou maravilhada ao saber “*da cerca eletrificada, das torres de vigia, dos holofotes, do sistema de alarmes – e sobretudo dos guardas. Oito guardas, homens fortes, decididos – mas amáveis, educados*”.

Percebe-se que o texto questiona o isolamento a que se submete o ser humano diante do contexto social de violência e agressões por que passa, o que é reforçado no texto pelo fato de o marido ser promovido recentemente, os assaltos no bairro em que moravam serem cada vez mais frequentes e a violência os aterrorizar. Tudo isso os motivara a buscar um novo espaço para morar. Além do mais, ao visitarem o condomínio, conheceram alguns dos moradores – diretores de empresas, profissionais liberais, fazendeiros – e souberam que quase todos escolheram o lugar devido à segurança. Descobriram também que o prospecto havia sido enviado a um número limitado de pessoas, o que satisfez a mulher, mas, para o marido, mais uma vez, pareceu ser bom demais. É salientado o deslumbramento da personagem feminina com a ideia de fazer parte de

um grupo selecionado de pessoas, excluindo a possibilidade de indivíduos violentos em seu meio, como se isso fosse real na sociedade em que se encontra. Scliar remete o leitor a analisar a alienação do indivíduo sobre a realidade social. O estilo de vida desejado não condiz, portanto, com a realidade que se apresenta ao homem, assim como é menos conquistado com a mudança de residência, do que com uma atitude diferenciada do cidadão frente aos problemas que existem em seu meio social e dos quais ele também é responsável.

A contradição entre liberdade e aprisionamento é construída sutilmente no texto, de forma que o sonho de livrar-se da violência vai isolando o homem, ou seja, a segurança desejada – e aparentemente conquistada – reduz o indivíduo, afasta-o do convívio social e encarcera-o a um limite de perspectivas e de atuação. O encantamento pelo lugar atraiu a família, apesar de o personagem-narrador dar indícios frequentes de que havia algo errado nesse lugar tão “*maravilhoso*”, tanto que inicia e termina o texto com a expressão “*Sempre achei que era bom demais*”. Embora seja evidente a desconfiança por parte do marido sobre o Retiro, ele se submete ao novo estilo de vida e acredita piamente que aquele é o lugar ideal para viver: “*Mudamo-nos. A vida lá era realmente um encanto. [...] O primeiro mês decorreu – tal como prometido no prospecto – num clima de sonho. De sonho, mesmo.*” O encaminhamento do texto leva à reflexão de que ter consciência sobre a realidade circundante é fundamental para não se tornar uma vítima da mesma. Caso contrário, produz-se a alienação, e o homem torna-se refém da incapacidade de analisar o contexto em que está inserido. Ao longo do texto, o protagonista vai deixando-se conduzir pelo desejo de fuga do ambiente violento de que faz parte tanto quanto vai tornando-se manipulado por sua própria atitude de apatia, de não-reflexão, o que contribui para aumentar ainda mais a violência social.

Nisso se observa que o estado de êxtase a que se submete o ser humano, quando não olha de frente para a sua realidade, causa-lhe muitas vezes a ilusão de ser capaz de transformar o seu meio sem nele atuar. A inconsciência de sua atuação como cidadão responsável por esse caos em que vive gera a prisão de si mesmo. Ao invés de agir e atuar em seu ambiente, o homem procura fugir dele, de modo que a sua não-reação o coloca numa posição de passividade e, conseqüentemente, torna-se um ser apático para reverter de fato a situação da violência.

Isso é muito claro quando, durante o primeiro mês, a vida no condomínio parecia um sonho: tudo era perfeito, até que num domingo, o alarme tocou e, conforme combinado quando isso ocorresse, todos se dirigiram ao salão de festas. A construção do texto mostra que o homem vai sendo conduzido quando não é o próprio agente de sua ação, como se percebe em: *“O chefe dos guardas estava lá, ladeado por seus homens, todos armados de fuzis. Fez-nos sentar, ofereceu café”*. Mais uma vez a contradição entre o real e a aparência se faz presente no texto, pois, com o intuito de fugir da violência, buscando segurança e liberdade, a família e todos os moradores do condomínio se encontram, sem saber, prisioneiros de um armamento pesado e destrutivo, capaz de destruí-los brutalmente. Na ocasião, o chefe dos guardas pediu desculpas pelo transtorno, explicou que havia marginais nos matos ao redor do Retiro e, por isso, pedia a todos que não saíssem naquele domingo. Todos concordaram, afinal, era domingo e a imagem do chefe era exaltada: *“Era mesmo um homem muito simpático. Ninguém chegou a ficar verdadeiramente contrariado.”* No dia seguinte, a sirene soou de madrugada e novamente ninguém pôde sair. No terceiro dia, todos ficaram novamente retidos, jogando, passeando ou sem nada para fazer.

O que se nota é que, ao se isolarem a fim de se protegerem, acabam sendo o alvo atingido pela violência da forma mais inesperada e surpreendente possível. É a partir desse momento que o texto revela a sua maior ironia, pois todos viram então quando a polícia cercou o local, um avião aterrissou no campo de pouso, um homem desceu, entregou uma maleta ao chefe dos guardas – que a examinou detalhadamente – e saiu assustado pelo portão de entrada. Em seguida, os seguranças entraram todos no avião, que decolou e sumiu. A imagem de segurança, de proteção oferecida pelos guardas, quando a família procura e se muda para a nova residência, contrasta com a imagem final dos mesmos, que fogem do local – o qual parecia estar protegido –, sendo eles mesmos os causadores da insegurança vivida pelos moradores. Certamente a quantia que levaram foi o suficiente para construir muitos outros condomínios como o do Retiro da Figueira, o qual o marido sempre achou bom demais. Afinal, essa violência sofrida e aparentemente inesperada é, na verdade, revelada com muita sutileza pelo narrador quando diz: *“Quanto a mim, estava achando tudo muito bom. Bom demais”, “Alguns estavam até gostando. Eu não. Pode parecer presunção dizer isto agora, mas eu não estava gostando nada daquilo.”*

O autor aborda a questão da violência refletindo sobre a forma de atuar diante dela na sociedade, num olhar que não reproduz o óbvio, o redundante, o esperado da vida cotidiana. Através da ficção, Scliar vai além, num tom que expressa a dimensão de um dos maiores problemas vividos pela sociedade humana, em que as personagens são configuradas não a partir de traços físicos, mas de posturas, atitudes e pensamentos que ganham o poder de convicção, as quais sugerem a construção e o sentido do texto. Isso garante a aceitabilidade das mesmas, na medida em que se torna possível a manifestação da existência de cada uma delas.

Em todo o conto, as personagens foram apresentadas sem uma identificação específica, tratadas simplesmente como o marido, a mulher, os filhos, o chefe dos guardas. Essa ausência de nomes próprios reforça a perda de identidade do ser humano em seu meio social, ou seja, é o homem anulando a si mesmo. É como se a sua existência fosse marcada por omissão, necessidades, o que provavelmente, em situação oposta, pudesse lhe dar mais sentido à vida. Esse traço fortalece a ideia do quanto é necessário suprir a ausência, a omissão para transformar o espaço em que vive o ser humano. Este aspecto constitui-se num traço que convencionou a figura das personagens, colocando-as numa posição de existência sem valor, vã, insignificante, aproximando-as à existência do ser humano diante da sua atuação frente aos problemas vividos com relação à violência urbana. A partir do desejo de mudança de residência percebe-se a verossimilhança do texto com a omissão do homem diante do enfrentamento dos seus problemas sociais.

3.2 A Máquina Extraviada

Considera-se que um texto literário não tem o intuito de explicar ou concluir alguma coisa, tendo em vista que o seu conteúdo não se torna obsoleto, ou melhor, contraditoriamente, ele provoca, ao longo dos tempos, sempre novas inquietações, não se deixando encobrir ou se extinguir. A cada nova leitura, o texto atinge o leitor, e isso remete à ideia de que a arte literária implica a problematização de temas relacionados ao ser humano. Em *A Máquina Extraviada*, narrativa de José J. Veiga, o autor vale-se de um ambiente interiorano para mostrar a realidade ficcional através de acontecimentos e fatos vivenciados por uma comunidade que se integra a

eles, os quais vão exercendo fascínio e poder sobre a população, que se revela tanto curiosa quanto com receio diante do desconhecido.

A obra traz um narrador motivado com um acontecimento fora do comum em sua cidade, no sertão, o qual, empenhado em noticiar o fato a seu compadre, por meio de carta, informa-o sobre a novidade que vem despertando a atenção de todos na cidadezinha. Trata-se de uma estranha máquina que chegou à tarde na cidade e foi descarregada em frente à prefeitura. Diante do inusitado, muitos foram os curiosos que se aproximaram para saber do que se tratava, mas nenhuma informação obtiveram. Os homens que a trouxeram, montaram-na à noite e partiram durante a madrugada, de modo que ninguém ficou sabendo *“quem a encomendou nem para que servia”*. As crianças foram as primeiras a aproveitarem a novidade – aos poucos, começaram a brincar na máquina, apaixonando-se por ela – e poucas foram as pessoas que não se entusiasmaram com a máquina, tanto que sempre que alguém passava por ela, embora já passados alguns dias, havia sempre algo a ser notado: *“Ninguém passa pelo largo sem ainda parar diante da máquina, e de cada vez há um detalhe novo a notar.”* Através da forma como as pessoas tratam a máquina percebe-se a idealização da realidade, o que se revela por meio da reação de admiração dos habitantes do lugar com relação à estranha máquina.

Apesar de a máquina ser desconhecida e estranha a todos, não há nada no texto que a relacione a algo misterioso ou sobrenatural. A relação estabelecida entre o homem e o estranho converge para a distância do ser humano de si mesmo, de sua mais profunda consciência sobre sua própria existência. O narrador, ao dirigir-se a seu compadre, vale-se de uma linguagem simples para revelar um acontecimento no qual se sente envolvido e, ao mesmo tempo, mantém um olhar crítico sobre a situação que observa, pois, além de se preocupar com a possibilidade de a máquina ser retirada dali ou passar a funcionar, o que poderia quebrar o encanto e o mistério trazido por ela, demonstra também um estado de perturbação pela presença daquele objeto, afinal, além de o descrever ao compadre e dizer do vínculo criado com a comunidade para com o estranho objeto, deixa em suspense, ao longo do texto, o lugar que o homem ocupa diante de si mesmo, contrapondo realidade e alheamento da realidade.

A máquina é tratada com respeito e, ainda que ninguém saiba quem a encomendou, o prefeito designou um funcionário da prefeitura para cuidar dela, e este executa o seu trabalho com muito cuidado. Não há dúvida de que a presença da máquina na cidade é motivo de orgulho para seus moradores, e não há importância alguma em não saber para que ela serve. A relação estabelecida entre o homem e o estranho é permeada pelo fato de que o desconhecido torna-se um suporte para o indivíduo, de modo que ele rapidamente pode até se apaixonar por coisas que muitas vezes nem sabe exatamente o que significam, o que, conseqüentemente, o impede de ser si mesmo. Este sentimento de encanto por situações imprevistas é tão marcante no texto que até pessoas de outras cidades querem comprar a máquina, mas o prefeito não cede a nenhuma proposta. Em decorrência deste deslumbramento, todas as datas festivas passam a ser comemoradas ao pé da máquina, e não mais no antigo coreto ou no campo de futebol, e, cada vez mais, ela ocupa espaço na vida das pessoas. O vigário é o único que ainda não a homenageou, mas também “*não tentou nada contra ela*”, embora censure a forma como o povo a trata.

O narrador conta também que houve um único acidente envolvendo a máquina. Foi com um jovem bêbado que decidiu dormir no alto da máquina e caiu, prendendo a perna numa engrenagem. Mas “*a máquina nada sofreu, felizmente*”. O rapaz perdeu a perna e hoje “*ajuda na conservação da máquina, cuidando das partes mais baixas.*” A tragédia ocorrida foi minimizada pelo narrador, quando sutilmente diz que o homem perdeu a perna por ter sido imprudente diante da máquina. O que leva a pensar sobre a posição de desvalorização do ser humano diante da vida e da sociedade.

No conto, a não-indicação de um tempo, assim como de um lugar específico – apenas numa cidade do interior do sertão – intensifica a ideia de que a novidade tanto desperta toda a atenção dos habitantes da cidade como coloca-os à margem da realidade: “*Fique o compadre sabendo que agora temos aqui uma máquina imponente, que está entusiasmando todo o mundo. Desde que ela chegou – não me lembro quando, não sou muito bom em lembrar datas – quase não temos falado em outra coisa*”. Nisso se percebe mais uma vez que o desconhecido, o estranho, aquilo que surge praticamente do nada, sem nenhuma funcionalidade, exerce grande poder sobre a população, a ponto de mudar os seus próprios hábitos e fazer com que surja uma

profunda consideração pela máquina extraviada, a qual passa a ser reverenciada por aquela comunidade interiorana, cuja vida social gira em torno dela.

Portanto, um dos aspectos relevantes trabalhados neste conto diz respeito à supervalorização do novo. E isso reflete o quanto a falta de conhecer – a si e às engrenagens que movem o mundo e suas relações – conduz o ser humano à insegurança de sua própria existência, alheio a si e ao entorno. O medo de perder a máquina sinaliza o vazio interior em que o homem se encontra quando a sua existência não é respaldada em si mesmo. Às vezes, o desconhecido torna-se um suporte para a existência do indivíduo, porque ele não vê em si mesmo o que encontra no novo, e isso o impulsiona a existir; porém, não percebe que pode também tornar-se um prisioneiro da relação com esse novo. O ser humano busca fora de si algo que dê sentido à sua vida. Isso o impulsiona a agir e a sentir-se valorizado. Esse estado de ânimo, no entanto, muitas vezes é falso, porque não condiz com a própria essência do ser da pessoa e leva-a a viver uma ilusão, alienada de si própria.

Outro ponto interessante de ressaltar na narrativa de Veiga é o fato de a máquina causar encantamento no sertão, o que remete a relacionar o inusitado objeto ao impacto da tecnologia naquele ambiente, de modo que as novas tecnologias não só transformam o meio mas também impõem novos hábitos e valores, o que, por conseguinte, também pode causar a dominação do homem. A abordagem do novo numa comunidade interiorana e a reação da mesma trazida pela narrativa reforça o ponto de vista de que a tecnologia criada pelo próprio homem para seu benefício próprio também pode condicioná-lo a uma passividade, levando-o à aculturação. No conto, a população não se preocupa em entender o porquê da presença e função daquele estranho objeto ali, não há questionamento sobre sua presença. Os moradores do lugar não têm discernimento suficiente sobre o estado de alienação e irreflexão em que se encontram. Ao contrário, ironicamente a máquina se transforma num ponto importante da cidade, dando sentido e vida a uma comunidade até então sem uma existência significativa. Afinal, querem até declarar a máquina monumento municipal; dizem que ela até já fez milagre, o que provavelmente seja exagero. O receio da população é que chegue alguém de fora da cidade e ponha a máquina a funcionar. *“Se isso acontecer, estará quebrado o encanto e não existirá mais máquina.”*

A tecnologia tem em si uma função produtiva, um papel de execução dependente da interação do homem com a mesma. Quando este, no entanto, não domina o código que rege essa funcionalidade e permite essa troca, dá-se o silêncio, a inércia, e surge, em consequência, a sua posição de refém diante da técnica. O novo é sempre exigente e traz consigo transformações: a comunicação se altera, novas concepções e conceitos surgem, o conhecimento se modifica. Ele pede nova postura e novas atitudes do homem para agir, o que se constitui nada mais nada menos do que em respostas às renovações tecnológicas. Não dar essas respostas implica colocar-se aquém de tudo o que a tecnologia traz consigo. É calar-se diante do que ela tem a oferecer, é sujeitar-se diante da complexidade, do pensamento, dos sentimentos. Sem dúvida, pode-se dizer que na evolução da humanidade cada vez mais a tecnologia se faz presente e ficar alheio a ela é tê-la ao lado como uma ameaça de qualquer ordem.

Sem dúvida, na narrativa se estabelece uma reflexão em que há de se considerar que a ameaça maior para o homem não está em não saber usar a tecnologia – não está na presença de uma máquina extraviada –, mas sim em não se reconhecer integralmente a partir de sua própria essência humana e a partir daí existir com plenitude, sem supervalorizar ou minimizar a si ou o entorno, num estado de equilíbrio que só o próprio homem pode sentir e responsabilizar-se pelo mesmo. José J. Veiga projeta uma realidade exterior para, através da observação do comportamento humano, questionar a posição do homem diante de si e do cotidiano.

3.3 A moça tecelã

O conto *A moça tecelã*, de Marina Colasanti, mistura fantasia e realidade ao referir-se à figura da mulher e relacioná-la à construção da família e aos sentimentos de ambição e desencanto provindos daí. A abordagem do texto se dá sob a ótica do olhar feminino, o qual é capaz de fazer e desfazer a direção e o ritmo da vida, sendo tudo construído por meio de um tear.

A narrativa conta a história de uma mulher que vivia sozinha e ocupava-se da tecelagem. Com o tempo, mesmo gostando do que fazia e sentindo-se feliz com isso, passou a sentir-se só e resolveu buscar um marido para sua completude, pensando, inclusive, em ter filhos mais adiante

e constituir uma família, o que lhe parecia necessário para torná-la ainda mais feliz. O marido – construído pelo tear –, percebendo o poder de criação da esposa, passa a querer dela cada vez mais produção de bens materiais, o que a deixa cansada e, a cada dia, mais entristecida. Ao lado dele, ela acaba se sentindo decepcionada, percebe que a vida conjugal não é exatamente o que desejava e resolve desfazer a relação, destecendo o que construíra até então e voltando a viver, sozinha, a vida de antes.

O conto é narrado em terceira pessoa, e não há considerações sobre fatos e ambientes por parte do narrador, o qual se limita a narrá-los a partir da visão dos personagens – a mulher e o marido, os quais são assim referidos no texto. Como um observador e transmissor do que se passa, o narrador vai contando a história numa sequência temporal linear, em que a moça vai construindo a própria vida e preenchendo o seu espaço e tempo com o que lhe parece necessário. Essa construção do mundo em que quer viver se dá de forma fantasiosa, ou seja, por meio do tear. Ela experimenta o que lhe parece ser necessário. Tudo em busca de uma felicidade que deseja alcançar. A rotina do tear, no entanto, faz com que ela sinta a necessidade da presença de um marido para construir a sua família.

Essa busca por uma nova vida conduz a uma reflexão sobre a possibilidade de uma mudança de atitude no que se refere a valores sociais. No processo de construção de sentido para o texto – principalmente através do tecimento do palácio, dos criados, das estrebarias – está um olhar atual, uma releitura para a posição da mulher, que, ao lado do marido, se encontra enclausurada:

Afinal o palácio ficou pronto. E entre tantos cômodos, o marido escolheu para ela e seu tear o mais alto quarto da mais alta torre.
– É para que ninguém saiba do tapete – disse. E antes de trancar a porta a chave advertiu:
– Faltam as estrebarias. E não se esqueça dos cavalos!

Nisso se percebe que a posição de confinamento, atrelada durante muito tempo tão-somente a afazeres domésticos, ao poder de dominação masculino, fez com que ela questionasse o casamento, a necessidade de completar-se através de um companheiro, a possibilidade de ser mãe, ou seja, a própria relação matrimonial a fez questionar a instituição família. A perspectiva de uma nova vida, portanto, não veio ao encontro da realidade que se apresentou a ela, pois o

marido ambicionava apenas bens materiais e, a seu lado, ela não teve a realização de sentir a vida em sua plenitude. Ao contrário do que desejava, tornou-se presa dos desejos e caprichos dele que se sobrepuseram aos dela. A percepção da personagem sobre a realidade circundante e sobre os seus próprios sentimentos encaminha a uma reflexão sobre as relações no casamento, bem como sobre os pré-conceitos sociais. Tanto que a vida da personagem transformou-se a ponto de ela sentir-se profundamente triste, tendo em vista que a presença do marido trouxe-lhe desencanto, tristeza, cansaço, anulando a sua existência como ser individual, capaz de agir e pensar por si mesma, até que resolveu finalmente acabar com tudo e voltar à vida que um dia lhe pareceu sem sentido. No entanto, a decisão de desfazer o casamento implica enxergar a realidade sob outro prisma e não simplesmente retornar ao que vivera antes. O voltar à vida anterior é viver conscientemente o que antes não era capaz de perceber naquele contexto. A volta, portanto, é completamente diferente, pois a forma de percepção da realidade é outra, já que a experiência sentida constitui-se numa marca de crescimento e amadurecimento da posição feminina.

Os acontecimentos no texto vão criando um estado de decepção, os fatos vão se relacionando, e aprofunda-se então o estado de desencanto, até o momento em que a personagem feminina surpreende o leitor ao desfazer o que criara. *A moça tecelã* é uma narrativa que conduz à reflexão sobre as possibilidades da existência humana, bem como sobre o que o ser humano pode tornar-se, sobre o que ele é capaz. A busca por liberdade ao desconstruir o que havia criado e tomado como parte de seu mundo a fez atribuir um novo sentido à vida. Nisso se dá a quebra do convencional. É a transgressão às tradições, exatamente porque a personagem toma o seu destino nas próprias mãos ao desfaz o parceiro.

O texto não se restringe, no entanto, a questionar o casamento como uma instituição pré-concebida pela tradição social, mas, a partir desse ponto, a posição masculina no texto assume um papel secundário, em que o homem não é mais superior à mulher, e esta não é mais dependente da existência do homem, passando a ter a sua própria identidade. A personagem feminina, ao querer unir-se ao marido, reforça a tradição do casamento como uma realização da existência da mulher. A submissão dela ao satisfazer as aspirações do marido é quebrada quando ela percebe que a sua existência pode sim ser individual, independente e capaz de viver de forma diferente da tradição familiar.

Em *A moça tecelã*, a figura feminina rompe com as marcas opressoras que lhe são impostas pela sociedade, pela cultura, pela tradição, optando por uma maneira diferente de viver, ou seja, pela liberdade de existir a partir de si mesma, do que a faz ser verdadeiramente consciente de si por meio de suas próprias atitudes e decisões. No conto, Marina Colasanti mescla o real e a fantasia, o desejo e a opressão, a sensibilidade e o racional, o trabalho e as potencialidades, revelando a construção da identidade feminina.

A narrativa é organizada a partir de uma estrutura coerente, tendo em vista que a personagem feminina passa por um processo de criação que se dá por meio de ajustes às situações que constituem a matéria narrada, o que torna a sua existência peculiar e configura a própria existência ficcional. As experiências, os sentimentos, a insatisfação da personagem ganham poder de convicção, contribuindo para o sentido da obra, o que garante a aceitabilidade da personagem na medida em que torna possível criar o seu mundo através do tear. O poder de criação da moça revela a lucidez sobre o que se passa consigo, sobre o que vivera, além de um olhar crítico sobre o passado e o presente.

Por meio de uma construção sutil e ao mesmo tempo forte, a personagem é corporificada de uma densidade de traços que revelam o seu mundo interior, individual, levando o leitor a invadir a substância da vida de que ela é feita, tão fictícia quanto próxima da realidade, pois:

Cada traço [...] devidamente convencionalizado, ganha todo o seu poder sugestivo. Cada traço adquire sentido em função de outro, de tal modo que a verossimilhança, o sentimento da realidade, depende, sob este aspecto, da unificação do fragmentário pela organização do contexto. Esta organização é o elemento decisivo da verdade dos seres fictícios, o princípio que lhes infunde vida, calor e os faz parecer mais coesos, mais apreensíveis e atuantes do que os próprios seres vivos (CANDIDO, 2002, p. 79/80).

Ao longo da narrativa, o envolvimento da personagem com o mundo circundante, a sua própria falta de identificação através de um nome próprio são elementos que a caracterizam e a identificam, como se estivesse buscando razões para existir. Os traços de sua existência convencionalizam a substância da sua vida, tornando a obra verossímil, sendo a verdade da ficção assegurada.

3.4 Clínica de Repouso

Clínica de Repouso, de Dalton Trevisan, é um conto narrado em terceira pessoa, cuja construção das personagens focaliza, dentre outros temas, a falta de sensibilidade e de comunicação nas relações interpessoais. A narrativa é contada de forma linear, em que a vida de cada personagem – D. Candinha, sua filha Maria e João – é marcada por uma transformação que leva o leitor a refletir não só sobre o que está escrito, mas principalmente sobre o não-dito no texto: a interioridade das personagens, as sensações vibrantes do relacionamento entre mãe e filha, o que encaminha a uma referência para olhar o mundo ficcional e abstrair o que Trevisan apresenta para transformar a vida. Como diz Antonio Candido,

de algum modo, fazer parte do molde, constituir o lineamento do livro. A convencionalização é, basicamente, o trabalho de selecionar os traços, dada a impossibilidade de descrever a totalidade duma existência. É o desejo de só expor [...] a ‘substância da vida’, saltando sobre os acessórios; e cada autor, diz Bennett, possui os seus padrões de convencionalização (CANDIDO, 2002, p. 75/76).

A narrativa inicia com Maria apresentando João a sua mãe, dizendo que ele é irmão de uma amiga de infância, que está em Curitiba à procura de emprego, e pedindo a ela que o aceite como hóspede por um tempo, já que ele não tem onde morar. Alguns dias depois, ela descobre que João é colega de trabalho da filha e seu namorado, o que a faz discutir com os dois.

A existência de D. Candinha estrutura a narrativa, dando forma aos sentimentos e à relação entre as duas mulheres a partir do cotidiano vivido por ambas, ganhando um poder de convicção através de suas atitudes e referências, o que constitui convenções no texto e sugere a construção e sentido do contexto no conto. Afinal, a partir da descoberta do namoro, D. Candinha incomoda-se com o comportamento dos dois e pede à filha que o coloque para fora de sua casa, pois, caso contrário, ela tomará uma providência. De fato, certo dia, quando Maria sai para fazer compras, ela diz a João que vá embora. Ao saber disso, ela insulta a mãe, chamando-lhe de “*doida, maníaca, avarenta*”. As duas discutem e D. Candinha passa mal, o que faz com que João se assuste e saia da casa. No dia seguinte, a mãe acorda com boa disposição, e a filha logo lhe diz: “– *O João volta ou saio de casa*”. Diante disso, novamente discutem e D. Candinha volta a

sentir-se mal, indo parar na cama. Maria, impiedosamente, diz: “– *A senhora não me ilude. Finge-se de doente para me castigar. Com este calor debaixo da coberta.*”

Essa relação de familiaridade e discórdia das personagens garante a aceitação das mesmas na medida em que o confronto de ambas ganha uma proporção que choca o leitor diante das cenas de discussão e conflito, tanto quanto da falta de capacidade de convivência afetiva entre as duas. Tudo isso se acentua ainda mais quando, passados alguns dias, Maria traz um médico para tratar D. Candinha, tendo em vista que a intencionalidade desta atitude revela o distanciamento afetivo da filha para com a mãe, pois, na verdade, ela está menos preocupada com a saúde da mãe do que com o próprio relacionamento com João. Afinal, se a mãe continuasse doente, perturbando o ambiente com problemas de saúde, Maria, em maior ou menor intensidade, teria que atendê-la, o que, conseqüentemente, a afastaria do namorado. O fato de o médico lhe prescrever repouso absoluto, tendo em vista que se tratava de esgotamento nervoso, é oportuno para revelar a aversão de Maria à presença da mãe, tanto que trata logo de encaminhá-la para fora de casa, ignorando inclusive que a mesma queria ir para o convento das freiras, onde se sentiria mais à vontade. Porém, indiferente aos desejos de D. Candinha, a filha a leva para o Asilo Nossa Senhora da Luz, um lugar onde havia todos os tipos de loucos, epiléticos e alcoólatras, com um sistema de atendimento, chamado de doutor Alô, que ameaçava com choques e injeções na espinha a quem se queixasse.

A sutileza e precisão de Trevisan ao abordar a miséria moral e o desamparo permite que, a partir desse momento, o texto questione o tipo de vínculo entre mãe e filha, o que leva a pensar não só no porquê da relação conflituosa entre elas, mas a que ponto o ser humano é capaz de chegar para realizar seus objetivos, suas pretensões, seus desejos. O tratamento dispensado à filha durante toda uma vida é desconsiderado absolutamente quando esta tem ao lado de João uma nova realidade, uma relação amorosa.

Além disso tudo, o ambiente hostil do asilo sinaliza a precariedade tanto das condições físicas para atender os enfermos: “*Nunca entrava sol no pavilhão, a umidade escorria da parede, o chão de cimento.*”, quanto da forma de relacionamento com os mesmos: “*Quem reclama – era o sistema do doutor Alô – ganha choque! [...] Olhe a injeção na espinha! Olhe a insulina na*

veia!” Os internos são relacionados pelo narrador com as mais variadas expressões para identificá-los, como louquinha, possessa, doidinha, mansa, lunática, furiosa, boba, ignorando completamente o nome próprio de cada um deles. A imundície, presente em todo o lugar, faz com que D. Candinha não se alimente de maneira adequada, prejudicando cada vez mais a sua saúde. Na verdade, a comida lhe enjoava, e água não tomava, pois uma das pacientes havia vomitado na pia, causando-lhe nojo.

Ao longo da narrativa, ela sofre paulatinamente as perdas da falta de um relacionamento mais próximo, mais intenso e mais compreensivo com a filha. A sua existência, em decorrência disso, é marcada por incompreensões, por ausências, por necessidades, o que provavelmente pudesse ser revertido se a comunicação entre elas fosse outra, se houvesse maior tolerância de sua parte para saber lidar com o namoro da filha. E isso talvez pudesse dar outro rumo à sua vida. A internação no asilo é um traço de abandono, de isolamento, de ingratidão, que fortalece a ideia de como o ser humano reage diante de suas experiências, já que Maria não vacila em momento algum quando sente a presença da mãe como um empecilho ao seu relacionamento com João.

A figura de D. Candinha na vida de Maria passa a ser um transtorno, o que se comprova, além de tudo, com as raras visitas da filha no asilo, tanto que, quando as faz, repreende a mãe constantemente: “– *A senhora fazendo greve de fome? [...] Só de braba não come.*” No asilo, D. Candinha é tratada com choques e pílulas, e, enquanto isso, João vive muito bem na casa dela: “*Instalado na casa, o noivo regalava-se com ovo frito na manteiga, coxinha gorda de frango.*”

No estado em que se encontrava, D. Candinha chorava muito, o que a fazia lembrar do marido falecido, além de acreditar que estava ali por não ter saído da cama, dando à filha a impressão de estar realmente doente – precisando, portanto, ser internada – e a oportunidade de livrar-se dela. Mas o que mais lhe doía era saber que Maria, vendo as condições em que se encontrava, nada fazia para ajudá-la: “*Não doía ter sido internada – culpa sua não sair da cama. Mas, sabendo o que sofria, a moça não a tirasse dali.*”

D. Candinha tentou fugir, mas, surpreendida, tiraram-lhe todas as roupas e deixaram-na apenas com uma camisola imunda. Ela sobrevivia de chá frio com bolacha, e a cada dia

enfraquecia mais e mais, sem sequer receber da filha a atenção e a ajuda de que precisava para recuperar-se: “– *Olhe essa mulher, doutor – era a filha, vestido preto de cetim, lábio de púrpura, pulseira prateada. – Domingo de sol, uma pessoa deitada? O dia inteiro chorando e se queixando. Aqui não falta nada, que mais ela quer?*” Diante deste contexto, a sua disposição para reagir era praticamente impossível. Numa das visitas da filha, D. Candinha a manda ir embora, desaparecer da sua vida, juntamente com João.

A partir disso, ela fica no asilo em completa solidão, os dias passam e ela tem apenas a companhia de uma mosca, que pousa em sua mão:

De dia o rádio ligado a todo volume. À noite, a gritaria furiosa das lunáticas. Sentadinha na cama, distrai-se a velha a espiar uma nesga de céu. Com paciência, amansa uma mosca das grandes, que vem comer na sua mão arrepiada de cócega. Há três dias, afeiçoada à velhinha, não foge a mosca por entre as grades da janela.

A cena final é incomum, impregnada de uma emoção que aniquila, que constrange, que surpreende o leitor pelo tom funesto que provoca. É a própria representação do quanto o ser humano pode tornar-se sem valor diante dos seus semelhantes, até mesmo daqueles com quem convivera e amara durante uma vida inteira, o que denota o quanto a reação humana é sempre surpreendente.

3.5 O enfermeiro

As contradições vividas pelo ser humano são indiscutivelmente temas abordados nos contos machadianos. O jogo entre ser e parecer desvenda a precariedade do estado a que o homem é capaz de chegar, quer numa dimensão individual, quer numa perspectiva social.

Ler Machado de Assis requer um olhar atento para detalhes que permitem compreender a complicada condição humana e refletir sobre angústias próprias da existência do indivíduo, numa construção que valoriza os estados mentais das personagens, muito mais do que as ações e tramas. Questões relacionadas ao homem, numa temática que envolve a morte, a afirmação

pessoal, o jogo da verdade e da mentira, dentre tantas outras, oportunizam ao leitor, na sua época e no seu tempo, aprofundar a reflexão sobre a relatividade da essência dos valores humanos.

Em *O enfermeiro*, Procópio, personagem protagonista e narrador, à beira da morte, narra uma história do passado e descreve o que acontecera quando cuidara do riquíssimo coronel Felisberto, um homem rabugento, agressivo e mau, o qual teve inúmeros outros enfermeiros para assisti-lo antes dele, mas que, no entanto, apenas passaram por sua casa, pois não suportaram os maus tratos. Como precisava de trabalho, Procópio aceitou o emprego de enfermeiro e dirigiu-se para a pequena cidade próxima a Niterói, onde residia de favor em uma igreja. Ao chegar, foi recebido pelo vigário local e soube que Felisberto era um homem exigente e de temperamento difícil, o que se agravava com a doença, além de que o seu tempo de vida também não era muito; precisaria, portanto, de muita paciência para atendê-lo.

A caracterização dos personagens se estabelece por meio de um antagonismo, em que Procópio distingue-se por ser um homem simples, desprovido de uma situação econômica que lhe desse condições mínimas de sobrevivência e, por isso, vivendo da generosidade de um padre, ex-colega de escola, o qual lhe dava casa e comida em troca de um trabalho de copista, cuja realização não lhe exigia criatividade alguma. Nisso se percebe que a figura de Procópio é impregnada de subserviência, característica que lhe imprime a posição social de subalterno, de inferioridade, de passividade encontrando-se aquém das convenções da burguesia. Tanto como copista quanto como enfermeiro, Procópio é um indivíduo dependente do contexto, sujeito à caridade do padre e ao confinamento a que fora submetido na casa de Felisberto, pois dedica-se exclusivamente a cuidar do coronel, isolando-se do mundo, tanto que nem jornais lia e nada do mundo sabia. Isso configura a desigualdade e a estrutura social no século XIX. Felisberto, por sua vez, com aproximadamente sessenta anos, representa um homem proveniente de uma família aristocrática, que sempre lhe fizera todas as vontades, além de que evidencia autoridade, ostentando o cargo de coronel e os poderes e a honra advindos daí. Além disso, em suas atitudes, revela a satisfação por humilhar os outros, e, vendo em Procópio a não-contestação, o novo enfermeiro lhe desperta interesse, tanto que se recusa a perdê-lo, não aceitando nunca seus pedidos de demissão.

Procópio representava para o vigário uma nova esperança para cuidar de Felisberto, já que nem mais os amigos o aturavam. Em seu novo trabalho, mostrou-se inicialmente muito paciente, o que fez com que Felisberto simpatizasse com o novo funcionário. Porém, passada uma semana, a boa convivência entre ambos acabara, pois o coronel começara a tratá-lo mal, o que foi sucessivamente tornando-se pior. Procópio, no início, aguentava e acreditava ser devido à moléstia e ao temperamento do velho coronel. Inúmeras vezes, entretanto, a rispidez e os insultos do coronel levaram-no a pedir demissão, o que fazia Felisberto recuar em suas impertinências e pedir ao enfermeiro que permanecesse na função. Procópio reconsiderava, mas logo tudo recomeçava. Muitos foram os pedidos de demissão e as solicitações para que permanecesse ao lado do moribundo, até que, numa noite, Procópio fora atacado pelo coronel, que lhe acertara uma moringa no rosto, deixando Procópio tão enfurecido a ponto de esganá-lo. Percebe-se que a passividade de Procópio cedeu lugar a uma atitude de rancor, e a sua posição de servil se transforma.

A partir desse fato, o conto enfatiza o processo de tormento por que passa o protagonista, destacando num primeiro momento o estado de angústia e terror causado pelo crime. Diante de total desespero, Procópio tenta inicialmente convencer-se de que é vítima da situação, tanto que fora induzido pelo padre de Niterói a aceitar o emprego, assim como o médico e o vigário da cidadezinha insistiam sempre para que ficasse mais algum tempo atendendo Felisberto, afinal eles sabiam o quanto era difícil atendê-lo. Na verdade, Procópio buscava a cumplicidade daqueles que lhe conseguiram o emprego. Outro indício para redimir-se da culpa é quando abre uma janela e depara-se com a noite tranquila, o céu estrelado e as pessoas do lado de fora indiferentes ao que se passa com ele. Intensifica-se o remorso e o medo da punição e, no entanto, o estado de temor, contraditoriamente, transforma-se, pois, aos olhos dos conhecidos de Felisberto, o estado de Procópio transpareceu ser um estado de comoção pelo falecimento do coronel. Instala-se aí um paradoxo respaldado pelas máscaras da sociedade vigente, destacando ser e parecer, verdade e mentira, do que advém uma reflexão sobre a não-correspondência entre valores internos e externos do ser humano – afinal, Procópio torna-se um criminoso ao assassinar Felisberto, mas na cidadezinha todos o admiravam pela aparente forma generosa como prestara seus serviços ao coronel. Isso fez com que Procópio procurasse motivos para convencer-se de que o que fizera não fora tão grave, o que passa a ser mais contundente quando, transcorridos alguns dias, soube que

seria o herdeiro universal do coronel. A passividade de Procópio transforma-se em decorrência do que é aparentemente aceitável; a audácia lhe toma, e ele reage procurando se preservar. Percebe-se que a individualidade, o eu-interior do personagem é condicionado por sua vivência exterior. É a submissão ao meio social. Para se incluir nele, o indivíduo abstém-se de si mesmo, de sua interioridade, o que torna sem sentido a existência do homem. A partir daí, ele crê que, por ter sido atacado pelo coronel, precisou defender-se e na defesa, ocorreu uma fatalidade. Com essa ideia fixa, Procópio tem a convicção de que o coronel também não mais viveria por muito tempo, além de que era bem provável que, entre a luta que travaram e a morte do coronel, tivesse se dado apenas uma mera coincidência. Os fatos que o narrador passa ao leitor estão impregnados da sua versão de legítima defesa sobre o contexto da morte de Felisberto. A forma de narrar de Procópio procura tanto iludir o leitor quanto a si mesmo sobre os acontecimentos, como ele mesmo diz: *“Crime ou luta? Realmente, foi uma luta em que eu, atacado, defendi-me, e na defesa... Foi [...] uma fatalidade. [...] E quem sabe mesmo se a luta e a morte não foram apenas coincidentes? Podia ser, era até o mais provável; não foi outra coisa.”*

A leitura do texto ficcional explora a possibilidade de múltiplas concepções sobre a existência humana, num jogo sempre aberto para além da verdade, do imediatismo, do socialmente aceitável, do pré-concebido. Em *O enfermeiro*, embora Procópio sutilmente busque argumentos para atrair a compreensão do leitor sobre o que fizera – ou até mesmo o seu perdão –, é visível que o narrador procura conduzir o leitor a enxergar a realidade sob a sua ótica, tentando convencê-lo sobre suas considerações, bem como valendo-se de julgamentos para tal. O texto inquieta o leitor, desestabiliza-o com o intuito de levá-lo a questionar valores sociais e a própria consciência individual, tudo inserido num processo de sobrevivência, em que a natureza humana, desprotegida, sujeita-se às aparências.

A morte de Felisberto leva Procópio a criar argumentos sobre sua conduta, como se quisesse levar o leitor a acreditar na pretensa fatalidade, além de que transforma a vida de Procópio, que passa a ter sentido, ou a existir de fato, a partir deste episódio, até porque apenas o que se sabe é que ele vivia da benevolência de um padre e tinha quarenta e dois anos em 1859. Nada mais além disso é revelado sobre sua vida anterior.

As marcas temporais no texto ocorrem a partir de sua relação com o coronel, como se vê, por exemplo, nas expressões: “*A verdade é que vivemos uma lua-de-mel de sete dias.*”, “*No fim de três meses estava farto de o aturar*”, “*No princípio de agosto resolvi definitivamente sair*”, “*Concedi-lhes um mês*”. O episódio da morte reforça a dimensão do tempo na noite do crime, em que Procópio, atormentado, passa à espera de algum sinal de vida do coronel, tanto que diz “*durante horas não ousei voltar ao quarto*”. O tempo para o protagonista era demasiadamente lento e angustiante, transcorrendo em total descompasso, num silêncio profundo e doloroso. Ao amanhecer, toda a situação de tormento é dissipada por Procópio, pois toma as providências necessárias para o funeral do coronel: “*Antes do alvorecer curei a contusão da face.*” e “*Em seguida chamei um escravo, disse-lhe que o coronel amanhecera morto*”. Após o enterro, trata logo de ir embora para o Rio de Janeiro. A partir daí novos indícios de tempo aparecem no texto, como: “*Sete dias depois de chegar ao Rio de Janeiro, recebi uma carta do vigário*”, “*Pensei nisso três dias*”, “*No fim de três dias, assentei num meio-termo; receberia a herança*”. De volta à vila, a referência ao tempo se dá vagamente, com referência ao tempo transcorrido para a efetivação do inventário, como “*As primeiras necessidades do inventário detiveram-me algum tempo na vila.*” e “*Durante esse tempo*”. Ao tomar posse da herança, Procópio refere-se a vários meses terem sido passados, e a noção temporal se dá anos após, na lembrança do protagonista quando diz “*Penso às vezes no coronel*”, ocasião em que revela linearmente a sua história a um senhor que possivelmente a publicará após a sua morte, visto que se encontra desenganado, à beira da morte. Este encontro se dá à noite e vai madrugada a dentro: “*o tempo assemelha-se à lamparina de madrugada. Não tarda o sol do outro dia*”. Tudo se dá exatamente como na noite da morte do coronel, estabelecendo-se uma noção de tempo em que o passar das horas assinala a presença da morte – a do coronel, anos atrás, e agora a do protagonista, já que está próximo a ela.

A ironia presente no texto reforça as contradições vividas por Procópio, pois ele menciona citações bíblicas para tranquilizar o seu estado emocional, como, por exemplo, “*Caim, que fizeste a teu irmão?*”, além de mandar rezar uma missa póstuma para o coronel, embora não seja religioso. Tudo para convencer-se da sua inocência forjada. Ademais, o texto faz referência, desde o início, a valores como mansidão e caridade, resignação e conformidade, o que não condiz com a forma de conduzir a morte do coronel. E para coroar as contradições, encerra a narrativa com uma reescritura para o sermão da montanha, “*Bem-aventurados os que possuem, porque eles*

serão consolados.”, ressaltando a transformação por que a vida da protagonista passou, ou seja, não sendo mais um reles copista, agora, com dinheiro, é capaz inclusive de afrontar até mesmo a escrita sagrada. Contada toda a sua história, o narrador diz “*não maltrate muito a arruda, se lhe não cheira a rosas*”, o que reflete o quanto um julgamento pode tornar-se improcedente, já que é inerente da natureza humana a fragilidade e a incoerência em suas atitudes, exatamente o que ele vivenciou, pois, sentindo-se pressionado por concepções sociais e também individuais, ele incorporou uma imagem alheia a si mesmo, com o objetivo de evitar constrangimentos advindos do que fizera.

A leitura de *O enfermeiro* provoca a reflexão sobre a relatividade do bem e do mal, do ser e do ter, da verdade e da mentira, do certo e do errado, sob o ponto de vista de que muitas vezes estes valores são julgados e justificados sob a ótica de conveniências individuais ou sociais – sem que de fato tenham sentido, já que tudo pode estar condicionado a interesses ou ao oportunismo, e, neste aspecto, pode reduzir-se a arbitrariedades.

4 O TRABALHO DE LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL⁸

4.1 Experiência pedagógica com a leitura

Se os textos literários têm em si a possibilidade de contar com uma variedade de leituras, há nisso também uma função pedagógica enquanto essa leitura permite ao indivíduo uma identificação com o texto, a qual possibilita, por exemplo, problematizações, tomada e aumento de consciência. Em outras palavras, por detrás da ideia de voltar-se a si mesmo, há o sentido de formação vinculado ao próprio eu, o qual se refere a

uma relação interior com a matéria de estudo, [...], na qual o aprender forma ou transforma o sujeito. [...] Porque se alguém lê ou escuta ou olha com o coração aberto, aquilo que lê, escuta ou olha ressoa nele; ressoa no silêncio que é ele, e assim o silêncio penetrado pela forma se faz fecundo. (LARROSA, 2006, p. 52).

Conceber essa relação do texto literário com o leitor aproxima o texto, portanto, a uma função pedagógica, porém caracterizá-lo como tal é desqualificá-lo literalmente por lhe atribuir uma intenção significativa. No entanto, o texto literário é também responsável pelas transformações vivenciadas pelo leitor, além de lhe permitir viver com maior consciência sobre o mundo. Isso se constitui em aprendizagem uma vez que oferece ao leitor “uma possibilidade da

⁸ Cabe ressaltar que as expressões “sala de aula” ou “aulas de Português”, quando referenciadas à prática pedagógica envolvendo os estudantes inseridos nesta pesquisa, dizem respeito ao que se deu fora do horário regular de aulas na Escola em que fora aplicado o trabalho com leitura e produção textual. Propõe-se inclusive que esta experiência possa ser desenvolvida na sala de aula regular, em horário normal de aulas.

realidade ainda não pensada e ainda não consciente: uma nova possibilidade de ver, de falar, de pensar, de existir” (LARROSA, 2006, p. 126). Desse modo, a Literatura muda sim a percepção do leitor e conseqüentemente sua forma de agir e reagir ao seu mundo, mas como ela se apresenta para provocar essas reações é o que a torna singular, porquanto não se dirige ao leitor de forma explícita, dizendo-lhe diretamente o que deve ou não fazer. O seu poder está em questionar “a linguagem trivial e fossilizada” (LARROSA, 2006, 126), assim como as convenções que são dadas pelo mundo como algo já pensado e já dito sem reflexão. Conseqüentemente, a Literatura contrapõe-se ao que é dito e todos já sabem, mas “nem por isso renuncia a entrar em relação com a realidade e com a autenticidade e, portanto, com a verdade e com o pensamento” (LARROSA, 2006, p. 127). Por isso, a aprendizagem por meio da Literatura está fundamentada na posição de o que o texto faz o leitor pensar, pois o pensamento aflora juntamente com a sensibilidade, intensificando o ato de pensar e modificando a experiência.

Paradoxalmente, o antipedagogismo da Literatura está associado à ideia de que ela está fundamentada na posição de que comunica e transmite o já pensado, para a qual se faz necessário reformular a forma de conceber a sua recepção, afastando-se da pretensão de impor verdades ou de centrar o texto em torno de doutrinas e significados únicos, em que se solidifica o sentido, em que não se problematizam as representações, em que se privilegia uma ética já pensada, uma moral conformista e fingida, e a forma “de conduzir a existência humana sem inquietá-la, sem colocá-la em questão, sem levá-la além de si mesma” (LARROSA, 2006, p. 128).

Se a Literatura então é diferente de comunicação, porque esta remete à mensagem e aquela a espetáculo, é o apropriar-se do texto para utilizá-lo como recurso educativo, evidenciando um ensinamento, que o torna pedagógico, e isso equivale a um efeito de leitura, o qual se deve buscar secundariamente. É diante desta necessidade discursiva que o texto torna-se apropriação para um determinado fim, e contextualmente é estabelecido um modo de ler determinado, controlado, programado. “Para conseguir isso, a pedagogia tem dois recursos: ou se assegura de que o texto contenha [...] sua própria interpretação de maneira que se imponha por si mesma, ou o professor tutela a leitura, tomando para si a tarefa da imposição e o controle do sentido ‘correto’” (LARROSA, 2006, p. 130). A leitura única torna-se, portanto, imposta, impossibilitando ao leitor perceber modalidades próprias do texto tanto quanto tornar-se o

próprio intérprete do mesmo. Para isso, o leitor é conduzido ao reconhecimento de que o texto tem algo a dizer e de que há uma intencionalidade específica por detrás da leitura.

Em ambos os casos, está subentendida a concepção de apropriação do discurso literário para fins educativos, visando ao ensino de algo pré-concebido, encaminhando a uma leitura única, a um texto que obrigatoriamente quer dizer algo, em que o “leitor deve saber que o relato é uma ilustração de uma doutrina ou uma exposição de uma regra de conduta” (LARROSA, 2006, p. 131). Ao contrário disso, é preciso que a ideia de sentido único ou pré-determinado seja excluída das possibilidades de leitura, privilegiando a plurissignificação de sentidos, além da abertura que o texto propicia ao leitor.

Conforme Larrosa,

O que o escritor faz é reencontrar, repetir e renovar [...] o que ficou na penumbra, semi-consciente, não-formulado, privado de consciência e de linguagem, ou ocultado pela própria instituição da consciência e da linguagem. Para fazer justiça a essas experiências, para não traí-las, tem-se de silenciar o convencional e dar a máxima pureza à linguagem. E para mantê-las no que têm de comuns, de anônimas, tem-se de conseguir uma linguagem maximamente despessoalizada. Só assim, concentrada no essencial e maximamente despessoalizada, a escrita poderá conter o ponto justo de vazio e de silêncio em que o leitor possa se re-orientar (LARROSA, 2006, p. 47).

Quando se pensa em leitura literária como atividade escolar, é importante além disso que o ambiente seja profícuo ao processo de leitura, em que se valorize a experiência de escuta do texto e do próprio leitor, além de se compartilhar a construção de sentidos – e principalmente o que o texto interroga, o que ele instiga, para então promover a abertura a novos textos, deixando-se impregnar pelo poder transformador da Literatura. Esta pesquisa configura-se através do contato direto da pesquisadora com o grupo de alunos envolvidos na mesma, já que a pesquisadora é também educadora dos estudantes que participaram deste estudo.

Inicialmente há se de considerar que o professor é o responsável pela escolha de um texto a ser trabalhado com os alunos. A ele cabe primeiro o encantamento com o texto, a identificação com o texto, o prazer pelo texto. É ele quem convoca o aluno para a leitura de um texto selecionado. Para chegar a essa seleção, ele deve da mesma forma impregnar-se do encantamento, dos vazios suscitados pelo texto, de um silêncio vindo do texto e de si mesmo

para, a partir de então, gerar o processo pedagógico e intermediar a leitura de seus alunos, sem tutelar a leitura.

Segundo Larrosa, “o professor – aquele que dá o texto a ler, aquele que dá o texto como um dom, nesse gesto de abrir o livro e de convocar à leitura – é o que remete o texto. O professor seleciona um texto para a lição e, ao abri-lo o remete.” (LARROSA, 2006, p. 140). Para Larrosa, a leitura em sala de aula não consiste simplesmente numa obrigação, mas numa responsabilidade que deve ser assumida pelo leitor para com o texto que lhe foi dado e a partir disso pôr-se em movimento através do mesmo.

Neste contexto, é relevante a relação professor-aluno diante do que ambos leem, pois cria-se uma expectativa de busca, de interrogações, de interiorização, oportunizando a construção de significados trazidos ao leitor a partir do texto. Esta relação torna-se singular na medida em que abre o espaço da sala de aula para discussões sobre o que se lê e isso é altamente produtivo para o desencadeamento da experiência plural da qual se constitui a leitura. Percebe-se que o aluno de Ensino Médio geralmente chega à escola com uma bagagem de valores e hábitos de consumo ligados a uma comunicação de massa, que lhe incute comportamentos e a reprodução de um sistema capitalista e submisso, com realce a um consumo exagerado e sem controle. O lugar para o imaginário, para a expressão criativa torna-se, na maioria das vezes, distanciado de uma leitura crítica. Certamente não se pode atribuir a essa cultura de massa uma imagem puramente maléfica ao indivíduo, afinal é nela que ele está inserido e mantém relações com o que dela provém. O que se pode fazer, no entanto, é evitar a reprodução dessa cultura – o que não exclui trazê-la para a sala de aula, afinal ela representa a realidade vivenciada pela grande maioria dos jovens – e relacioná-la a uma visão crítica, sem pender para a supervalorização de qualquer cultura que seja, o que se torna imprescindível para a formação crítica do aluno. Assim, os alunos, por sua vez, quando convocados a lerem um texto, devem ser “situados no que se vem dizendo, nesse vir presente na leitura do que já se disse, nessa presença do já dito, do que outros já disseram, mas que, enquanto texto publicamente pronunciado, vem-se dizendo cada vez de novo.” (LARROSA, 2006, p. 141).

Desse modo, ler no ambiente escolar, ter a presença do outro, estar diante da diferença implica aprender também com o outro, pois o ato de ler “não é o instrumento ou o acesso à homogeneidade do saber, mas o movimento da pluralidade do aprender (LARROSA, 2006, p. 143/144)”. O que os alunos têm em comum na sala de aula é o espaço, o que torna possível a manifestação de suas diferenças, mas o que de fato torna perceptível essas diferenças é o texto, pois, quando compartilhado pelo grupo de leitores e na medida em que permitem deixar-se impregnar do que ele (o texto) faz pensar, é tomado como ponto de partida para expressar o que os separa, colocando-os numa posição de unicidade, ou seja, cada leitor reage de forma diferente diante do texto. De qualquer forma, o que há de fundamental nesta relação entre leitores em sala de aula – tanto professor quanto alunos – é que o ponto de partida para se deixar seduzir é justamente o fato de o grupo ser cúmplice da relação com determinado texto. A produção do que virá a partir daí é a construção do que o leitor é capaz de compreender. Essa transgressão do dizer faz com que o leitor expresse a sua própria palavra, num movimento plural da aprendizagem.

Para reforçar esse posicionamento, Larrosa diz que:

Ler não é apropriar-se do dito, mas recolher-se na intimidade daquilo que dá o que dizer ao dito. E demorar-se nisso. Entrar num texto é morar e demorar-se no dito do dito. Por isso, ler é trazer o dito à proximidade do que fica por dizer, trazer o pensado à proximidade do que fica por pensar, trazer o respondido à proximidade do que fica por perguntar. O que dá o que dizer, ao texto, é algo que se diz de muitas maneiras. Por isso, o dito do texto reativa o dizer, os dizeres. Então, o recolher-se àquilo que dá o que dizer, ao texto, o encarregar-se disso, o responsabilizar-se por isso, é colocar-se nos caminhos que ele abre. Por isso, na lição, ação de ler extravasa o texto e o abre para o infinito. (LARROSA, 2006, p. 142).

O trabalho de leitura em sala de aula requer, portanto, a relação com outros leitores, uma vez que há algo comum, mas que preserva as diferenças, afinal, os integrantes desse grupo “lêem em silêncio, cada um para si e, simultaneamente, com os demais” (LARROSA, 2006, p. 143). Desse modo, a aprendizagem provinda da leitura

não é a transmissão do que existe para saber, do que existe para pensar, do que existe para responder, do que existe para dizer ou do que existe para fazer, mas sim a co-(i)mplicação cúmplice no aprender daqueles que se encontram no comum. E o comum não é outra coisa que aquilo que se dá a pensar para que seja pensado de muitas maneiras e aquilo que se dá a perguntar para que seja perguntado de muitas maneiras e aquilo que se dá a dizer para que seja dito de muitas maneiras. (LARROSA, 2006, p. 143).

O compartilhar a leitura está “em ver as coisas diferentes. A liberdade da leitura está em ver o que não foi visto nem previsto. E em dizê-lo” (LARROSA, 2006, p. 145). E para que isso seja possível, é necessário que o leitor se entregue realmente ao texto, deixando-se inquietar por ele.

Portanto, pondera-se que, antes que o texto chegue ao aluno, é necessário que o professor-leitor sinta-se atraído pelo texto, deixe-se envolver pelas inúmeras possibilidades de eco que o texto propicia. Em sala de aula, o professor deve estar impregnado dos seus silêncios e encantamentos, de suas inquietudes, transgredido, mas ainda por transgredir, seduzido, mas ainda por seduzir. Dessa forma, torna-se mais viável que o processo de leitura seja de fato compartilhado e ao mesmo tempo solitário, em que o aluno-leitor possa ampliar sentidos sobre si mesmo, descobrir o valor da leitura para a sua própria vida, despertando o interesse pela leitura como um instrumento de escuta, surpreendente, não como um caminho fechado, estático, mas a palavra tomada torna-se a abertura para o novo, para o desconhecido. Isso exige tempo para que a palavra lida seja observada e refugiada dentro do indivíduo, no seu silêncio, para assim se promover além.

Com o objetivo de atingir esse processo de leitura em sala de aula, faz-se necessário atentar para a capacidade do aluno-leitor de perceber a si mesmo e o seu entorno, associando o silêncio do leitor advindo do texto e a prática escolar, convertendo o texto lido à possibilidade de escrever.

A leitura torna-se assim, no escrever, uma tarefa aberta, na qual os textos lidos são despedaçados, recortados, citados, in-citados ex-citados, traídos e transpostos, entremesclados com outras letras, com outras palavras. Os textos são entremeados com outros textos. Por isso, o diálogo da leitura tem a forma de um tecido que constantemente se destece e se tece de novo, isso é, de um texto múltiplo e infinito (LARROSA, 2006, p. 146).

Como o texto literário faz uso da realidade para se constituir – não se limitando obviamente a isso –, ele aflora a sensibilidade do leitor e o convida a penetrar na sua própria existência. Este caminho que o texto literário oportuniza ao leitor, uma vez que estimula o imaginário, é um espaço propício para acontecer a interação entre texto/leitor e conhecimento, e é o que este estudo se propõe observar. O sentido do texto se dá pela força de acontecimento da

experiência do imaginário, que passa a ser parte da existência do leitor, entrecrocando-se com suas vivências, sua afetividade, de modo que a transformação do indivíduo se dá a partir de então, pois, em decorrência, renova conceitos, amplia significados, reflete sobre o que está diante de si, tendo a si mesmo como ponto de partida.

4.1.1 Procedimentos da experiência

Com o intuito de abordar o texto literário em aulas de Português – e não em aulas de Literatura – no Ensino Médio, a fim de ampliar horizontes de leitura e de discussão de diferentes temáticas, levando o aluno a pensar por si mesmo, esta pesquisa procura constatar a expressão subjetiva no trabalho realizado por alunos deste nível de ensino, evidenciando o quanto a leitura de textos literários pode tornar-se um instrumento favorável à produção escrita de textos opinativos construídos por alunos. Acredita-se que ao ler, discutir ideias de um texto, o estudante mune-se de condições favoráveis à produção escrita, introduzindo em seu texto aspectos subjetivos que o constituem.

O trabalho com alunos foi realizado no Instituto Estadual de Educação Gomercinda Dornelles Fontoura, no município de Encruzilhada do Sul, e constituiu-se de um estudo de caráter exploratório, com estudantes de Ensino Médio, na faixa etária de 15 a 17 anos. Os sujeitos integrantes desta pesquisa são todos alunos da professora-pesquisadora, a qual atua na disciplina de Português na respectiva Escola, e foram convidados a participar de um “Projeto de Leitura” a ser realizado fora do horário normal das aulas regulares da referida disciplina, através de dez encontros semanais, na própria Escola em que estavam matriculados. A constituição deste grupo se deu, portanto, a partir de um convite da professora-pesquisadora, durante o período regular das aulas de Português, a todos os seus alunos, sendo dada preferência aos que estivessem frequentando o segundo ou o terceiro ano do Ensino Médio.

Cada encontro teve a duração aproximada de duas horas, e quinze estudantes – três meninos e doze meninas – se dispuseram a participar do projeto, sendo que, deste total, quatro

nunca se fizeram presentes nos encontros semanais. Cabe ressaltar que o convite foi aceito principalmente por estudantes que sempre demonstraram em aula um bom nível de desempenho com relação à leitura e à redação, além de que sempre demonstraram interesse em participar de atividades culturais extracurriculares, o que certamente influencia na formação de cada um.

Tendo-se a convicção de que o ambiente escolar é propício à prática e à valorização da leitura, e que esta é um dos elementos geradores da aprendizagem, a atividade com os alunos procurou constatar que a leitura de textos literários pode potencializar a produção escrita de textos opinativos a partir da interação entre leitor e texto.

A aplicabilidade do projeto valeu-se da leitura dos cinco contos literários analisados no capítulo anterior, sendo cada um deles trabalhado durante dois encontros, seguindo sempre a mesma sistemática: no primeiro, leitura de um conto, anotação de impressões sobre a leitura e discussão de ideias; no segundo, elaboração de um texto de opinião sobre uma ou mais ideias abordadas no primeiro encontro e leitura conjunta do texto entre produtor e professora, para uma breve correção gramatical do texto. O trabalho de discussão de ideias foi gravado, a fim de que se pudesse abstrair, através da reprodução fiel da fala de cada um em particular, o posicionamento abordado pelos alunos com o maior rigor possível.

A partir da leitura silenciosa e individual de cada um dos contos literários em sala de aula, os alunos anotaram livremente impressões sobre o que leram, cuja intenção foi encaminhá-los a uma reflexão crítica. Ao ler,

não se busca o que o texto sabe, mas o que o texto pensa. Ou seja, o que o texto leva a pensar. Por isso, depois da leitura, o importante não é que nós saibamos do texto o que nós pensamos do texto, mas o que – com o texto, ou contra o texto ou a partir do texto – nós sejamos capazes de pensar.

O objetivo da lição não é nos deixar terminados pela assimilação do dito, nem nos deixar determinados pela aprendizagem dogmática do que deve ser dito, mas in-de-terminar aquilo que dá o que dizer, aquilo que fica por dizer. In-de-terminar é não terminar e não de-terminar. Por isso, ler é recolher-se na indeterminação do dizer: que não haja um final nem uma lei para o dizer, que o dizer não se acabe nem se determine (LARROSA, 2006, p. 142).

A forma de abordar os contos em sala de aula – leitura, discussão oral e redação – visou criar condições necessárias para discutir não apenas o enredo de cada conto, mas as possíveis

relações que se pudessem atribuir a cada contexto. Partilhar o que se percebe num texto, a que ele remete individualmente, são experiências que levam à aprendizagem. Por isso esta pesquisa não se limitou à construção isolada do conhecimento, daquilo que se descobre e que é revelado, mas buscou partilhar quaisquer descobertas e constatações, dando significado ao que estava em questão.

As anotações dos alunos basearam-se puramente nas suas impressões sobre o conto e foram redigidas em forma de itens aleatórios sobre o que lhes vinha à mente. Alguns alunos rapidamente deixaram-se impregnar pela imaginação e escreviam muitas impressões, enquanto outros demonstravam dificuldades de expressar-se por escrito, dizendo, por exemplo, que não sabiam o que escrever, que não lhes vinha nada à mente, que não estavam inspirados naquele momento, ou, simplesmente em silêncio, olhavam para os lados, para os colegas, para o professor e nada faziam – limitando-se a poucos registros.

Após esse registro das impressões provocadas pelo texto – de forma livre e descompromissada com análise do conto, apenas com o intenção de expressar a experiência proporcionada pelo texto consigo mesmo e com o entorno –, os alunos passaram para um momento seguinte, o da discussão dessas reflexões anotadas, ocasião em que cada aluno, convidado a expressá-las oralmente, abrindo-se espaço para compartilhar tais ideias, passava a construir um novo texto a partir da sua voz em particular e de todos ao mesmo tempo, o que estimula sentidos, amplia concepções e significados apreendidos sobre o texto e oportuniza a construção do conhecimento através de uma experiência em que se privilegia o encontro consigo e com os outros, tornando o ser humano mais humano. O trabalho de discussão consistiu, portanto, em mais um convite à reflexão, ao uso da imaginação, à elaboração de possibilidades. É a aprendizagem pela descoberta, a qual não se dá pura e simplesmente através do indivíduo sozinho, mas “na maioria das situações é uma atividade comungada, uma partilha da cultura (BRUNER, 1998, p. 134)”.

Através de uma história inventada e de personagens que nunca existiram, é possível levantar e discutir, de modo prazeroso e lúdico, assuntos humanos relevantes, muitos deles, aliás, geralmente evitados pelo discurso didático-informativo – e mesmo pela ciência – justamente por serem considerados subjetivos, ambíguos e imensuráveis (AZEVEDO, In: SOUZA, 2004, p. 40).

Ao comentarem o que haviam escrito, os alunos organizavam, de modo peculiar, a sua percepção e compreensão sobre a leitura do conto; paralelamente a isso, expressavam a todos – e a si mesmos – a sua reflexão, colocando-a conseqüentemente em discussão com os integrantes do grupo, os quais tinham total liberdade para questionar, acrescentar, reforçar, revidar o que estava sendo dito. O debate estabelecido a partir de então punha em questão pontos de vista diferenciados e, por conseguinte, fazia com que cada um buscasse argumentos para defender e expor suas ideias. Essa mistura de posicionamentos trazia à tona novas ideias, novas percepções, novas concepções. Sem dúvida, esse é um ponto importante da relação texto/leitura versus professor/aluno, uma vez que põe o saber, a reflexão em movimento, possibilitando a transformação do aluno enquanto indivíduo em crescimento. É um amadurecer intelectual que certamente interferirá na sua formação como ser humano.

Encerrados esses três primeiros momentos – ler silenciosamente, anotar impressões sobre o que o texto fez pensar e discutir essas ideias –, os quais foram respectivamente realizados em um encontro para cada conto, os alunos, então, elaboraram num próximo encontro um texto de opinião a partir de uma ou mais percepções que tiveram sobre o material lido. Concluída a construção desse texto – tarefa realizada individualmente –, este então foi lido por mim junto ao aluno para uma possível revisão linguística e principalmente do desenvolvimento da argumentação sobre a temática em questão.

Os textos realizados pelos alunos são, portanto, de opinião e buscam discutir, de forma organizada, um assunto a partir da leitura dos contos literários e da discussão de ideias suscitadas por essa leitura, com o objetivo de expressar pontos de vista e argumentos sobre os mesmos. Para Morin (2001), a interação da leitura literária com o texto argumentativo é uma prática que favorece a concepção da complexidade em relação ao conhecimento, de modo que este se torna organizado e por isso se torna conhecimento e não mera informação. Assim, a produção textual solicitada aos alunos, a partir de um texto literário, procura possibilitar-lhes redigir com embasamento contextualizado.

A análise das redações baseou-se na observância temática, enfatizando a contribuição da obra literária para ampliar a formulação de pensamentos e concepções na produção textual. Neste aspecto da pesquisa, considerou-se de fundamental importância que, através da escrita, os alunos dissessem o que realmente pensavam a respeito de um tema, e que isso contribuísse para a construção de si mesmos como indivíduos em transformação e formadores de opinião.

Cabe ressaltar que, dada a dimensão de elementos linguísticos responsáveis pela elaboração de um texto, considerou-se, neste aspecto, apenas o fato de o aluno trazer consigo as noções necessárias à inteligibilidade do texto, ou seja, o fato de já ter internalizado a gramática na sua linguagem. Por isso, eventuais empecilhos gramaticais à leitura e compreensão do texto não foram considerados como erro textual linguístico, já que a ênfase para a análise das redações foi a relação da leitura do conto literário com o posicionamento argumentativo trazido para a redação. Neste sentido, a expressão de ideias do aluno tornou-se um ponto fundamental de análise, para a qual incide predominantemente o bom senso e a subjetividade para um olhar apreciativo sobre a coerência temática na produção escrita dos alunos.

4.2 Descrição e análise da atividade realizada com os alunos

Para fins de identificação dos alunos e seus respectivos textos, os participantes foram, para esta análise de seus textos, reconhecidos por uma letra, escolhida por livre e espontânea vontade pelos alunos durante o primeiro encontro, ficando assim determinadas: **A – B – C – G – J – K – L – R – S – T – X.**

A participação dos onze alunos foi a seguinte em cada conto:

No retiro da figueira: os onze alunos compareceram;

A máquina extraviada: o aluno L não compareceu;

A moça tecelã: os alunos L, R e X não compareceram;

Clínica de repouso: os alunos A, S e T não compareceram;

O enfermeiro: os alunos K, R, S e X não compareceram.

Os assuntos focalizados pelos alunos indicaram a que as leituras dos contos lhes conduziram, visto que trouxeram diferentes argumentos e evidenciaram que houve uma reflexão a partir da leitura de cada conto em análise. Em nenhuma produção de texto, verificou-se que os alunos tenham se limitado a resumir o que leram. Muito além disso, seja no âmbito da individualidade, seja do convívio social, valeram-se do debate, do senso crítico e da criatividade para construírem suas redações, refletindo acerca dos temas discutidos nos respectivos contos.

4.2.1 As primeiras impressões sobre a leitura dos contos

Após a leitura de cada conto em sala de aula, os alunos mencionaram, dentre outras impressões, a violência urbana, a ilusão de lugares perfeitos, a felicidade como algo relativo, em *No retiro da figueira*; a valorização do desconhecido pelo ser humano, impulsionando a sua existência, o fato de o homem buscar fora de si algo que lhe dê sentido à vida, em *A máquina extraviada*; o poder de dominação das pessoas sobre seus semelhantes, a liberdade, a importância da capacidade de sonhar na vida das pessoas, a instituição família, o recomeçar a vida, em *A moça tecelã*; ingratidão, abandono, solidão, falta de sensibilidade, miséria moral, a importância das pessoas na vida do homem, em *Clínica de repouso*; a mentira, a ingratidão, o poder do dinheiro, em *O enfermeiro*.

Cada aluno lia e tentava apresentar aos colegas o que haviam registrado sobre a leitura dos contos, trazendo seus argumentos sobre o que lhes viera à mente, durante a leitura dos respectivos contos, como, por exemplo, em:

No retiro da figueira:

“O texto insinua desde o início que tudo o que se apresenta é bom demais; isso faz com que leiamos o resto de uma maneira a desconfiar do condomínio. [...] Com pequenas peculiaridades, o autor faz com que comecemos a pensar e até a imaginar o que há de errado naquele lugar tão perfeito. [...] Fica evidente no texto que o desfecho não seria agradável àqueles moradores; porém, o término é surpreendente, já que a ironia do autor foi extrema ao forjar um sequestro onde se buscava a segurança.” (aluno A);

“Convivemos com a violência, mas o que nos impressiona é o envolvimento de pessoas altamente escolarizadas, e que desfrutam de uma vida confortável e economicamente superior à grande maioria dos brasileiros, em crimes, assaltos, mortes, etc.” (aluno B);

Às vezes estamos tão encantados com distrações, que, em muitas ocasiões, são colocadas em nossa frente, a ponto de elas não nos permitirem ver claramente o que está acontecendo. (aluno J);

“Se olharmos na nossa volta, iremos perceber que temos um pouco de culpa por estarmos deixando a violência tomar conta do mundo.” (aluno K);

“Como compreender a criminalidade quando o crime envolve pessoas que passaram anos por escolas, que possuem casa, comida, luxo e muitas vezes ainda se “destacam na vida social?” (aluno L).

“O casal encontrou um lugar perfeito para viver. Com tantas maravilhas, o marido começou a desconfiar do lugar. Os moradores nunca imaginariam que o lugar com que eles sempre sonharam era um cativoiro. Não devemos nos deslumbrar com a “perfeição”. (aluno T);

“A ilusão é uma forma de fugir da realidade” (aluno X);

A máquina extraviada:

“Convivermos com os defeitos dos outros, na maioria das vezes não é fácil. O que vemos de “errado” neles geralmente nos remete à desaprovação, ao julgamento, à insatisfação. E este comportamento torna as relações conflituosas, desajustadas, o que poderia ser contornado com a aceitação, a compreensão e a valorização das qualidades. Isso possibilitaria o equilíbrio entre as pessoas.” (aluno B);

“As pessoas daquele lugar pareciam tristes antes da máquina chegar, como se precisassem se apegar a algo para serem felizes, algo que as completassem. [...] Para sermos felizes, não dependemos de nada material, mas do conhecimento de nós mesmos. (aluno G);

“As pessoas esquecem que a felicidade é encontrada através delas e não do que elas possuem de material. É a partir do reconhecimento e da valorização delas mesmas que verão que a felicidade parte delas e não dos bens materiais que estão ao seu redor. Os moradores passaram a viver suas vidas em torno da máquina que eles nem sabiam qual a função apenas por ser algo novo que lhes trouxe admiração e encantamento. Aquela novidade passou a ser a mais importante para todos, tanto que a vida passou a girar em torno dela.” (aluno J);

“Às vezes nos apegamos a coisas que nunca terão sentido para nós.” (aluno R);

“As pessoas se enganam quando valorizam o que não conhecem, quando sonham com coisas novas sem levar em conta a importância dessas coisas para a sua vida real.” (aluno S);

“O envolvimento que temos com coisas desconhecidas – ou com pessoas – nos influencia, nos surpreende e nos faz reagir. [...] Às vezes buscamos demais o desconhecido, mas, apesar disso, é através dele que achamos um novo rumo para a nossa vida, uma nova forma de viver e acabamos nos acostumando com essa nova realidade.” (aluno T);

“A vida às vezes parece ter tão pouco sentido, que acabamos nos iludindo com uma coisa totalmente sem importância. [...] A falta de discernimento diante de coisas desconhecidas pode nos fazer agir de forma equivocada.” (aluno X).

A moça tecelã:

“Sonhar, imaginar é algo fascinante, é o lugar onde tudo é possível. Podemos ser o que quisermos, estar nos lugares mais belos, tudo com a força do pensamento. Apesar de os sonhos serem às vezes tão difíceis de serem realizados, e isso nos machuca muito, não há nada melhor para mover a nossa vida do que acreditar que nossos sonhos vão ser realizados.” (aluno A);

“A valorização de nós mesmos é algo muito bom. É a prova viva de que gostamos de nós mesmos. Isso é uma forma de satisfação pessoal.” (aluno C);

“A vida é como um tear. Nós tecemos os nossos atos, e, em decorrência disso, tecem-se as consequências, dando forma a nossa vida; agora, se se formar algo concreto ou abstrato, depende apenas de nós mesmos.” (aluno G);

“Hoje em dia, a mulher busca mais liberdade e muitas vezes abre mão de uma família convencional em consequência disso. A determinação de recomeçar, de buscar outro caminho quando vê que sua vida não está boa, está cada vez mais presente na vida das mulheres.” (aluno J).

Clínica de repouso:

“A falta de diálogo nas relações pode levar ao fracasso das mesmas e também à solidão daqueles que mantinham esse relacionamento.” (aluno B);

“Não conhecemos ninguém; nem mesmo pessoas muito próximas a nós. O fato de as pessoas serem ou não pertencentes de nossa convivência, não faz com que tenhamos pleno conhecimento sobre suas vidas, como o que pensam e como agiriam diante de determinada situação.” (aluno G);

“A mentira deixa as pessoas indignadas. Foi o que aconteceu com D. Candinha. [...] Os pais têm autoridade sobre os filhos, mas as suas idéias não podem ser priorizadas só porque são mais velhos.” (aluno K);

“Muitas pessoas se dizem sós, que ninguém procura por elas, porém não param para pensar na maneira como agem. É isso que muitas vezes afasta umas das outras. Por isso, é sempre bom nos perguntarmos por que estamos sozinhos, isolados, ou por que as pessoas se afastam de nós.” (aluno L);

“Mesmo sabendo das condições em que sua mãe se encontra, a filha não se comoveu e preferiu trocá-la por seu noivo.” (aluno R);

“As pessoas, quando perdem a noção da importância dos outros em suas vidas, esquecem que eles foram responsáveis pela sua existência, ajudaram a construí-la. Diante dessa insensibilidade transformam-se e tornam-se irreconhecíveis ou apenas estão mostrando o que realmente são?” (aluno X).

O enfermeiro:

“As pessoas são capazes de criar idéias precipitadas sobre as outras, sem conhecê-las bem. Após a morte do coronel, as pessoas acreditavam que Procópio era um homem extremamente bom, pois foi o único que soube ajudar o pobre coronel. É uma grande ironia a vida.” (aluno A);

“Não podemos voltar no tempo e querer corrigir o passado, as coisas não são tão simples assim, temos que arcar com as consequências e pagar por nossos erros. Só assim poderemos estar em paz com nossa consciência. Temos que refletir e tentar imaginar quais serão as consequências de determinados atos, se serão graves ou boas. Todo um esforço vai nos ajudar a não cometermos erros e nem nos atormentamos pela culpa.” (aluno C);

“Muitas vezes as pessoas não sabem demonstrar o afeto que sentem por outras, sentindo-se frustradas.” (aluno G);

“Procópio queria enganar não só aos outros mas principalmente a ele mesmo, tentando se inocentar. O ser humano, dependendo da situação, pode mentir. Mas até onde ele consegue segurar uma mentira?” (aluno J);

“Muitas vezes queremos que o tempo ‘cure’ nossas tristezas e não refletimos por um momento que ele apenas momentaneamente nos faz esquecer. À medida que os dias passam, lembramos cada vez menos do que nos fez sofrer, mas isso não quer dizer que a ‘dor’ não exista mais, ela é apenas silenciada. [...] Há erros que deixam a consciência pesada para o resto da vida, e mesmo querendo nos livrarmos deles, eles aparecem involuntariamente.” (aluno L).

Essas questões, dentre muitas outras, foram discutidas com o grupo em cada encontro, ocasião em que os alunos se manifestavam sobre elas, posicionando-se da forma como as compreendiam. O propósito disso era questionar e ampliar o que estava sendo dito. A ideia, por exemplo, suscitada pelo conto do Scliar, de que os sonhos podem aprisionar o homem, ou de que, em nome da segurança, ele pode perder a sua liberdade e tornar-se prisioneiro do contexto social em que vive são reflexões que levam o aluno a pensar sobre a realidade em que ele está inserido. Esse olhar sobre problemas existentes na sociedade tornam-no um sujeito mais crítico e menos passivo em relação à convivência humana.

A oralidade é mais dinâmica que a escrita, pois, ao se pronunciar, um aluno não é o único que detém a palavra, o outro, o colega, também é responsável pela construção do que é dito em dado momento, de modo que o discurso que se produz nessa interatividade é revestido de um empenho dos interlocutores em construir sentido para o que é dito. Assim, os alunos “não só procuram ser cooperativos, como também ‘co-negociam, ‘co-argumentam’, a tal ponto que não teria sentido analisar separadamente as produções de cada interlocutor” (KOCH, 1998, p. 63).

No conto de José J. Veiga, por sua vez, a abordagem sobre a insegurança trazida pela possibilidade de perder a máquina, um utensílio totalmente desconhecido à população local, encaminhou a discussão entre os alunos para o fato de o ser humano buscar coisas que nem mesmo ele pensa sobre a importância delas em sua vida. E um dos questionamentos surgidos a partir daí foi sobre motivação, ressaltando-se que esta consiste num estado de ânimo interior, o que conduz o homem à satisfação pessoal, à alegria de viver. Em *A máquina extraviada*, a motivação veio do exterior, e isso tem como consequência a alienação do ser humano em relação a si e ao mundo, e esse modo de perceber as coisas, o entorno, a vida, leva o homem ao sofrimento sem que ele perceba essa sua condição de sofrimento. Por isso, oportunizar ao aluno

essa reflexão é buscar meios para que ele seja mais consciente de si mesmo. Através do texto literário, “o ensino sobre a condição humana pode adquirir forma vívida e ativa, para esclarecer cada um sobre sua própria vida” (MORIN, 2001, p. 49).

Em *A moça tecelã*, os temas abordados estão relacionados à narrativa, que traz a presença do semelhante na vida do indivíduo, refletindo sobre a sua importância ou não na construção da felicidade do ser humano. Os argumentos mencionados pelos alunos questionam o sentido da vida a partir de questões como erros e acertos, estabilidade financeira, convivência humana, ambição, felicidade, rotina, diferenças, julgamentos precipitados, etc. Abordar essas questões evidencia mais uma vez que a leitura realizada pelos alunos focalizou um aspecto que lhes tenha chamado a atenção, ou seja, o conto provocou-lhes algo. O trabalho de leitura não buscou resultados sobre o que fora lido nem significados pré-estabelecidos por uma possível análise literária. Quanto a isso, o que se percebe é que, de alguma forma, ao atingir o leitor, o texto se constitui em experiência de leitura, aguçando a imaginação do aluno e orientando-o de modo a não simplesmente reproduzir ideias, mas a pensar por si mesmo a partir de seu conhecimento de mundo aliado ao texto literário.

No que se refere à oralidade, o texto falado tem peculiaridades próprias para se constituir, pois o interlocutor pode, por exemplo, segundo Koch (1998, p. 66), “introduzir explicações ou justificativas” para expressar o que pensa, como é o caso do aluno T na situação seguinte:

Aluno T: Para muitas pessoas, poderia parecer que ela (a moça tecelã) vivia presa, mas era a maneira dela se sentir livre. Mas ela precisou mudar a forma de vida para descobrir que era de outro jeito que ela se sentia feliz.

Aluno K: Não entendi.

Aluno T: Ela vivia lá e aos olhos dos outros parecia que ela estava presa, tecendo. Mas essa era a maneira dela se sentir feliz, ela gostava daquilo, e aí, quando ela pensou que aquilo não era bom, ela tentou... (hesitação)

Aluno G: Teve que mudar o jeito de ver as coisas.

Aluno T: Ela viu que já era feliz antes.

As intervenções dos alunos K e G à fala do aluno T facilitam a compreensão entre os interlocutores, despertam ou mantêm o interesse na discussão e ainda promovem uma intimidade ou cumplicidade entre os mesmos, servindo de “suporte para a argumentação em curso (KOCH, 1998, p. 68). Outra situação comum na oralidade é um interlocutor fazer “alusão a um

conhecimento prévio, que, freqüentemente, constitui um pré-requisito para o pleno entendimento do assunto” (KOCH, 1998, p. 66), como foi a discussão entre os alunos J, K e S, em que S trouxe uma passagem da telenovela *A Favorita* (exibição da Rede Globo) para se fazer compreender, associando a vida da personagem em *A moça tecelã* à vida da personagem Catarina na telenovela, ao referir-se sobre o que o aluno J dissera:

Aluno J: Antigamente, a mulher vivia assim: não tinha liberdade, era casar e... vivia da casa. Acho que [...] hoje em dia as mulheres estão tendo mais liberdade, como não ter uma família. Tem essa opção, antigamente não.

Aluno S: [...] Eu acho que a novela das nove passa exatamente isso: porque a personagem Catarina sabe que ela tá errada, mas se acomodou; ela tem uma casa, tem dois filhos, tem o marido e vai viver ali, sabe que aquilo é a coisa mais sem graça e vai continuar ali, ela tem medo por ser, ficar acomodada e do que possa acontecer mais tarde. Eu acho que as pessoas realmente se acomodam e têm medo de tentar ir pra frente.

Aluno K: [...] Esse conto me parece também que quer questionar a liberdade ou liberação da mulher; é a mulher querendo ocupar o seu espaço [...]. A posição de voltar ao tear, depois de passar por toda a experiência, é outra forma de ver. Por isso, não é só ‘eu estar feliz lá’. Não. ‘Eu estou feliz lá, mas com uma outra forma de enxergar a realidade agora’. Isso tem diferença.

A questão da presença do outro na vida das pessoas – abordada em *A moça tecelã* – foi retomada a partir da discussão suscitada pelo conto *Clínica de Repouso*, porém sob outro foco: o porquê de as pessoas se afastarem daqueles com quem convivem. A falta de diálogo nas relações interpessoais, gerando desajustes nas relações e levando as pessoas à solidão; a maneira de agir individualista ou moralista, podendo também conduzir ao isolamento, à perda daqueles com quem convivem; a falta de sensibilidade, fazendo com que as pessoas não reconheçam a importância da presença dos outros em suas vidas, foram alguns dos tantos argumentos em torno do assunto. O aluno B, por exemplo, comenta: “Uma das principais causas da queda, do fracasso de uma relação é a falta de diálogo, seja entre amigos, família... A maneira que as pessoas têm de se expressar é a base de uma relação. Uma relação é o diálogo”. Em decorrência disso, questionou-se o fato de que às vezes as pessoas esperam daqueles que amam um determinado comportamento que não condiz com o que a pessoa ‘amada’ quer e vive. Essa exigência se dá sem se saber muitas vezes se é devido ao bem da pessoa amada, ou por convenções sociais, ou pelo receio da opinião dos outros. Em torno disso, foi questionado que nem sempre uma pessoa aceita ajuda porque suas convicções são outras, de modo que acha que o que está fazendo é o melhor, embora isso nem sempre seja verdadeiro, pois às vezes não é. Assim, muitas pessoas acabam não aceitando a forma como alguém está tentando lhe ajudar, mas “às vezes quem está

oferecendo ajuda, acaba se prejudicando” (aluno B). A questão é que “cada pessoa tem um jeito de olhar, quem tá de fora tá vendo de uma forma completamente diferente de quem tá vivendo a situação” (aluno J), é que “ajudar é diferente de impor” (aluno B). A isso se interpõe a fala de outros alunos, cujas manifestações revelam repetições de falas que complementam e/ou reforçam os argumentos de cada aluno, como se percebe nas falas seguintes:

Aluno G: A gente não sabe o que se passa na cabeça de cada um.

Aluno K: Na cabeça dos outros... (hesitação) e não sabe mesmo [...], só que a gente quer impor.

Aluno G: Muitas vezes a situação é muito mais complicada do que a gente pensa.

Aluno K: do que quem tá de fora pensa. É isso que eu acho: ah! mas quem tá de fora enxerga melhor! Enxerga melhor? (pausa), Às vezes, não. Quem tá passando por uma situação é que sabe bem.

Aluno B: Eu acho que quem tá de fora enxerga de uma forma superficial porque tu não sabe realmente o que tá acontecendo.

Aluno K: o que envolve, os sentimentos, os tormentos, o que a pessoa passa pra resolver alguma coisa.

Vê-se que a interlocução conduz à uma reflexão do que é dito, dando espaço ao ouvinte para processar o que é dito. Assim, outro fator da oralidade presente na fala anterior é a hesitação, a qual é responsável pelo ritmo da fala. “De modo geral, contudo, as hesitações [...] têm a função cognitiva de ganhar maior tempo para o planejamento/verbalização do texto” (KOCH, 1998, p. 71). Embora se perceba a relevância dos elementos inseridos na oralidade, não se pretende nesta pesquisa ir além do que já se expôs a respeito, pois a intenção de expô-los aqui foi simplesmente evidenciar a sua importância como atividade relacionada à prática pedagógica pretendida com a leitura de textos literários.

Todos esses questionamentos levantados até aqui fazem parte de um estudo empírico no campo da oralidade e têm como fim oportunizar aos alunos que eles se depararem com situações vividas por eles mesmos, trazendo à tona as suas experiências pessoais, pondo-as em discussão, mesmo que de forma indireta. Essa reflexão sobre o que a leitura lhes despertou vem ao encontro do que o aluno tem em si mesmo, o que há em sua própria essência de ser, pondo em evidência o que o aluno sente, vive e concebe sobre a sua individualidade. Já a partir desse contexto, pode ocorrer a transformação do leitor, num processo de desconstruir-se e reconstruir-se, conforme aponta Birman (1996) em seus estudos sobre subjetividade. A intenção primeira desta etapa do

trabalho de leitura e discussão de ideias em cada conto é justamente provocar o aluno a dimensionar a sua consciência sobre si mesmo e a ampliar o espaço de construção de si.

Ao discutir o conto *O enfermeiro*, uma das primeiras colocações do aluno C foi: “tem muita coisa dentro deste texto”, o que de fato se confirma ao longo do debate que se sucedeu sobre o mesmo. Inicialmente foi levantada a questão da ingratidão, questionando-se de onde ela provinha, ou seja, por parte do enfermeiro ou do próprio coronel. Para alguns alunos, Procópio foi ingrato por tirar a vida de Felisberto, já que tinha responsabilidades sobre a vida do coronel, tanto quanto sabia de seu estado grave de saúde e de suas implicações e rabugices; para outros, a ingratidão foi de Felisberto, pelo fato de que, mesmo ciente da sua necessidade de um enfermeiro para lhe ajudar, tratava-o mal. A partir daí, foi interessante que alguns alunos retomaram o texto à procura de evidências para defender seus posicionamentos, como, por exemplo, qual era exatamente a doença de Felisberto, a fim de justificar suas atitudes agressivas e considerar que o enfermeiro fora mais perverso do que o próprio coronel. Sem chegar a um consenso sobre essa questão, os alunos ampliaram o foco de discussão, tratando sobre ‘remorso’. Quanto a isso, trouxeram generalizações sobre ‘consciência pesada’, questionando até onde as pessoas se sentem assim, pois diante de coisas erradas – ou aparentemente erradas – elas vão se condicionando e se ajustando a novas situações, buscando desculpas – ou novas concepções – para suas atitudes, e a consciência pode tornar-se ‘leve’. E tudo isso depende de cada um, da forma de ver o mundo, como diz o aluno J: “quando a gente vê uma pessoa, não imagina o que aconteceu com ela; cada um tem uma consciência diferente”. As reflexões advindas daí contribuem para que os alunos pensem sobre as relações humanas, de modo a perceber que as pessoas, quando não consideram os fatos de uma situação, ou não os conhecem com clareza e profundidade, facilmente emitem julgamentos pela aparência, pela primeira impressão, e isso muitas vezes leva-as a cometerem injustiças, a emitirem falsos conceitos. Outra ideia também abordada foi a questão de sentir medo, confrontando-a com a de remorso, como se vê na fala do aluno L: “na hora do enterro, ele tava tremendo e as pessoas dizendo que ele tava emocionado, apesar de todo o mal que o coronel fazia para ele”. O questionamento aqui girou em torno do fascínio que o dinheiro pode despertar nas pessoas, a ponto de o medo inclusive ser superado, como foi o caso de Procópio diante do crime cometido, aceitando elogios da comunidade quanto à sua dedicação para com o falecido. A aceitação de inverdades faz aliviar a consciência, mas de

qualquer forma as pessoas perdem a razão por agirem por impulso, e isso não justifica suas atitudes.

Os contos trouxeram questionamentos que permitiram aos alunos refletir, por exemplo, sobre a mentira, o tempo, a solidão, pondo “à mostra as relações do ser humano com o outro, com a sociedade, com o mundo.” (MORIN, 2001, p. 44). Em todos eles, os alunos foram convidados a expressar-se, e a Literatura, segundo Morin (2001), contribui para que o leitor compreenda o que muitas vezes na vida cotidiana não é compreendido, o que às vezes é visto simplesmente de forma exterior, sem a dimensão subjetiva e objetiva juntas. A discussão resultante desta etapa do trabalho permitiu aos alunos se expressarem diante do outro, descobrirem a si mesmos, desvendarem verdades ignoradas, proporcionando-lhes o encantamento, a compaixão pelo sofrimento alheio, a compreensão. Assim, “conhecer e pensar não é chegar a uma verdade absolutamente certa, mas dialogar com a incerteza” (MORIN, 2001, p 59).

O que os alunos leram e o modo como perceberam as narrativas é o que revela, segundo Larrosa, o que o leitor sabe ou não e, acima de tudo, quem ele é. A sucessão de leituras, assim como a compreensão de cada conto, fez parte de um jogo entre a razão, a sensação da realidade, da lucidez e o irracional, o delírio, o sonho, o irreal, em que um estado se sobrepôs ao outro, complementando-se, abrindo caminhos a diferentes percepções por parte do aluno.

A tarefa de formar um leitor é multiplicar suas perspectivas, abrir suas orelhas, afinar seu olfato, educar seu gosto, sensibilizar seu tato, dar-lhe tempo, formar um caráter livre e intrépido... e fazer da leitura uma aventura. O essencial não é ter um método para ler bem, porém saber ler, é dizer, saber rir, saber dançar e saber jogar, saber introduzir-se jovialmente por territórios inexplorados, saber produzir sentidos novos e múltiplos. (LARROSA, 1998, p. 236/237).⁹

4.2.2 As relações entre a leitura literária e a produção escrita

⁹ Tradução da autora: La tarea de formar un lector es multiplicar sus perspectivas, abrir sus orejas, afinar su olfato, educar su gusto, sensibilizar su tacto, darle tiempo, formar un carácter libre e intrépido... y hacer de la lectura una aventura. Lo esencial no es tener un método para leer bien, sino saber leer, es decir, saber reír, saber danzar y saber jugar, saber internarse jovialmente por territorios inexplorados, saber producir sentidos nuevos y múltiples. (Larrosa, 1998, 236/237)

Ao produzirem seus respectivos textos (os quais se encontram no Anexo D, ao final desta pesquisa), sempre num segundo encontro, essas questões foram ampliadas e adquiriram novos contornos. Obviamente há uma diferença entre discutir ideias oralmente e por escrito, uma vez que a oralidade é mais livre, é mais informal, contando com recursos de expressão que não se fazem presentes na escrita. A fragmentação do que se pensa não se torna tão visível durante um debate oral, pois a intervenção dos participantes vai fazendo cortes no discurso e dando a cada fala um contorno de complementação pelo outro. Após a discussão de ideias sobre os contos, nem sempre o que se pensa ou pensava sobre algum aspecto está completamente ordenado na mente, até porque muitas são as posições que se entrecrocavam até que o aluno ponha em destaque um posicionamento. Desse modo, a escrita constituiu-se em mais um recurso para auxiliar a clarear o pensamento de cada aluno sobre a temática abordada. Na produção escrita dos alunos, o ponto de vista e os argumentos dos mesmos tornaram-se mais evidentes, mais coerentes, mais concisos, tendo em vista que a reflexão recaiu sobre uma leitura particular do que fora lido e discutido, fundamentando progressivamente o texto.

O trabalho com a produção textual dos alunos possibilitou observar, de forma mais consistente, embora ainda no campo da abstração, a relação de sentidos constituídos pela leitura dos contos, através dos diferentes posicionamentos abordados pelos alunos em seus textos. A intenção pretendida com a produção escrita não foi estabelecer ou limitar um modelo de estrutura textual, de modo que ficou a critério de cada aluno organizar o seu texto da forma que lhe parecesse mais coerente para manifestar o que refletiu a respeito do conto. Tendo-se por base o princípio de que a leitura constitui-se num processo em que o indivíduo ativa pensamentos sobre diferentes coisas e organiza a sua percepção sobre elas, o ato de escrever foi uma ferramenta auxiliar para transformar os sentidos que o indivíduo possui consigo até então, refletindo, tomando consciência sobre o que lê e diz. E isso certamente amplia seus horizontes, seu campo de percepções, suas relações com o entorno, seus valores.

Após a leitura de cada uma das redações dos alunos, realizou-se um levantamento sobre quais assuntos foram abordados por eles em seus textos e constatou-se que as temáticas suscitadas a partir de então foram as seguintes:

TEMAS ABORDADOS EM CADA CONTO

1. NO RETIRO DA FIGUEIRA

- Qualidade de vida X perfeição humana;
- A violência como um problema social;
- O enganar-se.

2. A MÁQUINA EXTRAVIADA

- O novo na vida das pessoas;
- A busca da felicidade.

3. A MOÇA TECELÃ

- A capacidade de sonhar;
- Em que está a felicidade das pessoas;
- A capacidade de o indivíduo recomeçar;
- A presença do outro na vida do indivíduo.

4. CLÍNICA DE REPOUSO

- Solidão;
- Quem é o ser humano;
- Individualismo humano;
- Convivência humana.

5. O ENFERMEIRO

- Poder transformador do dinheiro;
- Julgamentos precipitados;
- Os erros na vida das pessoas;
- Ingratidão.

A significação trazida pelas redações dos alunos evidencia que essas temáticas produziram uma diversidade de caminhos seguidos pelos seus leitores. Embora muitos tenham tratado do mesmo assunto em suas redações, os enfoques foram distintos, singulares, e isso reforça a ideia de Larrosa (1999) quando diz que o leitor constrói o seu conhecimento ao apropriar-se do texto. Os diferentes enfoques são na verdade questionamentos desencadeados pela leitura do texto literário, despertados ao ler. Ao redigirem seus textos, os alunos expressaram o que sabiam e aprimoraram esse saber, foram ordenando suas ideias, o que significa que eles

estavam atualizando seu mundo interior. A experiência advinda daí ocorre de forma gradual, fragmentada, em que o leitor produz novos sentidos, muitas vezes até inconscientemente, cujas inferências o tornam agente de seu próprio conhecimento.

Percebe-se que, a partir das reflexões realizadas em aula sobre as impressões abstraídas pela leitura dos contos literários, os alunos se valeram do conhecimento inferido dos contos para construir as suas argumentações, ou seja, utilizaram os contos, o que fora discutido sobre eles, para se posicionarem em seus textos. Ao redigirem, os alunos – motivados por reflexões sugeridas pelo trabalho de leitura – analisaram, criticaram, avaliaram a qualidade de suas ideias escritas. É um trabalho em que eles mesmos monitoram a compreensão sobre o que redigem. Faz parte desta prática planejar a escrita, o que equivale a escrever, re-escrever, revisar. É um fazer e refazer para atingir, no melhor possível, o que se quer dizer. Para que de fato isso ocorra, torna-se necessário que o aluno tenha o que dizer, tenha para quem dizer e um motivo para esse dizer. Com o texto literário como subsídio para este fim, a escrita passou a ter condições que levaram o aluno a expressar-se com maior habilidade e confiança sobre o que dizer e como dizer.

Conforme se observa a seguir e o que fora dito até aqui, os alunos valeram-se do que leram e discutiram para fundamentarem suas redações. Apresenta-se, logo abaixo, uma relação de ideias extraídas de todas as redações dos alunos envolvidos nesta pesquisa, a partir de cada uma das temáticas apresentadas anteriormente. Essas ideias representam os enfoques que cada aluno utilizou para embasar os seus argumentos nos seus respectivos textos e constituem-se em elementos estruturadores das redações em cada temática abordada nos respectivos contos, conforme se observa a seguir.

No retiro da figueira:

TEMA 1: QUALIDADE DE VIDA x PERFEIÇÃO HUMANA	
ALUNO	ENFOQUES ABORDADOS
A	a) a realidade não é perfeita, e a vida é baseada na realidade e não em sonhos; b) vivemos a realidade nua e crua, mas também somos movidos pela capacidade de

	<p>sonhar;</p> <p>c) enfrentar desafios é uma maneira de convivermos com a realidade de forma mais amena, mais suave, mais próxima de termos nossos sonhos realizados.</p>
G	<p>a) obstáculos e problemas fazem parte da vida e, inclusive, tornam a pessoa mais forte e melhor;</p> <p>b) ter objetivos dá sentido à vida;</p> <p>c) a perfeição humana é uma utopia.</p>

TEMA 2: A VIOLÊNCIA COMO PROBLEMA SOCIAL	
ALUNO	ENFOQUES ABORDADOS
B	<p>a) em nome da segurança, a violência aprisiona pessoas de bem em suas próprias casas – aceitar viver assim é decorrente de uma atitude egoísta;</p> <p>b) o problema da violência afeta toda a sociedade;</p> <p>c) para viver a liberdade, é preciso que as pessoas se unam e juntas resolvam o problema da violência.</p>
K	<p>a) inicia o texto questionando o comportamento do cidadão de bem diante da violência;</p> <p>b) a sociedade busca segurança;</p> <p>c) a indiferença das pessoas para com o semelhante é o fator responsável pela violência;</p> <p>d) a sociedade precisa de mudanças que dependem de cada um.</p>
L	<p>a) não é fácil viver no Brasil, um país que não dá oportunidades, a não ser a de ser bandido, golpista.</p> <p>b) o mundo do crime é organizado, até mais do que a própria sociedade.</p>

TEMA 3: O ENGANAR-SE	
ALUNO	ENFOQUES ABORDADOS
J	<p>a) há pessoas que conquistam outras para as enganarem;</p> <p>b) há as que se enganam porque dão mais valor às aparências do que aos fatos.</p>
R	<p>a) buscar realizar ideais nos leva a querer o melhor possível;</p> <p>b) às vezes, somos enganados e/ou surpreendidos por ofertas que na verdade não têm nada de bom;</p> <p>c) sermos enganados ou não depende da forma como olhamos para a realidade;</p> <p>d) às vezes fechamos os olhos para a realidade.</p>
S	<p>a) a sociedade tem problemas e às vezes prefere ignorá-los a resolvê-los;</p> <p>b) a determinação em olhar para a realidade é o que faz o indivíduo dono de sua</p>

	<p>própria vida – ao contrário, deixa-se enganar;</p> <p>c) não enfrentar os problemas somente dificulta a vida;</p> <p>d) cada cidadão deve ocupar seu espaço na sociedade para transformá-la.</p>
X	<p>a) a falta de reflexão leva a pessoa a ser enganada;</p> <p>b) a pessoa é vítima de seus próprios atos – querer enxergar as coisas somente sob o seu ponto de vista leva a pessoa a enganar-se;</p> <p>c) a realidade pode ser a ilusão do que se quer que ela seja;</p> <p>d) a ilusão é uma fuga da realidade.</p>

TEMA 1 x TEMA 3: QUALIDADE DE VIDA x PERFEIÇÃO HUMANA E O ENGANAR-SE	
ALUNO	ENFOQUES ABORDADOS
C	<p>a) a perfeição humana não existe;</p> <p>b) o novo faz as pessoas desconfiarem ou se encantarem – quando se encantam, podem ficar cegas para a realidade;</p> <p>c) as pessoas aprendem com os erros e falhas – a vida é um aprendizado diário.</p>
T	<p>a) para muitas pessoas, a busca de sentido para a vida associa-se à perfeição;</p> <p>b) felicidade não é sinônimo de perfeição;</p> <p>c) ser feliz não significa viver a perfeição.</p>

A máquina extraviada:

TEMA 1: O NOVO NA VIDA DAS PESSOAS	
ALUNO	ENFOQUES ABORDADOS
A	<p>a) o ser humano valoriza o desconhecido em sua vida, como Deus, por exemplo;</p> <p>b) a valorização de Deus não é explicada, mas é forte a idéia de que é um ser superior a nós;</p> <p>c) não podemos viver cegamente em torno de crenças; precisamos sim é nos conhecermos.</p>
B	<p>a) o relacionamento entre as pessoas envolve dar e receber;</p> <p>b) a falta de autoconhecimento projeta no outro a perfeição;</p> <p>c) a imagem criada sobre as pessoas pode ser equivocada quando se olha apenas através das aparências;</p> <p>d) só com visão crítica o indivíduo pode enxergar além do que lhe agrada.</p>
C	<p>a) a primeira impressão às vezes não condiz com a realidade das pessoas, das coisas;</p> <p>b) as pessoas muitas vezes mostram aos outros o que não são de fato;</p> <p>c) por não perceberem as suas próprias qualidades, as pessoas acabam não percebendo</p>

	<p>as dos outros, exigindo-lhes perfeição, mas acabam por isso frustradas, infelizes;</p> <p>d) não usar máscaras é um desafio para o indivíduo, e o que realmente importa é assumir o que é verdadeiramente.</p>
J	<p>a) as pessoas se apegam a futilidades, a coisas materiais, a novidades em busca de felicidade, mas esta vem da própria pessoa;</p> <p>b) esquecer-se do valor das pessoas com quem se convive pode evitar momentos felizes e alegres; o vazio que fica da ausência de viver o que realmente importa raramente é amenizado.</p>
K	<p>a) a busca do novo evita que a vida se transforme em um tédio, mas isso também pode levar o indivíduo a perder valores pessoais que um dia foram importantes;</p> <p>b) a existência do homem se dá muitas vezes por coisas que nem sabe se realmente as deseja;</p> <p>c) as pessoas estão deixando de acreditar em si mesmas, tornando-se influenciáveis;</p> <p>d) o novo é bom, mas não quando faz o indivíduo perder a noção do que realmente quer, dos seus reais objetivos;</p> <p>e) às vezes é mais fácil acreditar no que não se conhece, mas confiança é uma coisa que vem com o tempo.</p>
R	<p>a) às vezes as pessoas se apegam a coisas e pessoas por curiosidade, deixando a realidade para trás; é o caso de vícios, jogos, uso exagerado da internet.</p> <p>b) viver assim é desligar-se da vida social e pessoal, o que gera o vazio na vida;</p> <p>c) o sentido da vida está na valorização das pessoas, afinal nada se é se não se tiver um ao outro para compartilhar a vida.</p>
S	<p>a) o conceito sobre os outros deve se dar a partir da convivência, e não de forma precipitada;</p> <p>b) quando não se conhece bem uma pessoa, formam-se as falsas expectativas, o que resulta em decepção;</p> <p>c) a convivência é a melhor forma de conhecer o outro.</p>
T	<p>a) o desconhecido pode amedrontar ou fascinar;</p> <p>b) somente após a convivência com o novo é que o indivíduo saberá se foi ou não bom, decepcionando-se e sofrendo ou aceitando e seguindo em frente;</p> <p>c) às vezes os sentimentos cegam o indivíduo diante da realidade e depois vem o sentimento de culpa, mas é preciso não se martirizar diante disso; o melhor é esquecer a tristeza e seguir adiante.</p>
X	<p>a) a curiosidade leva o indivíduo ao desafio de conhecer o novo;</p> <p>b) ele busca o novo com o intuito de ser reconhecido e aí questiona sua busca, surgem dúvidas que lhe despertam a atenção e a curiosidade;</p> <p>c) certos questionamentos se dão por falta de discernimento; é preciso, diante deles, reavaliar a maneira de agir e pensar;</p> <p>d) deixar-se levar por opiniões alheias pode trazer obstáculos;</p> <p>e) reflexão evita dúvidas que se tornam negativas na vida do indivíduo.</p>

TEMA 2: A BUSCA DA FELICIDADE

ALUNO	ENFOQUES ABORDADOS
G	a) a felicidade é um sentimento que depende do próprio indivíduo e envolve família, amigos, satisfação pessoal...; b) é preciso aprender a se relacionar com os outros; c) o indivíduo precisa conhecer-se para saber sobre suas fraquezas, limites; d) a base de um relacionamento é o respeito e a aceitação de qualidades e defeitos de cada um – isso leva à sociabilidade; e) as amizades verdadeiras devem ser cultivadas; f) felicidade leva o indivíduo a um outro patamar de vida – com sucesso profissional e emocional; mas para chegar a ela, é preciso semear coisas boas.

A moça tecelã:

TEMA 1: A CAPACIDADE DE SONHAR	
NOME	ENFOQUES ABORDADOS
A	a) o ser humano tem a capacidade de criar, imaginar, de sonhar e isso dá sentido à sua vida; b) essa capacidade impulsiona o homem ao desconhecido, para atingir a glória ou para sentir-se frustrado; c) os sonhos ajudam a superar os obstáculos da vida, tornando-a mais leve e feliz; d) a grandeza do ser humano está na sua capacidade de sonhar.

TEMA 2: EM QUE ESTÁ A FELICIDADE DAS PESSOAS	
NOME	ENFOQUES ABORDADOS
B	a) as pessoas podem ser felizes mesmo não tendo riquezas materiais; há coisas que o dinheiro não compra e podem gerar alegrias maiores do que as compradas; b) a ambição faz o indivíduo buscar mais do que possui, e isso lhe faz esquecer coisas importantes, que geram felicidade, como amizade, carinho, amor; c) algumas pessoas percebem o que perderam de bom; outras passam a vida toda deslumbradas pelo dinheiro; d) é possível ser feliz sem grande poder aquisitivo; e) há coisas de valor incalculável que trazem felicidade: amar e ser amado, ter amigos, ter família, valorizar o que tem; f) o dinheiro é necessário, mas não é o responsável pela felicidade do indivíduo;
C	a) padrões impostos pela sociedade, como família, filhos, casa, podem trazer felicidade a muitas pessoas, mas não a todas; tudo depende do ponto de vista de cada um; b) viver de um modo ou de outro simplesmente por “influências” pode deixar a pessoa

	<p>frustrada e infeliz;</p> <p>c) a felicidade não está em viver bem para os outros e sim para si mesmo;</p> <p>d) o que é felicidade para uns, não é para outros.</p>
J	<p>a) em busca de felicidade e independência, a mulher atual opta muitas vezes por não Ter filhos e uma família convencional; quando os tem, concilia tudo com outras atividades;</p> <p>b) muitas mulheres se casam e se tornam infelizes, e mesmo assim não buscam outro caminho para suas vidas;</p> <p>c) as mulheres hoje vivem com mais determinação para buscarem o que querem, abrindo mão de uma família.</p>

TEMA 3: A CAPACIDADE DE O INDIVÍDUO RECOMEÇAR	
NOME	ENFOQUES ABORDADOS
G	<p>a) a vida é feita de erros e acertos, e por isso recomeçar é sempre positivo;</p> <p>b) a estabilidade na vida pode tornar as pessoas infelizes;</p> <p>c) o medo de arriscar a mudar é normal, mas não pode controlar as pessoas;</p> <p>d) recomeçar depende de cada um, não cabe aos outros interferir nas decisões do indivíduo;</p> <p>e) às vezes a idéia que se tem de felicidade é uma ilusão, porque o indivíduo se deixa conduzir por coisas que nem ele mesmo deseja realmente.</p>
S	<p>a) o medo pode deixar o indivíduo solitário, infeliz e deprimido; mas o ser humano tem a capacidade de superá-lo, e em seu lugar surgir a coragem;</p> <p>b) a convivência afasta a solidão e daí surge a alegria;</p> <p>c) para o ser humano, obter aquilo que acredita que lhe fará feliz nem sempre o satisfaz. Às vezes, depois de atingir algo, percebe que é preciso recomeçar e, para isso, vencer o medo e buscar o novo ideal;</p> <p>d) nem todos conseguem esse caminho, seja por acomodação, fraqueza, medo. Isso pode levar à desmotivação ou não, e essa capacidade de superação revela a diferença entre as pessoas.</p>

TEMA 4: A PRESENÇA DO OUTRO NA VIDA DO INDIVÍDUO	
NOME	ENFOQUES ABORDADOS
K	<p>a) todas as pessoas sonham com uma vida melhor e por isso devem ficar atentas às oportunidades e às pessoas com as quais convivem;</p> <p>b) sonhar traz motivação e dá ânimo à pessoa para viver no mundo real;</p> <p>c) os sonhos às vezes guiam para caminhos desconhecidos, podendo tornar a pessoa uma presa fácil da maldade de outras;</p> <p>d) o desejo de mudança pode levar à ganância desmedida, sendo importante o Ter em detrimento do ser;</p>

	<p>e) na busca pela realização dos sonhos, não se pode esquecer das pessoas que acompanham a pessoa, pois muitas vezes elas são a razão dessa busca e isso não pode ser esquecido;</p> <p>f) a vida oferece momentos que não podem ser desperdiçados, e a capacidade de sonhar de cada um de nós é o que irá medir a grandeza nas nossas realizações. Isso ocorre quando consideramos a presença do outro na nossa vida.</p>
T	<p>a) comportamentos e estilos de vida diferentes do convencional não são bem aceitos pela sociedade;</p> <p>b) a dificuldade por aceitar as diferenças talvez seja por questões culturais, por falta de conhecimento;</p> <p>c) as diferenças às vezes distanciam as pessoas;</p> <p>d) as divergências são naturais e podemos aprender muito com elas; mas se isso não for possível, pelo menos é preciso aceitar e conviver sem julgamentos e preconceitos.</p>

Clínica de repouso:

TEMA 1: SOLIDÃO	
NOME	ENFOQUES ABORDADOS
B	<p>a) o diálogo é o responsável por manter vivas as relações humanas, as quais são necessárias à evolução do homem; para mantê-las, é preciso esforço, paciência, aperfeiçoamento da linguagem;</p> <p>b) a falta do diálogo leva as pessoas a se isolarem, deixando de compartilhar idéias e sentimentos.</p>

TEMA 2: QUEM É O SER HUMANO	
NOME	ENFOQUES ABORDADOS
C	<p>a) as pessoas escondem o que realmente são e, quando o fazem, podem surpreender negativamente;</p> <p>b) há pessoas que surgem do nada para ajudar o próximo;</p> <p>c) é necessário ser transparente, aceitar os amigos para não frustrar ninguém.</p>
R	<p>a) a satisfação e realização do ser humano está em compartilhar a vida com outros semelhantes, por isso precisa de pessoas que se importem consigo; isso faz crescer a sua auto-estima e o torna mais autoconfiante;</p> <p>b) é também necessário liberdade para pensar e agir por si mesmo, para caminhar sozinho quando for preciso;</p>

	<p>c) as primeiras lições de vida – vindas da família, da escola – influenciam as decisões e concepções do indivíduo na vida adulta;</p> <p>d) o indivíduo traça o seu caminho sozinho, apesar das influências;</p> <p>e) pessoas importantes na vida de cada um jamais deixarão de existir para cada indivíduo.</p>
--	--

TEMA 3: INDIVIDUALISMO HUMANO	
NOME	ENFOQUES ABORDADOS
G	<p>a) o mundo passa por uma crise de valores, em que prepondera o individualismo;</p> <p>b) as pessoas não se preocupam com os seus semelhantes;</p> <p>c) é preciso rever valores da sociedade – e não fugir disso – para que o mundo seja mais humano e solidário.</p>

TEMA 4: CONVIVÊNCIA HUMANA	
NOME	ENFOQUES ABORDADOS
K	<p>a) considerar importantes as pessoas próximas só porque se precisa delas é uma atitude egoísta;</p> <p>b) a ingratidão tem o poder de destruir relacionamentos e amizades;</p> <p>c) a ingratidão existe porque as pessoas não compartilham suas vidas, são indiferentes aos outros e ainda não pensam que a vida poderia ser melhor se valorizassem o outro;</p> <p>d) há pessoas que sabem que um relacionamento não é sinônimo de troca de favores, mas sim companheirismo, troca de experiências;</p> <p>e) as pessoas devem reavaliar seus conceitos de convivência para perceberem o valor dos outros nas suas vidas.</p>
X	<p>a) o pior das situações que causam revolta é a indiferença em relação a elas;</p> <p>b) aceitar injustiças ou se omitir diante de situações críticas são atitudes que revelam o caráter de quem busca somente o bem-estar pessoal;</p> <p>c) há idosos que vivem em asilos sem estrutura e condições de atendê-los dignamente, cuja solidão geralmente é causada pelo descaso dos filhos.</p>

TEMA 1 E TEMA 4: SOLIDÃO E CONVIVÊNCIA HUMANA	
NOME	ENFOQUES ABORDADOS

J	<ul style="list-style-type: none"> a) a falta de caráter distancia as pessoas, isolando-as umas das outras; b) certas atitudes, como de ingratidão, falsidade, traição, de quem se acredita conhecer, causam decepção; c) isolar-se não é solução, além de prejudicar os relacionamentos, afinal há pessoas que merecem confiança;
L	<ul style="list-style-type: none"> a) a vida na infância é responsável por princípios, escolhas, amizades, vínculos afetivos, respeito pelos outros e por suas diferenças; b) as pessoas com quem convivemos devem ser bem tratadas; c) a solidão é fruto dos atos da própria pessoa; d) as escolhas de cada pessoa dirão para onde irão, cabendo a ela atrair ou afastar uma vida sozinha, vazia, sem sentido, sem ter com quem compartilhar

O enfermeiro:

TEMA 1: PODER TRANSFORMADOR DO DINHEIRO	
NOME	ENFOQUES ABORDADOS
A	<ul style="list-style-type: none"> a) o dinheiro exerce poder de transformação do ser humano; b) a sede por poder e dinheiro pode provocar a destruição do ser humano quando faz qualquer coisa em nome dele; tudo se torna uma busca cega e vazia; c) o dinheiro pode desviar o homem de sua essência de amar e ser feliz.

TEMA 2: JULGAMENTOS PRECIPITADOS	
NOME	ENFOQUES ABORDADOS
B	<ul style="list-style-type: none"> a) mesmo conhecendo apenas parte dos fatos, pessoas fazem julgamentos equivocados; b) julgamentos precipitados ocorrem por mentiras de pessoas que querem manter uma imagem que não lhes pertence; há quem creia nessas farsas, tomando-as como verdade; c) antes de defender ou recriminar algo ou alguém, é preciso conhecer realmente os fatos, a situação, ter cautela e bom senso para não ser injusto.
J	<ul style="list-style-type: none"> a) há quem julgue os outros pela aparência, sem conhecê-los bem, sem saber de suas histórias de vida; b) há pessoas que guardam segredos de erros cometidos e não consertados e, por medo de que sejam revelados, acomodam-se em suas mentiras, tentando convencer-se de que são inocentes; c) nunca se sabe o que as pessoas escondem, e isso as torna sempre uma incógnita.

TEMA 3: OS ERROS NA VIDA DAS PESSOAS	
NOME	ENFOQUES ABORDADOS
C	a) os jovens agem muito por impulso e são muito influenciáveis, o que os leva a erros irreparáveis, com consequências desagradáveis; b) cada indivíduo é responsável por si; c) determinados erros não podem ser justificados por circunstâncias desfavoráveis.
L	a) há erros que deixam a consciência pesada para o resto da vida, e, mesmo que o indivíduo queira se livrar deles, eles aparecem involuntariamente; b) aprende-se com os erros; c) o tempo traz crescimento interior; d) reconhecer o erro é um progresso que vem com o tempo.
T	a) às vezes, perceber que errou e prejudicou alguém pode ser tarde demais, e isso faz o indivíduo sentir a consciência pesada; b) há erros irreversíveis, que podem levar o indivíduo a amenizar a situação ou piorá-la (por exemplo, uma mentira para encobrir outra); c) o arrependimento pode provocar um rebuliço na mente do indivíduo para achar uma saída para o mal feito; d) perceber que errou e não consertar o erro, é errar duas vezes; e) a consciência pesada pode levar o indivíduo a agir de forma sensata, incoerente ou simplesmente ficar sem ação; f) depois de cometer certos erros, as possibilidades de consertá-los ficam restritas.

TEMA 4: INGRATIDÃO	
NOME	ENFOQUES ABORDADOS
G	a) conviver com hábitos e culturas diferentes faz com que o indivíduo não se surpreenda facilmente, e nesse contexto a ingratidão sobrepõe-se à gratidão; b) o ser humano precisa rever seus valores, ajudar o semelhante e buscar dignidade; c) tudo o que se faz gera frutos, que serão colhidos por quem os plantou.

O trabalho com a produção textual exigiu do aluno em primeiro lugar a compreensão dos contos literários, já que estes serviram de apoio e sustentação para a escolha de uma temática a ser desenvolvida posteriormente na elaboração do texto opinativo solicitado. O aluno precisou extrair do texto literário e da discussão a partir dele algo que lhe parece essencial e suficientemente interessante para chegar a esses enfoques e discuti-los, trazendo para o papel seus argumentos, assim como suas leituras anteriores, seu conhecimento de mundo para expressar-se. E para selecionar o que escrever diante de tantas possibilidades que o literário

oferece, percebe-se que precisou delimitar o assunto a fim de que a abordagem de sua redação seguisse um fio condutor para o mesmo, o que garantiu a profundidade dos enfoques apresentados na maioria das redações.

Para chegar à construção desses enfoques, os quais representam a sequência das redações, o aluno certamente valeu-se de seu silêncio interior e de sua subjetividade para dedicar-se à construção propriamente dita de sua redação, abordando o tema selecionado e apresentando seus argumentos em favor dele. Neste aspecto, o aluno valeu-se das reflexões compartilhadas por meio dos contos, afinal, teve à sua disposição o texto literário, o posicionamento do colega frente a várias questões discutidas, a contribuição do professor nesta discussão, a sua própria posição posta em discussão e tudo isso formatando uma base contextual para o instigar, provocar, despertar, aprender, enfim, incentivar a pensar por escrito. Valer-se desta trajetória para produzir um novo saber é pôr em questão os seus conhecimentos, ampliando-os ou simplesmente estabelecendo melhor e mais claramente os seus próprios conceitos. Mas o importante nisso é que as reflexões fundadas para chegar a um novo ponto de referência em seu conhecimento sejam mais profundas, gerando algo novo, surpreendente, até mesmo inédito para o redator, o qual se projetará como autor de seu texto.

A escolha pelas temáticas e enfoques trazidos pelos alunos são, portanto, elementos que auxiliam e organizam a construção de sentido das redações, encaminhando redator e leitor à compreensão do texto. Nas redações dos alunos, evidenciou-se a discussão de ideias através dos argumentos sobre elas, a percepção do que sabem ou não sobre o que discutiram, e tudo isso com certeza põe em evidência a construção das diversas facetas da verdade, dos conceitos – ou pré-conceitos –, enfim, de suas percepções. Para o levantamento dos referidos enfoques, os textos foram analisados não por alguma ideologia proposta, ou se o conteúdo estava adequado ou não ao que fora discutido sobre os contos, ou pelo que rege a Linguística Textual, mas sim se o aluno construiu uma abordagem com criticidade, com clareza, com argumentos sustentáveis e, acima de tudo, com autonomia.

Considerando-se que o sentido de um texto é construído tanto por quem escreve como por quem lê, o conhecimento que envolve ambas as partes depende de pressuposições e inferências

para compreendê-lo. Esse processo de compreensão se dá quando o texto apresenta características que contribuam para que ele tenha sentido, assegurando a sua compreensão. Dentre as propriedades básicas que caracterizam um texto, a coerência constitui-se num “fator fundamental da textualidade, porque é responsável pelo sentido do texto (VAL, 1993, p. 5)”, e sua eficácia está atrelada à interação entre produtor e leitor, tendo em vista que o conhecimento ativado pelo texto deve ser compartilhado por ambos. A coerência está “no processo que coloca texto e usuário em relação, numa situação” (KOCH, 1993, p. 40).

4.2.2.1 Coerência temática na produção textual

Não se realizou uma análise referente a cada redação, mas, para constatar os enfoques de cada uma delas, considerou-se como critérios de valor a legibilidade do texto e a sua argumentação como ponto principal no que se refere à produção escrita dos alunos. Para isso, a fundamentação teórica que conduziu o levantamento dos enfoques mencionados anteriormente e que confere validade às redações seguiu quatro requisitos básicos – a repetição, a progressão, a não-contradição e a relação –, apresentados por Charolles e retomados por Val (1993), para caracterizar um texto como coerente. A repetição de elementos sustenta a coerência do texto. Segundo Val (1993), a coerência textual refere-se à repetição como uma condição que “se manifesta pela retomada de conceitos, de idéias” (VAL, 1993, p. 21), referindo-se ao caráter sequencial do texto, garantindo a ele um desenvolvimento contínuo. A progressão é responsável por apresentar ideias às que vinham sendo abordadas, contribuindo para que haja uma renovação do assunto, sem que este se torne circular no texto, ou seja, que as ideias simplesmente sejam parafraseadas em cada parágrafo; ao contrário, é necessário que se apresentem dados novos, como bem diz Therezo (2008, p. 46), que “a progressão é a soma de idéias novas que se vão adicionando umas às outras por meio de comentários e de novos tópicos”. É frequente ocorrer problema na progressão temática quando

o aluno quer posicionar-se, defender seu ponto de vista, mas não sabe ordenar seus argumentos. Coloca, de início, o mais consistente e perde-se, depois, em outros mais frágeis: é a falta de gradação, que compromete o crescendo da sua fundamentação, esvaziando o seu poder de convencer o leitor (THEREZO, 2008, p. 46).

Para Val (1993), na produção textual, os elementos conceituais devem ser retomados,

mas não pode se limitar a essa repetição. É preciso que apresente novas informações a propósito dos elementos retomados. São esses acréscimos semânticos que fazem o sentido do texto progredir e que, afinal, o justificam (VAL, 1993, p. 23).

A não-contradição, no plano da coerência, reforça a concepção de que “o texto não pode contradizer o mundo a que se refere. O mundo textual tem que ser compatível com o mundo que o texto apresenta” (VAL, 1993, p. 25). O quarto e último elemento considerado foi a relação, ou seja, refere-se ao modo “como os fatos e conceitos apresentados no texto se encadeiam, como se organizam, que papéis exercem uns com relação aos outros, que valores assumem uns em relação aos outros” (VAL, 1993, p. 27).

O caminho percorrido para se chegar à produção textual é também responsável para efetivar o estabelecimento da coerência nos textos, o que significa que esses quatro elementos estão sujeitos, portanto, a uma situação comunicativa e se entrelaçam para que o texto seja bem construído. Essas condições estão presentes nas redações dos alunos, como se observa nos exemplos a seguir:

A redação “Solução egoísta”, do aluno B, a partir do conto *No retiro da figueira*, traz na introdução a questão da insegurança vivida pelas pessoas na atualidade: “Nem mesmo nas cidades interioranas, onde há tempos vivia-se com tranquilidade, é possível sentir-se seguro.” No desenvolvimento, esse problema é ampliado, quando menciona que lugares antes frequentados com segurança, hoje deixam “os cidadãos mais vulneráveis à ação dos marginais”. Logo após, o texto acrescenta que as pessoas têm se enclausurado em nome da segurança e questiona: “Mas será que é certo abrir mão da liberdade em prol de uma vida mais segura?” A retomada de ideias está presente nesta redação, a qual acrescenta uma nova abordagem sobre a questão da insegurança, dizendo:

para melhorar essa situação [a da violência], é necessário deixar de lado o egoísmo e unir as forças da sociedade e das autoridades, a fim de aprisionar aqueles que são responsáveis pela desordem pública e libertar os cidadãos para que possam abandonar as

grades e exercer seu direito de ir e vir. Gradear uma residência pode resolver o problema de uma família, mas não o de uma nação.

A articulação entre as ideias desta redação confere a ela clareza, tornando-a coerente.

A questão da violência como problema social é retratada no texto “Ironia e pilantragem” (aluno L), referente ao conto *No retiro da figueira*, de forma muito peculiar. Na introdução, o texto parte de contradições entre beleza, lazer e riqueza contra dificuldades enfrentadas para manter a vida no Brasil: “aqui (no Brasil) não é o país das oportunidades, [...] todo o dia acaba se tornando uma loteria para manter o emprego, a família e as contas em dia”. A partir desses elementos, vai para o extremo da vida na ilegalidade, retratada ora com ironia, ora com uma crítica realista, revelando o caminho para o qual uma pessoa pode se encaminhar: “Quando uma pessoa entra para o mundo do crime, já está classificada como ladrão. Cabe a ela decidir sua subdivisão. Marginal, agiota, assaltante [...]”. A progressão de ideias neste texto é apresentada com muita sutileza, o que vai construindo uma rede de relações que tornam os argumentos acerca do crime contundentes o suficiente para explicar a vida na marginalidade sob vários ângulos na sociedade: “É importante salientar que o mundo do crime deve ser tratado como uma organização social à parte [...]. Bandidos agregam funções de empresários, economistas [...]”. A organização temática deste texto vale-se do conto lido para trazer à tona o mundo do crime sob o viés da riqueza, da falta de oportunidades para o cidadão na sociedade, de modo que a criminalidade torna-se um caminho viável, aceito e eficaz ao indivíduo para viver.

No texto “O valor de nossas decisões” (aluno R, em *A máquina extraviada*), ao abordar a questão do novo, do desconhecido na vida das pessoas, o aluno inicialmente afirma que as pessoas às vezes se apegam a coisas que nunca lhes farão sentido. A ideia é retomada basicamente com a explicação de quais consequências isso traz à vida do indivíduo, salientando que essas pessoas podem até deixar de lado a própria realidade, entregando-se a jogos on-line, a vícios, a drogas, afastando-se conseqüentemente da vida social. “Muitos dedicam-se a conviver somente com aqueles que mantêm o seu mesmo hábito de vida, sem importar-se com o que ou quem existe fora disso.” O desconhecido torna-se o seu grande amigo. A retomada de ideias nesta redação se dá mais intensamente no final do texto quando diz: “O sentido da vida não deve resumir-se apenas na busca pelo curioso, o duvidoso. Devemos dedicar-nos a valorizar quem está

conosco e tudo o que temos ao nosso alcance, afinal, nada somos se não tivermos um ao outro, em quem confiar e compartilhar nossa vida.”

Em *A moça tecelã* também se evidencia a presença da repetição, como se confirma na redação “A busca pela liberdade”, do aluno J, focalizando em que está a felicidade das pessoas. Neste texto, destaca-se a figura da mulher atual em busca de sua felicidade e independência. Para abordar o assunto, o aluno diz na introdução que a mulher opta muitas vezes por não ter uma família convencional para atingir a sua busca. Essa ideia é reforçada ao dizer que muitas pessoas não entendem o porquê dessa opção. Para confirmar o seu ponto de vista, diz: “Sem dúvida as mulheres hoje estão com mais determinação para buscar o que querem. A mudança e as escolhas feitas em busca da felicidade que as completam estão ultimamente mais presentes nas suas vidas, muitas vezes abrindo mão de uma família.”

No texto do aluno K, “Os outros em nossos sonhos” (*A moça tecelã*), a introdução enfatiza o quanto as pessoas, ao sonharem com uma vida melhor, tornam-se mais atentas às oportunidades e àqueles com quem convivem: “Todos nós sonhamos com uma vida melhor, fazemos planos para o futuro; [...] devemos estar atentos quando as oportunidades aparecem. [...] não podemos esquecer que não vivemos sozinhos no mundo.” A temática da redação recai sobre a presença do outro na vida de cada indivíduo, e essa ideia é logo encadeada a uma outra, afirmando que os sonhos motivam a pessoa a viver no mundo real, mas às vezes a busca por esses sonhos pode induzi-la ao engano ou ao esquecimento daqueles que realmente são importantes em sua vida: “O desejo de mudar, de conquistar pode levar as pessoas a uma ganância desmedida, em que o importante na vida é o que as pessoas têm e não o que são verdadeiramente.” A progressão do pensamento chega à ideia de que a capacidade de sonhar de cada um é o que irá medir a grandeza das realizações do indivíduo aliada à presença de pessoas que lhe são importantes. O texto se apresenta bem articulado em relação aos requisitos básicos que mantêm o sentido no plano conceitual.

Uma questão preocupante num texto é a superficialidade da argumentação, o que ocorre em função da não observância desses requisitos que tornam o texto coerente. É o caso da redação “A crise” (do aluno G, em *Clínica de Repouso*), cuja temática é bem forte e relacionada à leitura

do conto: o individualismo humano. Para tratar do assunto, o aluno parte da afirmação de que “O mundo está doente.” e logo questiona: “O que fazer a respeito?” A objetividade destes elementos na introdução do texto, embora leve a uma reflexão posterior, reduz um pouco a expectativa do leitor quanto à argumentação diante do tema ao qual o próprio texto se propõe. A questão trazida é de âmbito subjetivo, e a apresentação da mesma é aparentemente objetiva. Há aqui uma contradição entre esses dois polos, o que prejudica a coerência temática do texto em função da profundidade dos argumentos que virão. Apesar disso, o texto apresenta um questionamento sobre as condições de vida entre classes sociais economicamente diferentes, ressaltando que são as diferenças que levam uma pessoa ao individualismo, ao distanciamento uns dos outros. Isso gera uma crise de valores, em que prepondera a individualidade, de modo que as pessoas não se preocupam com os semelhantes. Mas essa questão não progride com muito força no texto, o qual a partir daí vai valer-se da repetição para dizer que é preciso enfrentar o problema a fim de amenizá-lo: “O fato é que temos que encarar esta realidade de frente, a fuga não é a melhor solução.” No momento em que traz essa ideia de resolução, se dá a progressão encadeada ao questionamento inicial sobre o que fazer diante do problema, porém sem aprofundar esse novo dado. Enfim, este é um texto que apresenta os elementos da coerência, mas não os fundamenta com clareza.

Em “A busca da compreensão”, redação do aluno X (*Clínica de Repouso*), verifica-se que a indiferença diante de situações vividas no cotidiano e que merecem atenção é o primeiro enfoque abordado no texto, o qual progressivamente é ampliado quando diz que, por interesses pessoais, as pessoas manipulam seus semelhantes – e com isso acabam revelando quem elas são de fato –, desconsiderando os outros em sua vida: “mas o pior disso tudo, quando tal fato merece uma atenção especial, é sermos indiferentes diante dele”. A progressão se faz presente neste início de texto e conduz a uma nova organização de fatos a serem trabalhados no texto: essa postura leva a injustiças e as relaciona então aos idosos – o segundo enfoque e ponto forte do texto: “Existe um momento na vida em que se faz necessária uma constante atenção e dedicação àqueles que viveram em prol de seus filhos e, [...], acabam sendo incompreendidos.” A condição de descaso e abandono vivida por muitos idosos retoma a ideia da indiferença mencionada no início do texto. Percebe-se que paulatinamente a repetição, a progressão e a relação vão se moldando na construção do texto como um todo. Ao abordar a situação dos idosos, o texto vai

descrevendo o problema e refletindo sobre ele, acrescentando novas ideias às que já vinham sendo mencionadas. Imediatamente, uma nova relação aos fatos se interpõe ao problema vivido pelos idosos: a solidão gerada pela indiferença. “O agravante maior é a solidão trazida pelo descaso dos filhos ou responsáveis, que acaba gerando um sentimento de abandono a quem merece conforto e descanso nessa fase da vida.” O texto mantém um eixo temático que lhe confere uma unidade construída com coerência. A base temática trazida por este texto mantém uma ligação com o que fora lido e discutido em *Clínica de Repouso*, de forma que a contribuição da leitura do conto se fez presente na escrita do aluno.

Um dos fatores que contribui para a formação da coerência no texto é o conhecimento de mundo do indivíduo, abordado por Smith (1991) no primeiro capítulo, de modo que o trabalho com os contos literários constituiu-se num meio para ampliar esse processo, já que, ao escrever, o aluno vale-se de um modelo de mundo construído por ele mesmo a fim de produzir o seu mundo textual. Assim, reitera-se que o texto literário teve o papel de intervir na construção desse modelo de mundo do aluno, com o objetivo de ampliar e potencializar o seu texto escrito. Para que se possa

estabelecer a coerência de um texto, é preciso que haja correspondência ao menos parcial entre os conhecimentos nele ativados e o [...] conhecimento de mundo [do indivíduo], pois, caso contrário, não [terá] [...] condições de construir o mundo textual, dentro do qual as palavras e expressões do texto ganham sentido” (KOCH, 1999, p. 63).

Verificar se houve articulação ou não entre as ideias apresentadas na produção textual dos alunos equivale nesta pesquisa, portanto, analisar a coerência que há entre elas. Sabe-se que o estabelecimento da coerência num texto se dá a partir de muitos fatores, pois tudo o que diz respeito à compreensão, ou seja, o que possibilita ou dificulta essa compreensão, está relacionado ao seu estabelecimento, o qual depende do conhecimento e uso de elementos linguísticos, do conhecimento de mundo partilhado entre redator e leitor, de fatores pragmáticos e interacionais. Esses fatores não funcionam isoladamente no texto, mas em conjunto, além de se relacionarem a outros fatores. No entanto, mais uma vez retoma-se a questão de que não foram os elementos e/ou propriedades do texto, conforme os preceitos orientadores da Linguística Textual, o que se procurou analisar na produção escrita dos alunos, mas sim constatar simplesmente a construção

do texto em nível temático, como um incentivo à produção escrita, visando à coerência global do texto.

É consenso que muitos pesquisadores na área da comunicação têm encaminhado seus estudos para o campo da Linguística Textual, o que certamente comprova a proeminência de processos linguísticos com relação à leitura e produção textual. Porém, apesar dessa importância e o interesse que o assunto suscita, não se teve nesta pesquisa a pretensão de desenvolver um estudo com esse teor.

Portanto, se os textos dos alunos estão ordenados de forma que sejam passíveis de compreensão, caracterizados por uma linearidade que evidencia uma relação de sentido na ordem em que aparecem, e considerando-se as condições em que foram realizados, é possível então atribuir a eles autenticidade, visto que a construção dos mesmos se sustenta em nível coerente. Há de se considerar que a coerência depende da interação entre quem escreve e quem lê o texto, o que significa que ela é subjacente à superfície do texto e responsável pela continuidade de sentidos perceptível no texto. Koch (1993) enfatiza que é a coerência o que permite que um texto tenha sentido para o leitor, sendo responsável pela interpretabilidade do texto.

E é justamente a partir disso que se considerou coerente a produção textual dos alunos, até porque, para que o texto assim seja construído, faz-se necessário que, num primeiro momento, a ordenação dos enfoques não seja simplesmente itens sobrepostos no texto, mas tópicos que se apresentem gradualmente, de forma a orientar o leitor para compreender o texto e, conseqüentemente, atraí-lo para compartilhar da integralidade e consistência do mesmo.

Seguindo esse percurso em seus textos, os alunos manifestaram-se criticamente diante dos assuntos sobre os quais se propuseram a discutir, construindo desse modo o próprio conhecimento. Constata-se que o trabalho com os contos literários exerceu uma influência muito significativa sobre o trabalho dos alunos, o que lhes propiciou ampliar diversos temas, progredindo em suas ideias e relacionando-as entre si à medida que evoluíam. Isso caracteriza a coerência das redações, assim como atribuiu individualidade a cada uma delas, diferenciando-as umas das outras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ler e escrever são processos determinantes para a formação de um indivíduo, os quais o levam não somente a interagir na sociedade como cidadão crítico, livre e ativo, mas também à construção de si mesmo, de sua identidade pessoal. Diante de tamanha importância, esses processos, inseridos no ambiente escolar, merecem realce e reflexão no que dizem respeito à prática pedagógica, uma vez que devem nortear o trabalho de sala de aula, oportunizando ao aluno ser um agente de seu próprio desenvolvimento.

Com o objetivo de focalizar a leitura em sala de aula, um dos aspectos destacados nesta dissertação foi o lugar do leitor no texto literário. A indagação inicial para se chegar a esse ponto foi pensar em como ocorre o procedimento da leitura no indivíduo quando ele busca dar sentido ao que lê. Partiu-se do princípio de que a Literatura é indispensável à aprendizagem escolar e formação de um estudante, pois tem a capacidade de transcender a mera informação e tornar possível a construção de um espaço mais rico e construtivo.

Para discutir esse primeiro questionamento, foi fundamental analisar a construção de sentidos a partir de concepções que se entrelaçaram para dimensionar o papel do leitor diante do texto. A questão inicial veio de Smith, enfatizando que ao ler, além de o leitor valer-se de seu conhecimento de mundo, ele tem uma forma organizada de mundo, o que facilita a sua compreensão em leitura, sendo que esse conhecimento estruturado lhe possibilita ir ou não adiante durante a leitura de um texto. Mas a leitura vai muito além disso, pois é imprescindível também que o texto provoque algo no leitor, desinstalando-o de si mesmo e estabelecendo uma não-correspondência entre texto e leitor, o que o atrai, e, em decorrência disso, o leva a projetar-se no texto, tomando o que está oculto como parte de suas considerações sobre o texto. Ou seja,

são os vazios do texto, os quais, conforme Iser, atingem o leitor, que por sua vez busca preenchê-los, o que torna possível reescrever o texto e a si mesmo.

Esse percurso entre conhecimento de mundo e preenchimento de vazios para construir sentidos encaminhou a uma análise mais específica sobre o modo como o leitor é atingido pelo texto. Ciente de que tudo o que faz parte do indivíduo interfere em sua percepção e reflexão sobre o texto, este estudo direcionou-se ao fato de que no âmbito da significação há algo na essência do ser do indivíduo que também é responsável pelos sentidos atribuídos a um texto. Ora, o que se viu então foi que a leitura literária faz com que o leitor revele algo sobre si mesmo, ou parafraseando Birman, o ser do leitor passa por uma atualização, o que significa que o texto desconstrói o conhecimento de mundo do leitor, suas referências e, a partir de então, produz algo novo. Essa ligação entre construção de sentido e subjetividade do leitor constituiu-se no interesse maior desta pesquisa.

Em consonância a isso, o fio condutor deste trabalho foi que texto literário e leitor compõem uma relação dialógica em que dois mundos distintos – o trazido pelo texto e o vivido pelo leitor – se misturam: o texto tem alguma coisa a dizer ao seu leitor, garantindo-lhe um percurso pelos caminhos da escrita e encaminhando-o a um mundo não escrito; por outro lado, o leitor é atraído por esse não-dito no texto, o qual lhe provoca uma inquietude interior e o impulsiona a construir sentidos, fazendo-o reescrever o texto, e então construir o novo a partir do que o texto lhe “toca” ao ler.

Diante desse quadro sobre texto e leitor, consolidar o trabalho de sala de aula exigiu uma atenção especial quanto aos aspectos relacionados ao processo de leitura, considerando-se que a aprendizagem se dá a partir do mundo do aprendiz, e o que ele sabe, o que ele conhece equivale à sua experiência. Assim, pensar na experiência em que se constitui a leitura literária para o aluno é concebê-la como algo com poder de transformação do mesmo. Tomando esses dois polos de experiência – a do aluno e a provocada pela leitura – como referenciais para o trabalho com os contos literários, a leitura suscitou refletir sobre a existência humana, com o que se buscou ampliar a vivência do aluno. Desse modo, os questionamentos, as discussões decorrentes da leitura evidenciaram a importância de o aluno se posicionar frente a questões que

estão presentes em sua vida, como insegurança, violência, alienação, abandono, ingratidão, medo, solidão, dentre tantas outras. Crê-se que compartilhar esses assuntos contribui para levar os alunos a pensarem, com mais proximidade, sobre a condição em que o homem vive, além de perceberem que certas questões relacionadas a ele, estejam elas no campo social ou não, encontram-se muito próximas de cada ser humano em particular e, ao mesmo tempo, muitas vezes são ignoradas, banalizadas, não refletidas. Tomar consciência disso é conduzir-se e não ser conduzido, é desenvolver-se integralmente em seu meio, é ser agente de transformação de si e do entorno.

Acredita-se que a trajetória do aluno pelo texto literário implique a ampliação do seu conhecimento de mundo, embora, na maioria das vezes, um leitor não tenha consciência imediata disso, mas ele é, mesmo assim, modificado e influenciado pelo que lê e sente no ato da leitura. O momento de reflexão desencadeado pela leitura dos contos evidenciou ser muito peculiar à construção do conhecimento por parte do aluno, uma vez que exige dele a produção do novo a partir de si mesmo. Isso porque o conhecimento de mundo de cada aluno-leitor responde por sua postura conceitual no campo das significações, já que ao ler o indivíduo traz consigo suas ideologias, suas percepções, suas experiências e tudo isso o torna único diante do texto.

A contribuição da Literatura foi condição singular para efetivar o movimento entre o que é sabido pelo aluno e o que não é dito no texto para então chegar ao novo. E, já que ela tanto encanta quanto perturba o seu leitor diante do que apresenta, o seu efeito sobre o leitor sempre vai depender do próprio leitor. É ele quem dimensiona até onde pode ir, mas a inserção do texto literário permite ao leitor ir além de si mesmo.

Como bem diz Almeida, a Literatura se utiliza do próprio vazio da linguagem para escrever, para produzir o texto, sem se prender a uma estabilidade que a determine para qualquer fim que seja. Seu papel é o de transgressão, sem a pretensão de indicar caminhos, informar, sem servir ao poder, à ordem que a própria linguagem – a não-literária – impõe. Ela não se submete a fins utilitários, e é exatamente nisso que está o poder reflexivo do texto literário, sempre aberto e autônomo, pois “coloca tudo em questão – a existência, o mundo, a sociedade” (ALMEIDA,

2009, p. 49), o que lhe confere, no processo ensino-aprendizagem – bem como fora dele –, um valor inestimável à prática pedagógica.

Enfim, construir sentidos para o texto, visando ampliar a visão de mundo do aluno-leitor a partir da sua interação com o próprio texto literário, compartilhando essa visão com o colega, com o grupo, foram princípios orientadores deste trabalho para auxiliar os alunos a compreenderem os contos literários, a si mesmos, seus pontos de vista, o colega, o entorno, proporcionando-lhes também condições para produzir textualmente o que pensam.

Outro aspecto relevante nesta dissertação diz respeito exatamente à produção textual dos alunos, tendo em vista que a expressão escrita constitui-se num instrumento de valor para o acesso do indivíduo em seu meio social. Dominar a língua escrita é ter acesso a patamares privilegiados na sociedade, considerando-se que o modo de pensar das pessoas, a partir do que sabem e da maneira como chegaram a saber, é sempre diversificado. Assim, desenvolver a capacidade de expressar por escrito o pensamento deve colocar-se também numa posição privilegiada quando esta prática se dá em nível escolar, a fim que o aluno se conscientize do lugar que o texto escrito ocupa em sua vida pessoal.

É indiscutível que o ensino da produção textual está intrinsecamente ligado ao processo de leitura, uma vez que deve levar o aluno a ponderar sobre a própria compreensão do que o circunda, ativando assim suas leituras, seu conhecimento de mundo, relacionando-os a um novo contexto que a leitura desperta. Portanto, leitura e escrita mantêm um elo imprescindível à aprendizagem e desenvolvimento do educando. A experiência e a tomada de conhecimento advindos da leitura literária consistiram em matéria vibrante para a construção do texto escrito, afinal o aluno necessita de recursos para aprender, e a reflexão necessária para produzir textualmente prescinde da reflexão decorrente da leitura, principalmente quando se trata da leitura literária.

O trabalho de sala de aula com relação à elaboração de textos não teve como fim, por exemplo, avaliar ou treinar para o vestibular, mas sim priorizar a comunicabilidade, ressaltando a reflexão sobre o dizer, contribuindo para que se desenvolvesse a competência redacional do

aluno. Nas redações, procurou-se conduzir o trabalho de modo que o aluno fosse realmente o autor de seu texto, posicionando-se a partir de seu contexto histórico-social, trazendo reflexões para sua redação, enfim, que o trabalho escrito envolvesse o aluno em sua própria “teia”. Acredita-se que se aprende a escrever, escrevendo, e que essa seja a maneira para o aluno tornar-se mais eficaz em sua própria produção textual, confiando na sua capacidade de autoria.

Percebeu-se também que, ao redigir, os alunos ficaram “colados” a suas ideias e ao que se propuseram, selecionaram o que lhes parecia mais importante, o que percebiam ligado a um novo campo de experimentação para se expressarem. Isso se constitui em aprendizagem, em aperfeiçoamento, ou seja, é a própria cumplicidade da escrita envolvida com o conhecimento desencadeado pela leitura dos contos, de modo que as narrativas foram indispensáveis para atingir esse envolvimento do aluno com a sua própria redação.

Evidenciou-se, inclusive, que há vários recortes nas redações trazidos pelos alunos a partir da leitura de cada conto, o que ressalta que a leitura realizada oportunizou-lhes atribuir sentido ao texto a partir de suas vivências, de seu conhecimento de mundo, provocado e ampliado pelas leituras dos textos literários.

A produção textual realizada com o grupo de alunos visava primordialmente à construção de ideias alicerçada na própria posição de leitor, com o objetivo de ele mesmo construir a sua própria voz, não se limitando a simplesmente reproduzir o que leu, ancorado somente nas ideias do texto. O objetivo foi que o aluno defendesse o seu posicionamento, expressando a sua reflexão. A relação proposta entre leitura de contos literários, subjetividade e construção de texto opinativo procurou contextualizar o trabalho escrito a partir do conhecimento construído pelo próprio aluno, por meio da Literatura. Crê-se que essa relação é muito construtiva para a aprendizagem do aluno, principalmente porque o posicionamento do aluno é enriquecido em seu texto, o que lhe dá mais segurança, convicção sobre o seu próprio dizer. Acreditar no que está sendo escrito é um fator fundamental para bem escrever. Posicionar-se a partir dessa postura é ter a possibilidade de ampliar seus conhecimentos, de refletir sobre ideias e, conseqüentemente, de sentir prazer em escrever.

Durante a construção dos textos, inúmeras vezes os alunos solicitaram a leitura de partes de suas redações à professora-pesquisadora. Neste aspecto, procurou sempre colocar-se somente como leitora dos respectivos textos, buscando encontrar sentido na escrita dos alunos e compreender seus argumentos. Nessa troca, alguns posicionamentos acabam sendo desestabilizados, outros, ampliados, ou mantidos tal qual se encontram. Percebe-se que essa interpelação do professor – e às vezes é um outro colega que faz este papel de examinador – interfere no resultado da construção textual, mas, de qualquer forma, esta é uma necessidade do aluno, que faz parte do processo em que se encontra para produzir com mais segurança, querendo, portanto, que seus ‘fragmentos textuais’ sejam lidos para dar continuidade à construção de seu texto.

Ainda é importante ressaltar que, para a realização deste trabalho, considerou-se que o aluno conhece, compreende e emprega adequada e/ou razoavelmente a língua materna, inclusive em diversos níveis e situações, de modo que questões linguísticas, regras e normas gramaticais não foram nem analisadas nem consideradas empecilhos para conduzir e/ou compreender a produção textual. Não se descarta a importância deste domínio para a proficiência e ensino da produção textual como um meio facilitador para se atingir com clareza e correção o que se quer dizer, porém nesta proposta este não foi o foco de trabalho.

Para finalizar, esta dissertação não teve a intenção de indicar um modelo de atividade pedagógica. Ao contrário disso, constitui-se em apenas uma reflexão sobre a sala de aula decorrente da preocupação particular desta professora-pesquisadora quanto ao modo de trabalhar a leitura e produção escrita no ambiente escolar, onde muitas vezes os jovens mantêm uma distância com relação ao texto literário, com a discussão crítica de assuntos relacionados a ele mesmo e à condição do ser humano, o que diretamente interfere na sua forma de pensar por escrito.

A aula de Português a partir de um olhar compartilhado para o texto literário dimensiona a linguagem para uma visão em que se permite conjecturar algo novo, o que significa que a própria linguagem torna-se múltipla, rompendo com a mesmice de uma produção textual sem criatividade, homogênea, irrefletida. Desse modo, a construção do conhecimento é favorecida,

uma vez que o indivíduo se envolve na argumentação de suas ideias, inspiradas e reforçadas pela leitura, a qual fortalece o ser do leitor para melhor produzir textualmente, privilegiando-se a plurissignificação de sentidos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Leonardo Pinto de. *Escrita e leitura: a produção de subjetividade na experiência literária*. Curitiba: Juruá, 2009.
- ASSIS, Machado de. *Os melhores contos de Machado de Assis*. Seleção Domício Proença Filho. São Paulo: Global, 1984.
- AZEVEDO, Ricardo. Formação de leitores e razões para a literatura. In: SOUZA, Renata Junqueira de. (Org.). *Caminhos para a formação do leitor*. São Paulo: DCL, 2004. p. 37/47.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Trad. J. Guinsburg. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- _____. *O rumor da língua*. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BASTOS, Lúcia Kopschitz. *Coesão e coerência em narrativas escolares*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BIRMAN, Joel. *Por uma estilística da existência: sobre a psicanálise, a modernidade e a arte*. São Paulo: Ed. 34, 1996.
- BRUNER, Jerome. *Realidade mental, mundos possíveis*. Tradução: Marcos. A. G. Domingues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- CANDIDO, Antonio e outros. *A personagem de ficção*. 10. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- COLASANTI, Marina. *Doze reis e a moça no labirinto do vento*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1982.
- COLOMER, Teresa e CAMPS, Anna. *Ensinar a ler, ensinar a compreender*. Tradução: Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. *Leitura: inferências e contexto sociocultural*. Belo Horizonte: Formato, 2001.
- D'ONOFRIO, Salvatore. *Teoria do texto*. São Paulo: Ática. 1995.

ISER, Wolfgang. *O fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária*. Trad. Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.

ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. In: JAUSS, Hans Robert et. al. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

KLEIMAN, Angela. *Texto & leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 9. ed. Campinas, SP: Pontes, 2004.

KOCH, Ingedore Villaça. *O texto e a construção dos sentidos*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1998.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça e TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Texto e coerência*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

_____. *A coerência textual*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 1999.

KUNDERA, Milan. *A arte do romance*. Trad. Teresa Bulhões C da Fonseca e Vera Mourão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2003.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Trad. Alfredo Veiga-Neto. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

_____. *La experiencia de la lectura: estudios sobre literatura y formación*. Barcelona: Laertes, 1998.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Tradução: Eloá Jacobina. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

PROUST, Marcel. *Sobre a leitura*. Trad. Carlos Vogt. 2. ed. Campinas: Pontes, 1991.

SCLIAR, Moacyr. *Os melhores contos de Moacyr Scliar*. Seleção de Regina Zilbermann. São Paulo: Global, 1984.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1984.

SMITH, Frank. *Compreendendo a leitura: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler*. Tradução: Daise Batista. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

_____. *Leitura significativa*. Tradução: Beatriz Affonso Neves. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.

THEREZO, Graciema Pires. *Como corrigir redação*. 6. ed. Campinas: Alínea, 2008.

TOROSSIAN, S. D. Psicanálise, leitura e subjetividade. In: OLMÍ, A.; PERKOSKI, N. (Org.). *Leitura e cognição: uma abordagem transdisciplinar*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2005.

TREVISAN, Dalton. *O pássaro de cinco asas: contos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

VAL, Maria da Graça Costa. *Redação e textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

VEIGA, José J. *A estranha máquina extraviada: contos*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

Anexo A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

“Uma experiência de leitura de narrativas literárias no Ensino Médio – atividade comunicativa que impulsiona a aprendizagem escolar e transforma o aluno por meio de suas próprias percepções afetivas, relacionais e cognitivas” é um projeto que objetiva analisar o processo de leitura em sala de aula, de forma a contribuir para a ampliação do ato de ler do aluno no Ensino Médio. Considera-se que, a partir da ativação de sentidos aos textos, algo é revelado ao aluno, desencadeando-lhe uma atualização do que existe em seu interior, bem como oportunizando-lhe desenvolver-se com maior criticidade, além de manter uma postura reflexiva diante de si e do entorno.

O presente estudo, de caráter exploratório, que pretende realizar uma pesquisa de leitura no Instituto Estadual de Educação Gomerinda Dornelles Fontoura, no município de Encruzilhada do Sul, envolverá um grupo de 15 alunos dos segundos e terceiros anos, os quais serão convidados a participar da referida pesquisa, realizando atividades de leitura, discussão oral de idéias e produção textual. O trabalho será realizado no turno da tarde, durante dez encontros semanais (a partir do mês de maio/08), com aproximadamente duas horas de duração cada um.

O benefício desta pesquisa está no fato de a leitura contribuir para que outras leituras sejam construídas e ampliadas, além de o ato de ler oportunizar ao leitor a construção de si mesmo e, conseqüentemente, novos sentidos para o texto se estabelecerem, num movimento interpretativo que transforma o sujeito-leitor. Acredita-se também que a leitura auxilia o aluno a tornar-se mais consciente de seu papel como ser humano na sociedade, valorizando-se como indivíduo e como membro do meio em que está inserido.

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que autorizo a participação de meu(minha) filho(a) neste projeto de pesquisa, pois fui informado, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção, dos objetivos, da justificativa, dos procedimentos que ele(ela) será submetido(a), dos riscos, desconfortos e benefícios acima mencionados.

Fui, igualmente, informado:

- da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento a qualquer dúvida a cerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa;
- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, de modo que meu (minha) filho(a) deixe de participar do estudo, sem que isto traga prejuízos à sua pessoa;
- da garantia de que ele(ela) não será identificado(a) quando da divulgação dos resultados e que as informações obtidas serão utilizadas apenas para fins científicos vinculados ao presente projeto de pesquisa;
- do compromisso de proporcionar informação atualizada obtida durante o estudo, ainda que esta possa afetar a vontade do voluntário em continuar participando;

- de que não há custos para o voluntário que participar desta pesquisa.

A pesquisadora responsável por este Projeto de Pesquisa é Claudete Cechet, professora do I.E.E. Gomerinda D. Fontoura e mestranda em Letras pela Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC.

O presente documento é assinado em duas vias de igual teor, ficando uma com o voluntário da pesquisa ou seu representante legal e outra com a pesquisadora responsável.

Encruzilhada do Sul, 02 de abril de 2008.

Nome e assinatura do voluntário

Nome e assinatura do responsável legal

Claudete Cechet

Nome e assinatura do responsável pela obtenção do presente consentimento

Anexo B – Controle de Participação no Projeto de Leitura

CONTROLE DE PARTICIPAÇÃO NO PROJETO DE LEITURA

	No retiro da figueira	A máquina extraviada	A moça tecelã	Clínica de repouso	O enfermeiro
ALUNOS	24/09/08	01/10/08	08/10/08	29/10/08	05/11/08
A				NC	
B					
C					
G					
J					
K					NC
L		NC	NC		
R			NC		NC
S				NC	NC
T				NC	
X			NC		NC

ANEXO C – Os Textos Narrativos

O presente anexo traz a cópia dos cinco contos literários trabalhados nesta pesquisa:*

1. NO RETIRO DA FIGUEIRA, de Moacyr Scliar;
2. A MÁQUINA EXTRAVIADA, de José J. Veiga;
3. A MOÇA TECELÃ, de Marina Colasanti;
4. CLÍNICA DE REPOUSO, de Dalton Trevisan;
5. O ENFERMEIRO, de Machado de Assis.

*Observação: a numeração das páginas de cada conto não segue a ordem regular da dissertação.

Anexo D – Produção Textual dos Alunos

Os textos a seguir estão ordenados de acordo com a sequência abaixo:

NO RETIRO DA FIGUEIRA:

- Sonhar: um encontro com a realidade (aluno A)
- Solução egoísta (aluno B)
- A perfeição é desumana (aluno C)
- Na busca pela perfeição (aluno G)
- A capacidade de ver além das aparências (aluno J)
- A vida em sociedade (aluno K)
- Ironia e pilantragem (aluno L)
- A busca pela verdade (aluno R)
- A vida em nossas próprias mãos (aluno S)
- O fim da história (aluno T)
- Reflexão e ação (aluno X)

A MÁQUINA EXTRAVIADA

- Um ser divino (aluno A)
- (sem título) (aluno B)
- Quem as pessoas são de fato? (aluno C)
- Um sentimento que vale a pena (aluno G)
- Pensar no que realmente é importante (aluno J)
- A busca pelo novo (aluno K)
- O valor de nossas decisões (aluno R)
- O convívio nos faz conhecer (aluno S)
- Diante do desconhecido (aluno T)
- O que realmente queremos (aluno X)

A MOÇA TECELÃ

- A vida é um sonho (aluno A)
- Riqueza não é sinônimo de felicidade (aluno B)
- A sociedade realmente influencia na felicidade das pessoas? (aluno C)
- O recomeço (aluno G)
- A busca pela liberdade (aluno J)
- Os outros em nossos sonhos (aluno K)
- Para recomeçar, é preciso motivação (aluno S)
- Divergências naturais (aluno T)

CLÍNICA DE REPOUSO

- Falta de diálogo gera solidão (aluno B)

- (sem título) (aluno C)
- A crise (aluno G)
- Descobertas e decepções (aluno J)
- O verdadeiro valor das pessoas (aluno K)
- Nossas escolhas dirão para onde iremos (aluno L)
- O que verdadeiramente somos (aluno R)
- A busca da compreensão (aluno X)

O ENFERMEIRO

- (sem título) (aluno A)
- As aparências enganam (aluno B)
- Tentar livrar-se da culpa ou assumir um erro? (aluno C)
- (sem título) (aluno G)
- As aparências escondem segredos (aluno J)
- Tempo – ajuda, mas não resolve (aluno L)
- (sem título) (aluno T)

Anexo E – Cópia da Produção Textual dos Alunos

NO RETIRO DA FIGUEIRA

Sonhar: um encontro com a realidade

Por mais que sonhemos com uma realidade bonita e perfeita, esta não existe. A única saída é tentarmos amenizar o que de ruim a realidade nos oferece, tentando uma convivência pacífica com aqueles que fazem parte da nossa sociedade. Além disso, é preciso não fugir da realidade, o que se tornaria ainda mais perverso o convívio com os nossos semelhantes, pois tornaria a vida ainda mais implacável.

Sonhos são ótimos, porém são apenas nossos desejos despejados pela nossa imaginação. A vida é baseada na realidade e não em sonhos, não importando o que queremos. A realidade é dura, injusta, e, muitas vezes, perversa; e ela não seria mais branda pelo simples fato de sonharmos que ela é perfeita. Isso nos faz pensar que o que queremos nem sempre é o que teremos, apesar de que somos também movidos pelos sonhos. Isso tudo então seria uma grande contradição, ou seja, vivemos a realidade nua e crua, mas somos também capazes de sonhar em meio a ela.

Além dessa contradição, sabemos que fugir do mundo real apenas causa o transtorno de termos de nos dar conta de que não poderemos sonhar para sempre, visto que a maioria de nossos desejos não serão realizados, e teremos, querendo ou não, que enfrentar a vida de frente. Apesar disso tudo, a realidade, quando compreendida e aceita, acaba por se tornar apenas mais uma prova de que temos que ultrapassá-la, para assim conquistarmos os desejos de nossa imaginação.

Olharmos de frente para nossos desafios e enfrentarmos cada um deles é uma atitude difícil; no entanto, acertada para convivermos com a realidade. Ao final, sempre encontramos recompensa por nosso esforço, e assim teremos nossos sonhos realizados, pois lutamos e vencemos os desafios impostos pela realidade, mas eles nos levarão a olhar para além deles mesmos, permitindo-nos ultrapassar os fatos reais que nos são impostos pela própria vida. (ALUNO A)

Solução Egoísta

A violência tomou conta das ruas. Nem mesmo nas cidades interioranas, onde há tempos vivia-se com tranquilidade, é possível sentir-se seguro. Nestas condições, não são os bandidos que estão atrás das grades, são os cidadãos que buscam segurança.

Passear no parque, caminhar pela cidade, ir ao estádio de futebol, com o tempo deixaram de ser apenas lazer e passaram a ser atividades perigosas, pois estes locais deixam os cidadãos mais vulneráveis à ação dos marginais, que algumas vezes, dominados pelo efeito da droga, são capazes de cometer atrocidades. Corre-se o risco de sofrer um assalto, uma agressão, e o que seria distração pode tornar-se uma tragédia.

Assustadas com a propagação da violência, as pessoas colocam cada vez mais grades, cadeados e outras proteções em suas casas, condomínios e edifícios. Tudo pela segurança. Mas será que é certo abrir mão da liberdade em prol de uma vida mais segura? O correto seria que criminosos vivessem em prisões e não as vítimas dos crimes. Não deveria ser necessário optar por ser livre ou ter segurança, já que se tem direito à ambas.

Para muitos indivíduos, pensar apenas em solucionar o que lhes atinge é mais simples. Mas isso não resolve o problema em si que afeta toda a sociedade. A violência está na rua, então é lá que ela deve ser combatida. Todavia, para melhorar essa situação, é necessário deixar de lado o egoísmo e unir as forças da sociedade e das autoridades, a fim de aprisionar aqueles que são responsáveis pela desordem pública e libertar os cidadãos para que possam abandonar as grades e exercer seu direito de ir e vir. Gradear uma residência pode resolver o problema de uma família, mas não o de uma nação. (ALUNO B)

A perfeição é desumana

Perfeição, algumas pessoas gostariam muito que existisse... mas não existe, não existem pessoas perfeitas, a perfeição é desumana. E por mais que muitas pessoas criem uma imagem perfeita, essa não existe. Muitas pessoas procuram amores perfeitos, pessoas que tenham todas as qualidades e, o mais importante, que não tenham defeitos. Entretanto, nunca vão encontrar, talvez seja possível encontrar alguém para compartilhar sentimentos, emoções, ideias, agora perfeição? Impossível.

Existem muitas situações na vida que são aparentemente perfeitas, o que resta saber é se elas realmente são tudo que parecem. As pessoas já estão acostumadas a ter uma vida “normal”, então, quando surge algo estúpido, ou elas desconfiam – o que todos deveriam fazer – ou se encantam de tal forma que ficam cegas para a realidade. E essa, quando descoberta, é extremamente dolorosa.

E seria bom se existisse? Não, seria horrível, já que é com as falhas que se aprende. Se todos os seres humanos fossem perfeitos, a vida não teria sentido. A vida é um intenso aprendizado diário, se não houvesse esse aprendizado, esse amadurecimento interno e externo, para que serviria viver?

O mágico da vida é que depois da noite escura sempre vem o dia claro, ou seja, mesmo com os erros de hoje, amanhã começa um novo dia. E perfeita a vida nunca vai ser, para ninguém. O que cada indivíduo deve saber é, se houvesse perfeição, não haveria graça e aparentemente tudo pode ser perfeito, porém, só aparentemente. (ALUNO C)

Na busca pela perfeição

Estamos sempre em busca do melhor para nossas vidas. Desejamos que tudo seja perfeito, mas nos damos conta de que a perfeição é uma utopia. Viver sem problemas é um privilégio inatingível por mais que se queira alcançá-lo.

Os problemas existem a fim de que possamos solucioná-los, assim como os erros nos proporcionam uma nova oportunidade de fazer o certo; logo, a vida é uma escola, um caminho rumo à aprendizagem. Se a vida é uma constante aprendizagem, ela nunca atingirá o patamar da perfeição. Sempre há, pelo menos, uma falha em tudo o que é julgado perfeito, e, em decorrência disso são gerados, em determinadas situações, na maioria das vezes, aborrecimentos ou desapontamentos. Esses abalos emocionais, em sua maioria, são de grande valia, pois nos fortalecem e fazem com que sejamos capazes de enfrentar novos desafios.

Devemos aprender desde cedo a lidar com as perdas que surgem ao longo de nossas existências. Fugir ou esconder-se não é o caminho correto. A fuga apenas nos torna mais vulneráveis. O convívio com os problemas é a melhor solução, é o que faz com que crescamos humana e profissionalmente, e para isso é necessário uma boa estrutura psicológica.

O que ainda nos faz ter uma vida melhor são os objetivos, os quais dão sentido à vida, mas não dão a perfeição. A vida é uma curta e bela jornada, que deve ser aproveitada o melhor possível. Por isso, é importante que desfrutemos de todas as coisas boas de que ela tem a nos oferecer, afinal buscar o melhor não é errado, mas o perfeito deve ser deixado de lado. (ALUNO G)

A capacidade de ver além das aparências

Embora tentemos nos manter longe dos problemas da sociedade, cada vez mais presentes nos dias atuais, não conseguimos, pois estão em todos os lugares, até mesmo nos que menos esperamos. Vivemos desconfiados, tentando descobrir quem realmente está falando a verdade, isso tudo porque há várias pessoas de má conduta que querem nos enganar.

Muitas pessoas, para conseguirem o que querem de nós, nos enganam, e isso parece ser tão fácil para elas. Isso acontece porque nos enganamos fácil, quando damos mais valor às aparências sem conhecermos direito as pessoas. Boa aparência não basta, sorrisos podem ser falsos, ou seja, não

significam bom caráter. Só porque estão bem vestidas, achamos que essas pessoas não precisam enganar para sobreviver, mas essa não é a realidade, pois é exatamente sendo simpáticas, com boa aparência que essas pessoas sabem que irão conquistar nossa confiança com maior rapidez.

Às vezes estamos tão encantados com distrações, promessas, as quais são colocadas a nossa frente, a ponto de elas não nos permitirem ver claramente o que está acontecendo em nossa volta. Assim acabamos ficando vulneráveis, o que faz com que as pessoas consigam facilmente o que querem de nós. Pessoas de má conduta, que querem nos roubar, enganar, nos fazer mal, usam essa estratégia.

Há sim lugares em que esses problemas estão mais presentes, mas não há onde eles não existam. Não podemos fugir de nossos problemas, pois eles continuarão a existir, e, afinal, nada é perfeito. A verdade é que não conseguimos viver indiferentes e nem fugir dos problemas, tanto dos nossos quanto dos da sociedade. (ALUNO J)

A vida em sociedade

Todos sabemos que a violência está presente em nossos dias. Muitos se questionam do porquê ela existe da forma como a conhecemos hoje. Organizações não-governamentais e instituições públicas procuram abrandar o caos em que a sociedade se insere, tomando medidas que previnam o desequilíbrio geral. Diante deste contexto, como tem sido o comportamento do cidadão de bem – aquele que trabalha e procura construir a sua vida por meios legais – para sobreviver com dignidade nesta realidade?

O problema da violência já tomou proporções assustadoras, e por isso não será qualquer medida que influenciará na mudança deste problema da ordem social. Com frequência, ouvimos que é preciso conscientizar a população de que violência só gera violência e, portanto, é preciso não ser violento. Mas a violência, com que convivemos dia a dia provém de onde? Por acaso, é de atitudes do cidadão de bem, que cumpre com suas obrigações e goza de seus direitos? A primeira resposta talvez seja “não”, e o culpado por isso tudo que nos espanta seja a impunidade. Esta tem sim a sua grande parcela de culpa, mas não podemos atribuir somente a ela a causa do caos em que nos encontramos.

O problema está enraizado muito além. É preciso que olhemos para a forma como as pessoas se relacionam, como reagem diante dos conflitos, problemas e omissões alheias. O que vemos geralmente é que as pessoas se afastam do que aparentemente não lhes diz respeito. Como se o que atingisse o outro fosse problema somente dele e assim nem tomamos conhecimento. Talvez esta seja a grande causa da violência em nossos tempos, ou seja, esta indiferença é fruto do individualismo, do isolamento do homem, que não vê no semelhante alguém que faça parte de seu contexto social – e o exclui.

Enquanto enxergarmos o outro com este olhar de indiferença, como se fizessemos parte de um mundo à parte, as relações continuarão conflitantes e a violência só tenderá a aumentar. Os problemas vividos pela sociedade nos atingem, e, mesmo que não estejamos diretamente relacionados a cada um deles, eles geram desacordo, exclusão, pobreza, falta de conhecimento e de qualidade de vida. Se quisermos reverter tudo isso, precisamos tomar parte do meio em que vivemos, para não nos tornarmos reféns da sociedade. A responsabilidade por uma mudança que depende da contribuição de cada um de nós. (ALUNO K)

Ironia e Pilantragem

Ah! O Brasil! Terra de carnaval, samba e cerveja gelada, onde o povo é carinhoso e caloroso. Que ótimo, não? Não, pois quem vive aqui sabe que ser caloroso e carinhoso não põe comida na mesa. Ao contrário dos Estados Unidos, aqui não é o país das oportunidades, e como qualquer brasileiro que se preze, todo o dia acaba se tornando uma loteria para manter o emprego, a família e as contas em dia.

Uma das oportunidades que o Brasil oferece é a de ser um bandido, e já que isso por aqui se tornou um emprego, não nos esqueçamos de que, quanto a maior a graduação, melhor será a qualificação social dos indivíduos. Bandidos bem instruídos são capazes de armar grandes golpes usando como isca a

fama negativa de seus próprios empregos no lado mocinho na sociedade. Um sequestro em massa, no qual os próprios sequestrados não se dão conta do que ocorre é de uma engenhosidade e ironia fabulosas.

Quando uma pessoa entra para o mundo do crime, já está classificada como ladrão. Cabe a ela decidir sua subdivisão. Marginal, agiota, assaltante, assaltante de banco e mafioso, cada qual com seu respectivo grau de dificuldade. Portanto, concluímos que todo marginal é um ladrão, porém, nem todo ladrão é um marginal.

É importante salientar que o mundo do crime deve ser tratado como uma organização social à parte, porém muito parecida com a nossa e, por muitas vezes, mais organizada do que a própria estrutura política brasileira. Bandidos agregam funções de empresários, economistas, cientistas contábeis e, até mesmo, psiquiatras de si mesmos, afinal, não é fácil manter o modo frio e calculista que exige a profissão.

Então, ressalto que este é um mercado em expansão, e que entrar nesse mundo não requer experiência alguma no currículo, mas, uma vez lá dentro, é preciso muito estudo para se manter. Enquanto lê isso, algum bandido, em algum lugar, está fazendo cálculos – que você nunca sonharia em fazer – para chegar ao cofre de um banco. Isso sim é uma pilantragem estupidamente irônica. (ALUNO L)

A busca pela verdade

A árdua rotina, a busca pela realização de ideais, ao mesmo tempo que cansativa nos proporciona a vontade de querer o melhor possível, tanto fisicamente quanto mentalmente. Mas há situações em que o paraíso com que nos deparamos é um terreno incerto, coberto por armadilhas.

Estamos sempre à procura de conforto, segurança, visamos aumentar o nosso alcance financeiro para que possamos nos beneficiar com ele. Embora tenhamos apoio daqueles em quem confiamos incondicionalmente para alcançarmos um objetivo, muitas vezes somos surpreendidos por alguém que, do nada, nos presenteia com algo que seria tudo o que poderíamos desejar. Um exemplo são as falsas agências de modelos, que, prometendo um futuro próspero, com dinheiro, carreira, fama, enganam muitas pessoas, principalmente jovens mulheres, pois o sonho de uma vida longe do que sempre viveram e a esperança de se tornar alguém acabam levando para um precipício, o abismo da prostituição, do trabalho escravo.

Nós, jovens, na formação de nossa vida, também somos arrebatados por situações semelhantes. Ansiamos sempre mais e mais, nossa expectativa para o futuro é positiva, principalmente na conclusão dos estudos básicos e na procura por crescimento, através de empregos, especializações. Somos frustrados quando nossas expectativas são interrompidas e enxergamos a pura realidade, sendo apresentados a nossa frente os obstáculos, crises, o desemprego, os preconceitos, e já não podemos mais agir como vítimas da situação, mas como protagonistas, tomando as rédeas de nossa vida e traçando novos caminhos, correndo atrás mesmo, perdendo, lutando, aprendendo.

Sermos enganados ou não faz parte de nossas próprias atitudes, pois a busca pela verdade é um instinto provocado pelo nosso cérebro. Somente nós mesmos podemos nos enganar, quando fechamos os olhos para o real, somente enxergando o paraíso e suas maravilhas; sabemos que ele existe, mas o caminho a ser traçado até ele sempre estará coberto por incertezas, insegurança, desafios. (ALUNO R)

A vida em nossas próprias mãos

O meio social em que nos encontramos está rodeado de problemas, de obstáculos para superarmos, mas a grande maioria das pessoas preferem ignorar isso tudo e não enfrentar de frente a realidade que têm diante de si. Essa omissão contribui para que sejamos enganados, pois há sempre aqueles que estão à espera de um deslize nosso para tirarem proveito.

A vida de todos nós é muito corrida, temos muitas obrigações diariamente. No trabalho, na escola ou em qualquer outra atividade, surgem pedras no caminho, ou seja, desafios a serem enfrentados e superados com garra e perseverança. É a determinação de olharmos, com a maior clareza possível, para a

realidade que nos rodeia o que nos fará agir como indivíduos donos da nossa própria vida, sem receio de enfrentarmos o que se apresenta a nossa frente. Quando não fazemos isso, há maior chance de sermos enganados por alguém. Por isso, não podemos fugir dos nossos compromissos, nem deixá-los para depois como se alguém fosse resolvê-los por nós.

Se os problemas dos quais queremos fugir estão tão próximos a nós, se fazem parte da sociedade em que nos encontramos, então eles também são problemas nossos. Afastarmo-nos deles só dificulta a vida de cada um de nós e não resolve nada. O que devemos é conscientemente agir de forma a amenizar as dificuldades por que passamos. Isso com certeza nos trará um ambiente mais tranquilo, mais seguro, mais próximo do que queremos para a nossa vida diária.

Portanto, se queremos um mundo melhor, se queremos uma sociedade mais pacífica, cabe a nós nos incluirmos na nossa própria sociedade como cidadãos responsáveis pela transformação da mesma e não como reféns dela. Há muito o que fazer, e para piorar a situação parece que cada vez mais as dificuldades aumentam. No entanto, se acharmos que não há caminho para revertermos essa situação, aí sim a sociedade se transformará num verdadeiro caos. Por isso, está mais do que na hora de cada cidadão ocupar de fato o seu lugar na sociedade em que vive. (ALUNO S)

O Fim da História

Todos temos nossa própria ideia de perfeição e muitos fazem da sua busca o sentido para a vida, mas e se pensarmos nela como algo muito difícil de ser alcançado ou até inexistente? A ideia de que a vida perfeita é um mero sonho é muito frustrante. Convivemos com o “felizes para sempre” desde crianças e pensamos por que conosco não pode ser assim, mas não é que não possa, é que nós não nos damos conta de que ninguém é feliz ou infeliz para sempre, que a vida é bem mais do que isso.

Dizem que a felicidade não existe, que existem apenas momentos felizes, mas também não é assim. Ninguém disse que uma tristeza passageira estragaria a “eternidade feliz”, o mundo não vai acabar visto que não encontramos a perfeição, podemos buscar o melhor possível, não o perfeito.

Talvez vida feliz não queira dizer vida perfeita, afinal, quando a história chega ao fim, cada um pode criar sua continuação. Deixemos as ilusões de lado, pois o “Felizes para Sempre” não é inexistente, apenas menos perfeito do que imaginamos. (ALUNO T)

Reflexão e ação

Não raramente somos surpreendidos em enganos que nos levam, sem que percebamos, a cometer atos impulsivos. Na maioria das vezes, poderíamos ter evitado a ocorrência deles, mas, por falta de reflexão ou senso crítico diante das situações, não o fizemos.

Os golpes são as mais frequentes formas de sermos enganados sem qualquer percepção. As ações mais aplicadas são telefonemas anônimos exigindo resgates por falsos sequestros, depósitos bancários feitos em troca de prêmios inexistentes ou falsos imóveis vendidos por quantias milionárias. Muito bem articulados, os golpistas não nos inspiram desconfiança alguma e, dessa forma, cedemos a suas solicitações.

No momento em que não procuramos obter informações sobre o que nos está sendo passado, estamos propícios a sofrer ações enganosas. Isso pode ocorrer também em campanhas publicitárias quando, levados pelo consumismo, somos induzidos a adquirir produtos sem prévia avaliação de suas supostas qualidades ou benefícios. Quando tais situações sucedem, é preciso procurarmos os órgãos responsáveis por suas resoluções, mas estar sempre alerta é a melhor maneira de evitá-las.

Diante disso, percebemos a necessidade de avaliarmos crítica e ponderadamente qualquer atitude a ser tomada. Somente assim evitaremos frustrações ou arrependimentos por termos sido vítimas de nossos próprios atos. (ALUNO X)

A MÁQUINA EXTRAVIADA

Um ser divino

A valorização de um ser desconhecido é muito frequente em nossas vidas, um exemplo é Deus. Por que acreditar em algo que desconhecemos? Por que entregar nossas vidas a ele? Ninguém sabe ao certo quem é Deus, mas muitas pessoas crêem sem precisar saber disso. E por essa crença poderia se dizer que é errado acreditar em Deus?

O porquê de as pessoas acreditarem na existência de um “ser superior” talvez venha de séculos atrás junto de inúmeras perguntas sem respostas. Como os animais, os vegetais e os humanos foram criados? De onde surgiu a água, a Terra e o Céu? Vestígios de nossos antepassados talvez nos levam a crer na real existência de Deus. A influência que Deus exerce sobre muitos de nós é tão grande que, ao acontecerem milagres, vitórias, alegrias, usamos a expressão “graças a Deus”. O simples fato de estarmos vivos e escaparmos de alguns riscos que corremos é levado à Graça Divina. Sonhos realizados, desejos satisfeitos, vontades milagrosamente realizadas também são levados à Graça Divina. Mas por que será que é mais fácil acreditar em Deus, que não podemos enxergar e tocar, em vez de acreditarmos na medicina, na ciência e na força da vontade das pessoas? Não sabemos ao certo, mas a imagem de Deus é de um ser divino, superior a nós.

Não podemos dizer que é errada a crença das pessoas, mas também não podemos viver cegamente em torno dela. Temos sim é que nos preocuparmos com o conhecimento sobre nós mesmos, o que é muito difícil, mais até do que acreditarmos no que não conhecemos. Quando não nos conhecemos, perdemos a autoconfiança e parece que nos tornamos pequenos, sem capacidade de ir além. Por isso nos apegamos a algo que não sabemos exatamente o que é.

Não podemos viver em torno das crenças, acreditando no que não conhecemos, pedindo com que elas façam o que não temos coragem de fazer. Vivemos em um mundo que depende de nós, onde as pessoas devem dar mais valor a si mesmas para terem a coragem necessária de concretizarem os seus sonhos. (ALUNO A)

(SEM TÍTULO)

A base de um relacionamento é a troca. Sendo assim, desfrutaremos das qualidades e virtudes do companheiro, mas também teremos que conviver com os defeitos e imperfeições que ele apresentar ao longo do tempo. Mas nem sempre as relações ocorrem dessa maneira, pois algumas pessoas esquecem-se de que precisam doar e esperam apenas receber.

Quando conhecemos e nos encantamos por alguém, encontramos dificuldades para enxergar que, assim como todos nós, este indivíduo tem os seus defeitos. A projeção que criamos desse ser perfeito, às vezes está relacionada à nossa falta de autoconhecimento, que não nos deixa perceber as nossas próprias faltas e nos faz condenar e recriminar as imperfeições do próximo.

Com o tempo, convivendo com o nosso companheiro, perceberemos cada um dos seus defeitos. Um dia, tudo aquilo que não queríamos enxergar no início do relacionamento virá à tona, então, seremos obrigados a compreender que a perfeição vislumbrada por nós nunca existiu. Para aqueles que criam expectativas em torno das primeiras impressões que tiveram sobre o parceiro, esse processo pode ser muito doloroso e, em alguns casos, leva ao término de um relacionamento.

Precisamos ter uma visão crítica até mesmo diante das novidades que tanto nos fascinam. Devemos enxergar além do que nos agrada e perceber a verdadeira realidade. Além disso, para entender as necessidades do outro e para que possamos ter bons relacionamentos, necessitamos de sensibilidade, pois

nosso parceiro não se sentirá feliz, se apenas nos fornecer carinho, atenção, compreensão e não receber nada em troca disso. (ALUNO B)

Quem as pessoas são de fato?

A primeira impressão é a que fica. Será? Às vezes ela não tem nenhuma semelhança com a verdadeira realidade de determinadas coisas. Essa, geralmente traz uma idéia de perfeição e, quando isso acontece, ela é falsa.

Isso está ligado a muitos seres humanos. Eles próprios criam uma máscara de um ser perfeito, que não existe. Criar essa imagem e mostrá-la aos outros é uma atitude frustrante e decepciona aqueles que conhecem a verdadeira personalidade desse ser.

Muitos indivíduos não conseguem perceber as qualidades alheias por seus próprios defeitos. Aqueles que não percebem ou reconhecem suas qualidades não são capazes de reconhecer as qualidades dos outros. Às vezes depositam uma responsabilidade de perfeição nos outros, por suas próprias imperfeições. Assim, a sua vida se torna frustrante, infeliz, já que esses não conseguem perceber nada de bom, nada supre suas expectativas. Eles vão perdendo oportunidades, os momentos de felicidade jamais são tão bons quanto deveriam ser, ou seja, só conseguem ver o lado negativo das coisas e desse modo acabam deixando a vida passar.

O maior desafio é não usar máscaras, não tentar transmitir uma imagem de perfeição, porque ninguém é perfeito. E mais, cedo ou tarde todos aqueles que acreditam nessa imagem vão perceber que ela não passa de uma máscara que tenta esconder os defeitos de cada um. O ideal seria que as pessoas não tivessem medo, vergonha ou até mesmo insegurança, para assumirem o que verdadeiramente são. (ALUNO C)

Um sentimento que vale a pena

A felicidade, ao contrário do que muitos pensam, não é algo que se compre. Não está em algo material ou em algo concreto em geral. É um sentimento que deve partir de nós mesmos, e envolve uma porção de fatores como, família, amigos, satisfação pessoal, dentre tantos outros. Por isso, é necessário que reconheçamos e aprendamos a superar nossos defeitos, para que possamos nos relacionar melhor com outras pessoas.

Sermos ou não felizes é algo que só depende de nós. A sensação de alegria é algo inexplicável; sobrepõe todas as chateações que possam nos ocorrer em determinadas situações. Para que possamos atingir este estado de ânimo, devemos obter um amplo conhecimento sobre nossas ações, ou melhor, devemos conhecer-nos inteiramente, de forma que possamos aprender um pouco mais sobre nossas fraquezas, limites, ...

Os relacionamentos com outras pessoas, sejam eles como forem, devem ter por base o respeito, e a aceitação de qualidades e defeitos recíprocos, isso nos torna mais sociáveis. Formar um novo relacionamento exige nossa melhor faceta, pois a primeira impressão é a que permanece. As amizades são muito importantes em nossas vidas, e apenas as verdadeiras é que devem ser cultivadas, de forma que tenhamos com quem compartilhar momentos de alegria e tristeza.

A felicidade, pode-se dizer, leva-nos a um outro patamar de nossas vidas, patamar este que nos proporciona uma melhor chance de obtermos sucesso emocional e profissional. Nosso futuro depende do que fazemos a partir de já, colhemos o que plantamos, por isto semeamos coisas boas, para que assim a felicidade bata à nossa porta. (ALUNO G)

Pensar no que realmente é importante

As pessoas têm muita facilidade em se apegar a futilidades, novidades, como se os bens materiais lhes trouxessem felicidade. Elas esquecem que a felicidade depende delas mesmas e não do que se pode adquirir, é como se elas pensassem que os bens pudessem substituir seus sentimentos. Esquecem-se de que pensar sobre o que de fato é importante e proporciona a verdadeira felicidade.

Muitas vezes as pessoas sentem necessidade de se apegarem a bens materiais, pois julgam que sem eles não conseguirão se sentir contentes. Ter bens materiais é bom mas não é a isso que elas devem atribuir toda sua atenção. Se não se sentem felizes do jeito que suas vidas são, o mais certo seria que elas mudassem seus hábitos, buscando novas experiências, saindo assim da monotonia ou vazio que as aborrece.

Devem dar prioridade a momentos alegres que passam com aqueles que gostam, prestando atenção em pequenos momentos e que só depende das pessoas ver ou não felicidade ali. Quando se está admirado demais com certas futilidades, não percebem e nem dão importância às pessoas que estão ao seu redor. Não enxergam nas pequenas coisas da vida, que fazem toda a diferença quando são bem aproveitadas, a oportunidade de naquele momento encontrarem uma verdadeira alegria.

As pessoas devem buscar mais a sua felicidade, nos momentos que são realmente importantes e façam a diferença. Depois pode ser tarde demais, e não poderão voltar atrás, depois de descobrirem que viveram sua vida toda em torno e admirados por algo que não lhes trouxe a felicidade que queriam de verdade. O vazio que ficou raramente poderá ser amenizado. (ALUNO J)

A busca pelo novo

Todos nós, seres humanos, estamos sempre na busca pelo novo. Precisamos dessa busca não só para não transformarmos nossas vidas em um tédio, mas principalmente porque vivemos numa sociedade que se preocupa demasiadamente em vencer, em multiplicar. Há pessoas que já se acostumaram tanto em viver em torno dessa busca, que, quanto mais têm, mais querem ter, perdendo com isso valores pessoais que um dia acreditaram ser importantes, mas que hoje são deixados de lado.

Até que ponto devemos ir em busca do que não conhecemos é o que nos leva a perguntar o que buscamos para a nossa vida? Quem somos, afinal? Por que buscamos? Talvez essa seja a grande incerteza das nossas vidas. Movemos a nossa existência em busca de coisas que muitas vezes nem sabemos se realmente as desejamos. Se conseguirmos entender isso, com certeza olharemos para a vida com maior clareza, com maior determinação e menos ingenuidade, menos ilusão sobre o que se passa conosco.

As pessoas estão deixando de acreditar em si próprias, não sabendo o que as satisfaz, deixando tudo e todos as influenciarem. Parece que a cada dia estamos encontrando nas coisas que se apresentam ao nosso redor um suporte para a vida, como se nos faltasse a segurança para seguirmos a vida de uma maneira mais consciente do que queremos. O novo é sim sempre bem vindo, mas não podemos perder a noção de quais são os nossos reais objetivos e estes devem sempre ser analisados por nós, para termos a certeza se eles são necessários em nossa vida. Às vezes, a novidade é simplesmente um engano, uma armadilha de alguém para obter lucro e vantagens sobre nós.

Talvez seja mais fácil para as pessoas acreditarem no que elas não conhecem. A valorização do desconhecido talvez seja por curiosidade, mas a confiança que damos às pessoas ou às coisas é algo que só existe quando sabemos com quem ou o que estamos lidando. E isso vem com o tempo, pois é a vida que nos ensina a confiar em quem realmente merece. (ALUNO K)

O valor de nossas decisões

Da convivência com as mais variadas personalidades e diversas situações, absorvemos o que realmente nos importa, impressiona, nos ensina. Mas muitas vezes nos apegamos àquilo ou àqueles que nunca terão um real sentido para nós, que somente nos transmitem curiosidade, indagação, deixando-nos a desejar sobre o que provocara tanto interesse.

Exemplos comuns entre as pessoas que mergulham no desconhecido deixando a realidade para trás são aquelas que se dedicam aos vícios, como os jogos on-line, bate-papos dia e noite na internet. O alvo desse tipo de problema já não se trata mais só dos jovens, mas também de pessoas adultas, que completamente se desligam de sua vida social e pessoal para dedicar-se a uma imitação de vida, sem o mínimo de coerência. Entre a maior parte dos jovens, as piores consequências dessa atitude são o baixo rendimento escolar, a dificuldade de conviver com a família e os amigos fora desse ambiente, o vazio que fica em suas vidas devido à falta de vivenciar as situações do dia-a-dia, de crescer com as vitórias e fracassos de suas próprias atitudes.

Muitos dedicam-se a conviver somente com aqueles que mantêm o seu mesmo hábito de vida, sem importar-se com o que ou quem existe fora disso. Isso faz com que o desconhecido torne-se o seu melhor amigo, mesmo não sabendo o que se passa do outro lado da tela. Resta saber o que será feito dessas pessoas, sem nenhuma idéia de como reagir ao contato físico, às adversidades de quem está ao seu lado.

O sentido da vida não deve resumir-se apenas na busca pelo curioso, o duvidoso. Devemos dedicar-nos a valorizar quem está conosco e tudo o que temos ao nosso alcance, afinal, nada somos se não tivermos um ao outro, em quem confiar e compartilhar nossa vida. (ALUNO R)

O que realmente queremos

Além de tudo o que conhecemos e temos contato em nosso dia-a-dia, existem momentos em que nos deparamos com dúvidas sobre algo desconhecido e curioso. Tal situação nos remete a um desafio – conhecer o novo – movidos por nossa curiosidade.

Vivemos em constante procura por novas realizações, empreendimentos e conquistas que nos tragam algum reconhecimento social ou pessoal. Em meio a oportunidades de crescimento e obtenção daquilo que almejamos, por muitas vezes nos deparamos com questionamentos sobre o que realmente buscamos e o porquê dessa busca. Diante disso, acabamos sendo dominados por dúvidas que podem ser inexplicáveis, mas despertam nossa atenção e curiosidade.

Nossos questionamentos podem ser provenientes da falta de discernimento ou ato impulsivo perante uma atitude a ser tomada, mas trazem consigo confusões e fazem com que não saibamos ao certo o motivo pelo qual existem. Quando isso ocorre, devemos reavaliar nossa maneira de agir e pensar, bem como perceber a importância de fazê-lo. No momento em que nos deixamos levar por opiniões alheias ou agimos sem prévia reflexão das consequências, também permitimos que indagações sobre o que é importante para nós, nossos planos, metas e objetivos surjam como obstáculos para atingirmos nossos objetivos.

Portanto, devemos assumir o controle sobre nossas atitudes e pensamentos. Reflexão prévia a respeito de qualquer ato evita que dúvidas apareçam e tornem-se algo negativo em nossas vidas. (ALUNO X)

A MOCA TECELÃ

A vida é um sonho

Os sonhos perseguem o homem desde sua origem e têm como sua essência uns dos elementos fundamentais que os distinguem dos outros animais: a capacidade de criar, imaginar, desejar algo para si e para o próximo.

Por trás da construção das pirâmides egípcias, da invenção do telefone, do automóvel ou do avião, temos o sonho, seja ele da imortalidade, da superação da distância, seja na comunicação ou no transporte; enfim, sonhos, desejos, que ganharam forma e alteraram para sempre nossas vidas.

Contudo, os sonhos não ficam restritos aos grandes homens ou feitos; fazem parte de todos nós. Cada vez que alguém planeja uma viagem de férias, presta um vestibular, se prepara para um casamento, está fazendo renascer essa antiga manifestação humana, que, por sua vez, os impulsiona para o desconhecido, para a glória ou à frustração, sempre fazendo parte da construção de nosso futuro.

A capacidade de sonhar está presente em todas as pessoas; mesmo aquelas que pensam em nada mais almejar para si, ainda desejam algo, mesmo que seja continuar vivas, mantendo a fogueira dos sonhos acesa em suas almas.

Por tudo isso, podemos dizer que a vida, sim, é um sonho, pois ele faz parte de nós de maneira indissociável, ajudando a superar os obstáculos que surgem em nossa jornada, tornando-a mais leve e feliz. No dia em que a humanidade deixar de sonhar metade de sua grandeza terá deixado de existir, sem dúvida alguma. (ALUNO A)

Riqueza não é sinônimo de felicidade

Podemos ser felizes mesmo não tendo riquezas materiais, pois a felicidade pode ser encontrada em pequenos gestos, como um beijo, um abraço. Aliás, coisas que o dinheiro não compra podem gerar alegrias maiores do que geram as que compramos com ele. Mas algumas pessoas discordam disso e fazem de tudo para adquirir fortunas, pensando que elas proporcionarão felicidade.

A ambição de certas pessoas as conduz a quererem sempre mais do que já possuem, visto que nunca lhes é suficiente apenas aquilo que têm. Buscando sempre fortunas maiores, os ambiciosos esquecem-se de coisas importantes como amizade, carinho, amor. Eles podem alcançar bens materiais com os quais sonhavam, mas se faltar-lhes beijos, abraços, carícias, boas risadas, esses não serão realmente felizes. Alguns, ao perceberem que perderam muitos momentos que jamais voltarão, arrependem-se da postura que tiveram durante parte de suas vidas, outros, no entanto, passam a vida toda deslumbrados pelo dinheiro.

Ao contrário do que pensam alguns, é perfeitamente possível ter felicidade mesmo se não tivermos grande poder aquisitivo. Pessoas que amam e são amadas, que têm muitos amigos, que têm família e valorizam o que possuem podem ser muito mais felizes do que milionários, que, mesmo querendo, jamais poderão comprar essas coisas simples, mas de valor incalculável.

Sim, precisamos de dinheiro, afinal, temos necessidades como alimentação, vestuário, transporte. Mas essa riqueza não é tudo na vida, e coisas supérfluas não podem ser postas à frente de valores não materiais tão importantes. Precisamos de dinheiro para nosso sustento e devemos trabalhar para consegui-lo, mas não podemos nos deixar enganar e iludir por ele e nem mesmo pensar que ele pode ser o principal responsável por nossa felicidade. (ALUNO B)

A sociedade realmente influencia na felicidade das pessoas?

Hoje em dia sociedade está muito presente na vida dos seres humanos. E ela impõe padrões como família, filhos, etc. Porém, existem pessoas que não vivem a vida em torno disso, e mesmo assim são felizes. Família, casa, filhos podem trazer felicidade a muitas pessoas, mas não a todas.

É muito comum, por exemplo, as mulheres serem independentes, terem seu trabalho, sua própria casa, sem precisar de outra pessoa. Entretanto, ainda existem mulheres que preferem ficar em casa, cuidar do marido e dos filhos. Tudo isso depende do ponto de vista de cada um.

Muitas vezes, as pessoas são influenciadas por algo ou alguém a mudar seu modo de vida, pois ele está fora do que a sociedade acredita ser o correto. A partir dessa influência, as pessoas mudam sua vida e muitas vezes se tornam frustradas e infelizes. E, só assim, aprendem a valorizar a sua “errada” maneira de viver.

Seria interessante tentar conciliar família e trabalho sem se importar com padrões. A felicidade não está em viver bem para os outros e sim para si mesmo. E o que pode representar felicidade para alguns, pode não representar para outros. O importante é viver bem consigo mesmo, pois geralmente aquela “vidinha medíocre” julgada pelos outros, é a melhor que as pessoas podem ter. (ALUNO C)

O recomeço

A vida é feita de erros e atropelos, o bom depois de tudo isso é recomeçar. O recomeço para muitos é algo quase que improvável, e para outros é algo corriqueiro. O desenrolar de nossas vidas é que nos mostra o que deve ou não ser feito. As más escolhas são perfeitamente normais em nosso dia-a-dia, mas temos de saber como lidar com elas.

Não podemos nos prender ao que julgamos uma vida estável, se ela nos faz infelizes. O medo que temos de jogar tudo para o alto e arriscar uma melhor forma de viver é natural, mas não devemos deixar que este nos controle. A visão da sociedade sobre o que é correto que muitas vezes difere das nossas concepções não deve abalar-nos. Cada um de nós vivemos e pensamos da forma que nos é conveniente, ou, pelo menos, deveríamos. Recomeçar diante não de apenas de algo que julgamos não estar certo, mas diante de qualquer situação, é uma atitude proveniente de nós mesmos, afinal cada indivíduo possui sua forma de viver, sua identidade, não cabe a outros interferir em qualquer que seja a decisão tomada por este.

A felicidade muitas vezes pode estar mais perto do que parece. O que muitas vezes pensamos que é felicidade é apenas uma ilusão, algo que nem mesmo queríamos mas que de um certo modo fomos “forçados” a adquirir em nossas vidas, como um objeto qualquer. Simples atos, como um abraço, um afago, pode nos proporcionar muitos dos melhores momentos de nossas vidas. Por isso, aproveitemos nossas vidas, não deixemos bobagens, ilusões estragarem nosso bem mais precioso.

O que é preciso para que possamos entender que a vida é curta e que devemos aproveitar o máximo possível? Não temos tempo a perder com tolices, o quanto mais cedo abriremos nossos olhos melhor, afinal, nunca é tarde para recomeçar. (ALUNO G)

A busca pela liberdade

Na atual sociedade, a mulher busca seu espaço e sua liberdade. Por isso, muitas vezes, opta por não constituir uma família, porém, quando a tem, consegue conciliá-la com outras atividades, como o trabalho fora de casa em busca de menos dependência do marido. Cada vez mais as mulheres estão buscando a felicidade fora do casamento.

Muitas mulheres acabam se cansando, e depois de um certo tempo percebem que essa vida não as faz feliz. Porém, poucas têm coragem de se libertar dessa posição e buscar outro caminho e acabam se acomodando com essa vida, fazendo de conta que isso ainda as faz feliz e que esse é seu lugar.

A maioria das pessoas ainda não entende por que certas mulheres escolhem não ter uma família, ou pelo menos uma convencional com maridos e filhos. A verdade, no entanto, é que cada pessoa é diferente e cada uma tem pensamentos e metas diferentes. Para certas pessoas a solidão, a de morar sozinha, não é ruim, ao contrário, se sentem melhor.

Sem dúvida as mulheres hoje estão com mais determinação para buscar o que querem. A mudança e as escolhas feitas em busca da felicidade que as completem estão ultimamente mais presentes nas suas vidas, muitas vezes abrindo mão de uma família. (ALUNO J)

Os outros em nossos sonhos

Todos nós sonhamos com uma vida melhor, fazemos planos para o futuro, e nossas ambições podem até parecer-nos impossíveis, mas devemos estar atentos quando as oportunidades aparecem, pois temos o direito de realizar nossas vontades. Só que não podemos esquecer que não vivemos sozinhos no mundo, precisamos uns dos outros. Fica difícil imaginar como seria se não tivéssemos com quem contar em uma hora triste ou com quem contar para dividir as alegrias.

Sonhar é o que nos dá ânimo e motivação para enfrentarmos obstáculos diários, mas, na busca incessante pela realização dos nossos desejos, vivemos no mundo real e é preciso que tenhamos iniciativa e força de vontade para que as coisas aconteçam, pois muitas vezes nossos desejos nos guiam para caminhos desconhecidos e podemos virar presas fáceis da maldade de outras pessoas. O desejo de mudar, de conquistar pode levar as pessoas a uma ganância desmedida, em que o importante para a vida é o que as pessoas têm e não o que são verdadeiramente. E para essa conquista material, vale tudo para conseguir destaque. Por isso, estarmos atentos ao que ocorre ao nosso redor, assim como lutarmos para conseguir aquilo que queremos é fundamental para que o sucesso chegue até nós, sem nos sentirmos frustrados, amargurados e desencantados pela vida.

Nessa busca pela realização de nossos sonhos, há sempre a presença daquelas pessoas que fazem parte na nossa vida e isso não pode ser esquecido por nós. São essas pessoas que nos acompanham na concretização do que queremos. Elas são, muitas vezes, a razão para as nossas buscas, pois sem a presença delas em nossas vidas não teriam valor determinadas conquistas. Nessa relação, a consciência de que não temos o direito de intervir nos sonhos dos outros, por mais simples que eles sejam, representa a certeza de atingirmos os nossos objetivos com dignidade e humanismo. Afinal, ninguém está livre de cometer um erro, mas o importante é tomar atitudes que possam minimizar seu efeito, já que não podemos voltar no tempo.

Então, devemos tirar de tudo isso uma lição, um aprendizado que servirá para nosso crescimento e para nos tornarmos uma pessoa melhor, mais responsável em nossas decisões e gestos, mais realizada e feliz, podendo aproveitar ainda mais o que a vida nos oferece. A vida nos oferece momentos que não devem ser desperdiçados e a capacidade de sonhar de cada um de nós é o que irá medir a grandeza nas nossas realizações, mas isso nunca se dá intensamente se não considerarmos a presença do outro em nossas vidas. (ALUNO K)

Para recomeçar, é preciso motivação

Medo. Palavra obscura e assustadora que, querendo ou não, vai estar sempre caminhando ao nosso lado. É capaz de nos deixar solitários, infelizes e deprimidos. Entretanto, o ser humano, com seus mais dignos modos de superar qualquer coisa, ganha outra batalha, ou seja, some o medo, e surge a coragem.

A solidão começa a perder posição em nossas vidas quando convivemos com outras pessoas e a partir daí a alegria também começa a se mostrar. Porém, obter tudo o que achávamos que fosse nos fazer feliz pode nem sempre acabar bem. Ao término de todos os nossos sonhos e ideais de felicidade, poderemos enxergar se realmente valeu a pena ou não ter lutado pela concretização dos mesmos e se isso realmente nos fará felizes.

Caso algo venha a dar errado e o recomeço se fizer necessário, devemos recomeçar. Então, o medo surge novamente, deixando-nos abalados, acomodados. Neste momento precisamos ser fortes, lutar contra esse medo e ir em busca do nosso ideal.

Nem todos nós conseguimos seguir e nos acomodamos por fraqueza e por medo de que nunca mais possamos ser felizes e isto tanto pode levar algumas pessoas à desmotivação, quanto à motivação. Então, para quem está realmente disposto a obter uma nova chance de ser feliz, volta a capacidade de vencer desafios. É aí que podemos diferenciar uma pessoa de outra, transmitindo aos demais o valor da superação. (ALUNO S)

Divergências naturais

Somos, desde crianças, cobrados em relação às nossas atitudes. Tudo segue um certo padrão e quem não o acompanha é mal visto pelo resto da sociedade. Comportamentos e estilos de vida diferentes do convencional não são bem aceitos e quem arrisca nadar contra a correnteza geralmente sofre algumas consequências.

A humanidade como um todo julga os outros a todo o momento e tende a considerar errado tudo o que é muito diferente da sua realidade. A dificuldade em aceitar as diferenças muitas vezes é enorme. Talvez por questões culturais, talvez por falta de conhecimento ocorrem muitos atos de repúdio contra quem é diferente. Algumas vezes só por vestir certa roupa ou por estar em certo lugar uma pessoa pode ser estigmatizada e sofrer alguma represália.

Pensar que só por ser diferente alguém é ruim é uma atitude burra e isso só faz aumentar a distância e as diferenças entre as pessoas. As divergências são naturais e podemos aprender muito com elas mas, se não der para aprender devemos, no mínimo, aceitar e conviver com elas sem julgamentos nem atitudes preconceituosas. (ALUNO T)

CLÍNICA DE REPOUSO

Falta de diálogo gera solidão

Sabemos que o diálogo é o responsável por manter vivas as relações humanas. Portanto, quando falta conversa – mecanismo utilizado para troca de idéias e informações – em um relacionamento, este tem grande chance de fracassar, e, se isso realmente acontecer, aqueles que um dia protagonizaram a relação poderão sentirem-se sós por não terem com quem compartilhar suas alegrias e lamentos.

É por meio do diálogo que expressamos o que pensamos e sentimos, e é justamente por isso que ele é tão importante. Em um relacionamento, precisamos dialogar para demonstrar idéias e sentimentos a fim de compreender o parceiro e nos fazermos compreender por ele. Por isso, quando falta esse intercâmbio de idéias, deixa de existir também compreensão. Devido a essa carência, alguns relacionamentos acabam e os relacionados acabam sós.

As principais causas da solidão são não compreender e não ser compreendido. Quando não somos compreendidos por outras pessoas, acabamos, mesmo que involuntariamente, afastando-nos delas. O mesmo ocorre quando não compreendemos alguém. Esses afastamentos podem nos prejudicar se nos levarem ao isolamento. Ao nos isolarmos, passamos a ter uma vida solitária, deixamos de compartilhar o que pensamos e sentimos, perdemos o sentimento de convívio social.

Para tornarmos melhores as relações tão necessárias à nossa evolução, precisamos fazer alguns esforços. Quando não estamos compreendendo alguém, devemos ter mais paciência com a mesma ao invés de simplesmente nos distanciarmos dela. É importante aperfeiçoarmos nossa linguagem para que através do diálogo, nos façamos compreender. Não devemos jamais deixar de dialogar, pois a conversação é um excelente meio para recebermos novas informações e idéias, além de ser remédio contra a tão temida solidão. (ALUNO B)

(SEM TÍTULO)

Atualmente vive-se em um mundo formado por pessoas que nem sempre são confiáveis. Elas passam a vida toda – ou parte da vida – escondendo o que são. E, quando expõem o seu verdadeiro interior, acabam surpreendendo a todos. Mas nem sempre essa surpresa é boa. Isso tudo depende da personalidade – até então desconhecida – dessas pessoas.

Muitas pessoas confiam cegamente em suas famosas “melhores amizades” – nem sempre são tão boas amizades – então de repente acabam conhecendo-as verdadeiramente, e isso pode ser muito desagradável. Gera sofrimento, raiva e até mesmo mágoa. É tão doloroso confiar cegamente em alguém e então descobrir o quão mau essa pessoa é.

Entretanto, há também as surpresas boas, ou seja, as pessoas que aparecem do nada para ajudar. E é tão bonito descobrir um amigo em quem se menos espera. Isso ocorre geralmente quando as pessoas estão tristes, frustrados, precisando de apoio, então simplesmente aparecem seres humanos bons, dispostos a tudo para ajudar.

É necessário ser o mais transparente possível para não tentar frustrar ninguém. E procurar aceitar os amigos e aquelas pessoas “confiáveis”. Porque assim como existem pessoas boas e bem intencionadas, existem pessoas ruins, dissimuladas e prontas para pisar em alguém. (ALUNO C)

A crise

O mundo está doente. Não apenas de problemas ambientais, mas é algo tão sério quanto. Falta-lhe moral. A crise que estamos vivenciando chega de maneira devastadora a todos os cantos. O que fazer a respeito? Rever os valores da sociedade? Difícil, mas poderia funcionar. Um mundo onde há aqueles que

estão no máximo conforto enquanto que outros não possuem do que se alimentar é digno de pena, mas mais pena daqueles que assistem todas as atrocidades e não fazem absolutamente nada. Vivemos uma realidade individualista, e isto é muito triste, pois as pessoas que nos rodeiam e que amamos na maioria das vezes não recebem ao menos um pouco de nossa preocupação. Estamos em um lugar onde não nos conhecemos, não temos pleno conhecimento sobre a vida de qualquer pessoa, seja pertencente de nossa convivência ou não.

A crise é tão transparente, que todos nós já temos conhecimento dela, o que falta-nos é adotarmos medidas a fim de combatê-la. O fato é que temos que encarar esta realidade de frente, a fuga não é melhor solução.

A união faz a força. Se nos unirmos será muito mais fácil de dissolver o problema. Devemos ter consciência de que se o mundo continuar do jeito que está será quase que improvável tentarmos resolver algo mais tarde. Por isso sejamos menos individualistas, e pensemos um pouco mais em nossos semelhantes, afinal, que o mundo queremos deixar a nossos descendentes. (ALUNO G)

Descobertas e decepções

Hoje em dia, encontrar pessoas de bom caráter está cada vez mais difícil, o que faz com que, infelizmente, estejamos sempre desconfiados uns com os outros. Isso acontece porque, mesmo as pessoas que convivem conosco há algum tempo e que pensamos que as conhecemos, várias vezes nos decepcionam e surpreendem com certas atitudes que não esperávamos delas.

Muitas pessoas, por não conseguirem confiar nas outras, acabam se isolando, pois têm medo de se decepcionar. E essa opção pelo afastamento ocorre porque as pessoas, quando sofrem decepções em suas vidas com pessoas as quais não corresponderam a suas expectativas e à confiança, ficaram com medo de se decepcionar de novo e de confiar nas pessoas erradas novamente.

Por mais triste que seja, em algum momento da vida, podemos encontrar em que menos esperamos a ingratidão, a traição ou a falsidade. Mas viver desconfiado daí para frente não é a solução, pois isso pode prejudicar mais nossas relações com as pessoas e a nós mesmos. Afinal, também podemos receber ajuda de quem menos esperamos, em momentos difíceis.

Confiarmos cegamente em qualquer pessoa ou vivermos sempre desconfiados não é o certo, o bom é manter um meio termo. Mas há sim pessoas especiais para nós, e para estas devemos dar votos de confiança, e, mesmo que um dia alguém mostre que não mereça essa confiança, não devemos desistir de achar as pessoas que realmente mereçam isso. Devemos sempre lembrar que, por mais que tenhamos convivido e gostemos de determinadas pessoas, elas também têm defeitos como nós. (J)

O verdadeiro valor das pessoas

É lamentável que muitas pessoas sejam avaliadas ou julgadas pelo quão úteis possam ser. Grandes relações podem ser simplesmente grandes privilégios na vida, ou seja, muitas pessoas se aproximam de outras só por conveniência. Mas, afinal, o valor das pessoas está no que elas fazem por outras?

No nosso dia-a-dia, encontramos pessoas muito próximas a nós que nos fazem ver à frente, nos valorizam; outras, no entanto, buscam tirar a nossa frente, não se importando com a nossa vida. Estas poderiam ser chamadas de ingratas, pois pensar que aqueles que nos rodeiam são importantes apenas quando precisamos deles, esquecendo-nos de que um dia eles poderão não mais estar conosco, é uma forma egoísta e cruel de ser e viver.

A ingratidão é um dos maiores defeitos do ser humano e tem o poder de destruir relacionamentos e amizades. Ela existe porque as pessoas não compartilham a vida com os outros, nem dentro de casa, nem fora dela. Não enxergam que a necessidade do outro poderia ser a sua. Mas por que agem assim? Talvez por indiferença ou por não pensarem que a vida de todos poderia ser melhor se soubessem agradecer pelo que lhes fazem, valorizando o outro naquilo que ele faz. Infelizmente muitas pessoas na sociedade

atingem um determinado prestígio social, financeiro e acabam se esquecendo da família, dos amigos, acabam até abandonando aqueles que um dia amaram.

Apesar disso, ainda que seja raro, existem pessoas com princípios admiráveis, que são capazes de gostar de outras sem esperar nada em troca, que sabem que uma relação não pode – e nem deve – ser medida pelo tamanho de favores que duas pessoas já trocaram e sim pelas experiências, pelo companheirismo e, mais importante, pelo que uma pessoa representa à outra. Enfim, se não é comum vermos pessoas reconhecerem o que os outros fazem, é necessário reavaliar conceitos de convivência, para percebermos o real valor das pessoas em nossa vida. (ALUNO K)

Nossas escolhas dirão para onde iremos

Desde pequenos, temos como espelho nossos pais, eles nos ensinaram o certo e o errado, os princípios que temos, a maneira como agimos, o jeito que somos e é a partir destes bons ou maus costumes herdados que faremos nossas escolhas, amizades, vínculos afetivos. Sempre aprendemos que as boas maneiras são fundamentais, principalmente na hora de tratar com as pessoas, afinal, devemos tratá-los como gostaríamos de ser tratados como gostaríamos de ser tratados, sempre respeitando as diferenças.

Em qualquer relação, o respeito é fundamental, tanto que, se desrespeitarmos alguém ou alguma regra, dificilmente nos tratarão com respeito e também não poderemos exigir esse respeito. Portanto, as pessoas que estão ao nosso redor e que dizem nos amar, devem ser tratados da melhor forma possível, porque provavelmente serão estas pessoas que vão estar sempre ao nosso lado, amparando-nos nas horas difíceis ou compartilhando alegrias. E com certeza, sempre seremos gratos por estes gestos.

A gratidão é um gesto recompensador, pois agradecer e ser grato por aqueles que nos ajudam da maneira que for possível, zelando pelo nosso bem, é o melhor a ser feito.

A solidão é deprimente e é construída pelos nossos atos, pelos nossos princípios aprendidos lá atrás com nossos pais. As nossas escolhas dirão para onde iremos e cabe a nós atrair ou afastar a solidão. Uma pessoa sozinha se torna amarga, sem amor próprio, contraindo todos os seus sentimentos, porque não há alguém com quem possa compartilhar as angústias, extravasar as alegrias e, por isso, se fecha num mundo só seu e sua vida se torna vazia e sem sentido. (ALUNO L)

O que verdadeiramente somos

Não somos nada tendo somente bens materiais e financeiros em nossa vida, só nos tornamos pessoas satisfeitas, realizadas, tendo com quem compartilhar nossos anseios, nossos objetivos, os mais simples pensamentos. Essas pessoas não precisam ser as mais ricas do mundo, possuírem troféus, medalhas, apenas precisamos que elas se importem conosco.

O zelo, o carinho que recebemos faz nossa auto-estima crescer, tornamo-nos mais autoconfiantes quando há alguém que acredita em nosso potencial. Mas, mesmo que todo esse cuidado seja para o bem, precisamos de liberdade para pensar, agir; muitas vezes, quando erramos, somente nós mesmos podemos consertar o que foi feito. É necessário sim termos com quem compartilhar nossas vitórias, nossas perdas, mas devemos lembrar que um dia poderemos não ter com quem contar, precisamos estar preparados para tropeçar e levantar sozinhos, enxergarmos nossos próprios erros sem que os outros tenham que nos mostrar onde estamos errados.

Geralmente, o primeiro contato social que temos é com a família (pais, irmãos, avós) e da convivência com eles adquirimos nossas primeiras lições de vida, de caráter. O mundo externo vem logo depois, com os vizinhos, a escola, toda uma sociedade composta por vários ideais, conceitos e preconceitos, em algum momento percebemos que é preciso tomarmos um lado, defendermos algo, julgarmos. O que foi trazido de casa deve agora ser posto em prática, sabemos que haverá alguém

torcendo pelo nosso sucesso, mas somos nós mesmos, sozinhos, que temos que traçar o caminho para alcançá-lo.

A importância das pessoas em nossa vida sempre deve ser lembrada com respeito. As experiências, ensinamentos que adquirimos ao longo da vida são o resultado de que sempre haverá com quem aprender e compartilhar, mesmo que distantes, ausentes, pessoas importantes jamais deixam de existir dentro de nós. (ALUNO R)

A busca da compreensão

Situações banais, diversas em nosso cotidiano, presenciamos a todo momento. Algumas delas nos remetem a sentimentos de revolta, insatisfação ou imparcialidade ao enfrentá-las, mas o pior disso tudo, quando tal fato merece uma atenção especial, é sermos indiferentes diante dele.

Movidas apenas por interesses, pessoas se valem de um poder de manobrar as demais para assim obterem o que desejam, dessa forma acabam revelando o que realmente são. Aceitar possíveis injustiças que podem ser cometidas ou se omitir diante de situações críticas são atos que refletem os verdadeiros princípios de caráter de quem busca um bem-estar pessoal sem pensar em suas consequências. Um exemplo, trazido pelo conto Clínica de Repouso, é o descaso com idosos, que acaba revelando-nos outros problemas sofridos por estas pessoas.

Existe um momento na vida em que se faz necessária uma constante atenção e dedicação àqueles que viveram em prol de seus filhos e, buscando apenas o melhor para estes, acabam sendo incompreendidos. Colocados em asilos mal preparados e sem a assistência necessária, os idosos ficam sujeitos a situações desagradáveis e até mesmo humilhações. O agravante maior é a solidão trazida pelo descaso dos filhos ou responsáveis, que acaba gerando um sentimento de abandono a quem merece conforto e descanso nessa fase da vida.

Portanto, devemos estar alerta a fim de evitar possíveis atitudes aproveitadoras de quem está ao nosso redor. Agindo dessa forma, evitaremos que algo negativo e prejudicial venha nos acontecer. (ALUNO X)

O ENFERMEIRO

(SEM TÍTULO)

Desde a antiguidade o dinheiro exerce um enorme poder sobre o ser humano. Guerras, crimes, enfim, as maiores atrocidades foram cometidas em seu nome.

Esse fascínio não foi nem é causado sem motivo, o dinheiro é um dos mais poderosos elementos da sociedade moderna, o único elemento capaz de promover uma verdadeira ascensão em nosso meio.

Com ele, o mais pobre mendigo adquire conforto, moradia, bem-estar; a mais paupérrima causa adquire ares de um fino palácio. Ao seu toque, o feio se torna belo, o triste, alegre.

Entretanto o poder de transformação do dinheiro mostra sua verdadeira força no ser humano, sobretudo na atualidade. A sede por poder e dinheiro, que é alimentada pelo consumismo e a futilidade, reinantes em nosso planeta, tem provocado a destruição do próprio homem. Pelo “vil metal”, mata-se, rouba-se, troca-se amizade, honestidade, amor, fraternidade, caráter, lealdade, família, tudo em uma busca cega e vazia, que se dá conforto material, arranca a essência de nós mesmos, deixando um corpo sem sentimento verdadeiros ou a capacidade real de amar ou ser feliz.

O dinheiro, sem dúvida, apresenta um poder enorme de transformação, seja para o bem ou para o mal. Contudo, a única forma de se tentar construir um mundo melhor é optar pela primeira escolha, trocar o prazer que o dinheiro pode proporcionar pelo verdadeiro prazer que o bem pode oferecer. (ALUNO A)

As aparências enganam

Nem tudo o que se parece é. Mas, mesmo sabendo disso, certas pessoas insistem em fazer julgamentos precipitados sem ter conhecimento de causa. Por possuírem conceitos equivocados, esses espectadores, seguidas vezes, fazem dos vilões os mocinhos e vice-versa.

Por estarem a par de apenas parte de assuntos geralmente polêmicos, é comum que, aqueles que assistem a esses acontecimentos, elaborem conceitos e determinem quem tem e quem não tem razão de forma equivocada. Assim, precipitadamente, tomam partido, discriminam sem sequer ter a intenção de conhecer realmente os fatos e os indivíduos relacionados.

Os conceitos errôneos dos espectadores também podem ser formados a partir de mentiras contadas por quem vive a situação em questão. Por envergonharem-se dos atos que não são bem vistos pela sociedade, frequentemente, malfeitores passam-se por vítimas, enganando aqueles que lhes assistem. Dissimuladamente, esses malfeitores escondem os fatos que por ventura possam prejudicar-lhes e apresentam apenas aquilo que possa justificar sua atitude e manter intacta sua imagem. Às vezes, ingenuamente, os espectadores acreditam nessa farsa e fazem dela verdade, defendendo-a.

Não devemos defender ou recriminar algo ou alguém sem termos informações concretas, conhecimentos que sejam suficientes para tal. Precisamos ter a certeza de que não estamos sendo injustos, pois, ao contrário, nossa atitude poderá prejudicar alguém. Condenar ou inocentar alguém é tarefa muito complexa, que, muitas vezes, não cabe a nós. Mas, se precisarmos executá-la, necessitaremos de cautela e bom senso, pois, as aparências enganam. (ALUNO B)

Tentar livrar-se da culpa ou assumir um erro?

Atualmente, os jovens agem muito por impulso. Eles são muito influenciados pelas circunstâncias, os ambientes, etc. Entretanto, às vezes, esses impulsos acabam tornando-se erros irreparáveis na vida dos seres humanos. Por isso é necessário pensar antes de se tomar certas atitudes na vida.

Muitos jovens dizem viver, intensamente, o agora, sem se preocupar com o amanhã. O que eles não percebem é que esse amanhã está muito próximo e que depois de cometer-se um erro, não há como voltar atrás. É necessário ter calma antes de agir, porque para cada atitude errada há uma consequência desagradável.

Independentemente das situações ou influências, cada indivíduo é responsável por si. E determinados erros não podem ser justificados por circunstâncias desfavoráveis. Realmente existem momentos desagradáveis, mas eles devem ser resolvidos de maneira sensata e não instantânea, como muitos crêm.

O importante é saber que quando as consequências vêm, elas chegam as pessoas cometeram tais erros e não para as situações que as provocam. Não adianta tentar fugir das responsabilidades, pois cada ser humano é responsável por seus atos. Tentar livrar-se da culpa é apenas mais um erro impensado e covarde. (ALUNO C)

(SEM TÍTULO)

Vivemos em um mundo cujas diferenças são aguçadas. A diversidade sendo artigo comum faz com que, não apenas vejamos, mas presenciemos e participemos de hábitos e culturas totalmente adversas às nossas. Hoje em dia não nos surpreendemos por pouca coisa. Em um mundo egoísta, a ingratidão sobrepõe-se à gratidão em muitas situações. O que fazer para dissipá-la? Passamos por uma séria crise onde os valores sociais foram em sua maioria extintos. A raridade de bons valores e costumes atinge os quatro cantos do planeta da maneira absurda. Deveríamos rever nossos valores como seres humanos, ajudar uns aos outros, buscar algo que há muito tempo já estava esquecida, nossa dignidade.

Que mundo é esse, onde para alcançarmos o que queremos, fazemos de tudo, tudo mesmo? Não nos importamos com as consequências de nossos atos na maioria das vezes, a não ser do ponto de vista lucrativo, algo que possa dar-nos a plenitude de uma “vida estável”. Alcançar o que se quer é hoje em dia uma busca comum a todos nós. Devemos lembrar que o companheirismo, a amizade são os artigos que mais valem, e devem estar à frente de tudo. A ingratidão deveria ser algo previsto na lei, é claro que não fazemos nada esperando uma retribuição, ou, pelo menos deveria ser assim, mas o mínimo de consideração não faz mal a ninguém.

A prática de boas ações deve ser corriqueira, pois, ajudando aos outros, ajudamos a nós mesmos. Tudo o que fazemos, sejam coisas boas ou ruins, gera frutos, frutos estes que serão colhidos por quem os semeou. Cuidemos de nosso mundo, façamos o bem, ajudemo-nos uns aos outros, pois o futuro só depende de nós. (ALUNO G)

As aparências escondem segredos

As pessoas têm péssimo hábito de julgar as outras pela aparência, de falar bem ou mal delas sem as conhecer o suficiente, sem saber de sua história de vida. Quem vê os acontecimentos de fora não sabe ao certo quem fez o quê, quem é ruim ou bom, certo ou errado. Se até mesmo as pessoas com quem convivemos bastante nos surpreendem, imaginemos aquelas com quem vivemos pouco.

Muitas vezes conhecemos uma pessoa mas nem imaginamos o que ela já fez em sua vida e quais os segredos que traz consigo. Há várias pessoas que têm segredos, os quais só elas sabem em muitos casos esses segredos podem ser horríveis e ameaçadores a ponto de conseguir escondê-los tão bem que nem desconfiamos de sua existência. Porém, o segredo pode vir acompanhado de um sofrimento por ter se arrependido do que fez ou por ter guardado isso só para si.

Entretanto, muitas pessoas podem também ter um segredo de algo muito errado e não se arrepender do que fizeram, mas têm medo que o acontecido seja descoberto e das consequências que isso irá trazer. Ou seja, muitas pessoas escondem algo, pois têm medo e não porque se arrependeram. Elas se

acomodam em suas mentiras do jeito mais favorável para seguirem suas vidas, e muitas vezes tentando convencerem e si próprias de sua inocência.

Viver desconfiado das pessoas não é saída, mas não julgá-las boas ou ruins, sem conhecê-las ou saber o certo o que aconteceu, já é um bom caminho. Afinal, nunca sabemos o que as pessoas escondem por trás de boas aparências, o que faz com que todas as pessoas tornem-se grandes incógnitas. (ALUNO J)

Tempo – ajuda, mas não resolve!

Decepção, constrangimento, tristeza. Eis que há situações na vida em que nem mesmo o tempo é capaz de esquecer. Cometemos certos erros e nos sentimos encurralados por nós mesmos, pois involuntariamente a vida não nos dá mais sossego e torna-se nosso algoz. E diga-se de passagem que a sabedoria popular reforça a idéia de que “errar é humano”. Talvez isso seja mais uma surpreendente contradição que vivemos sem perceber.

É fato que muitas vezes tomamos decisões e temos atitudes sem parar para refletir se estão corretas ou não. É justamente aí onde se localiza o nosso erro, pois podemos estar sendo prejudicados por uma simples precipitação momentânea, em que a emoção toma conta de nós, e o deslize está cometido. Em decorrência, vem a preocupação, o sentimento de culpa e a dor na consciência, que – mesmo nos redimindo do erro – nos acompanham por um longo e indefinido tempo.

Resta-nos talvez refletir e aceitar que erramos, até porque dizem que cada erro constitui-se num aprendizado. E o tempo é sim capaz de muitas coisas, principalmente de fazer com que tenhamos crescimento interior. Mas é inútil querermos esquecer o passado. Sem dúvida errar é humano, reconhecer o erro é um progresso que se dá sempre com a ajuda do grande mestre: o tempo. Mas a inquietude sempre toma conta de nós. Às vezes a silenciemos, às vezes ela brota do subconsciente e nada podemos fazer.

Todos cometemos erros. Alguns não tão graves; outros, no entanto, mais cruéis. É como um vaso de porcelana, que, depois de quebrado, nunca será mais o mesmo. Assim é a vida. Assim somos nós. E tudo o que fazemos, mais cedo ou mais tarde, traz consequências. Enquanto vivermos, pequenos e grandes erros cometeremos, e o tempo passará, mas não se apagarão as lembranças e marcas que nele deixarmos. (ALUNO L)

(SEM TÍTULO)

Algumas ações podem causar-nos arrependimentos, porém, nem sempre esse arrependimento nos faz reparar o erro. Quando agimos mal, muitas vezes não nos damos conta de que aquela ação foi ruim, e, pior ainda, pode prejudicar alguém. Com o passar do tempo, podemos perceber que fizemos tudo errado. Junto a essa preocupação do mal feito e de que já não há mais tempo para repará-lo, vem o peso na consciência.

Às vezes, por inocência, ou até por maldade, fazemos coisas erradas e, na maioria dos casos, irreversíveis. A culpa pode fazer com tentemos, no mínimo, amenizar tal feito – falando a verdade escondida, devolvendo o objeto pego, pedindo desculpas a quem fizemos mal – mas também pode piorar a situação – com uma mentira para encobrir a outra, fuga de tudo que lembre tal fato. O arrependimento pode criar um rebuliço em nossa mente e nos fazer pensar nas mais diferentes saídas.

Entretanto, por vezes, o arrependimento vem e passa sem causar nenhuma ação de mudança e, nesses casos, ele é inútil, pois atormenta a pessoa durante algum tempo mas não causa nenhuma alteração real. Errar, notar o erro, e não consertá-lo é errar duas vezes, o medo de admiti-lo pode ser um dos empecilhos para o conserto. Porém, se desejamos melhorar as coisas, esse medo pode ser vencido.

Com nossa consciência pesando, podemos agir de forma sensata, incoerente ou até não agir. Então o melhor é pensarmos antes de fazermos as coisas, pois depois de ocorrido as possibilidades de retorno ficam restritos. (ALUNO T)